



24



L  
-----  
62821

CAPTÃO AUGUSTO CASIMIRO

# NAS TRINCHEIRAS DA FLANDRES

(1917)

3.ª EDIÇÃO.

*Diogo*



EDIÇÃO DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»

L.  

---

62821



Direitos reservados





France, dire ton nom c'est dire une prière . .

•

England! Near the people who are fighting  
in God's name, you lift up your sword! The  
soldiers of Portugal, grand sons of the Argo-  
nauts, brotherly salute you and sing in time the  
sure and certain victory!

•

Ó Belgique j'ai vu ton panache suprême!  
Roi Albert, je t'ai vu, — ardent chevalier!  
— Maëterlinck dira l'indicible poëme!  
— Belgique, tu vivras toute l'éternité! .

✓  
62821

NAS TRINCHEIRAS  
DA FLANDRES

## DO AUTOR:

- Para a Vida, 1906.
- A Vitoria do Homem, 1910.
- A Tentação do Mar, 1911.
- O Elogio da Primavera (fóra do mercado).
- A Evocação da Vida, 1912.
- A Primeira Nau, 1912.
- Á Catalunha, 1914.
- Primavera de Deus, 1915.
- A Hora de Nunalvares, 1917.
- Nas Trincheiras da Flandres, 1918 (3 edições).

CAPITÃO AUGUSTO CASIMIRO

# NAS TRINCHEIRAS DA FLANDRES

CAPA DE DIOGO DE MACEDO  
*EX-LIBRIS* DE CRISTIANO CRUZ

(3.ª EDIÇÃO)



EDIÇÃO DA  
RENASCENÇA PORTUGUESA  
PORTO

COMPTON  
213890

L.  
62821

A i vai êste livro. Amontoado de notas sem linha geral ou intenção precisa, marca-o a sinceridade das coisas vividas.

No meu abrigo, nas horas de calma, nas longas noites brancas, o escrevi aos pedaços, esquecido da literatura e de mim.

Ninguêm procure nele visões teatrais de epopeia. Não as vi na guerra. Só as vê quem nunca fez a guerra, esta guerra, senhores!

Eu não podia vê-las... E não quero merecer-me, e aos meus camaradas de França, a indignação com que na trincheira lemos os lugares comuns dos cronistas ausentes, palavrosos escrivães que não sabem o que seja a austera severidade dos que cumprem o seu dever na lama, no sangue, em luta consigo e com todas as forças tumultuosas e miseráveis... Perto da Morte,—essa que nos ensinou graves silêncios...

Mais tarde, se a Morte não quiser coroar o meu orgulho ardente nesta linha-calvário onde se vivem horas eternas, eu tentarei dizer o misticismo, a profundidade, a altura das almas que aí andam, divinamente presentes, dando-se, sofrendo, elevando-se, eternizando a Pátria e sem o suspeitar.

Outras horas virão mais rudes, formosas e sangrentas.

Nelas, e no drama mais vivo, a alma da gente encarnará, senhores!

E os fantasmas de Portugal voltarão os olhos surpresos para os lados da linha...

E hão de escutar, atentos...

E hão de entender um dia...

Livro de portugueses, quero, entre os retalhos do longo dia que lá se vive, pôr a minha homenagem aos camaradas que admiro para lá do meu sentido lusitano...

Junto aos ingleses temos sido os espectadores, humilhados por vezes, da sua serena grandeza.

A êles devemos a camaradagem que nenhum mal entendido ou propósito mau conseguirá maltratar.

Aos seus comandos devem os nossos soldados os elogios melhores da nossa guerra.



Por mim lembro com saudade as horas esplêndidas que lhes devo, a tantos camaradas que me iniciaram, junto dos quais me aproximei, pela primeira vez e orgulhosamente, do perigo e da morte.

Evoco os pequenos oficiais com alma de condestáveis, recémvindos das Universidades, anunciando os ataques ou um passeio à trincheira inimiga com um sorriso simples de orgulho e devoção...

Evoco um deles, forte e loiro, verso belo da grande tragédia... Entrava no abrigo em 1.<sup>a</sup> linha recitando palavras de Portugal... «*Amor perfeito... Saudade*» que lhe haviam ensinado para mas vir dizer...

Harris, do West York Shires, morto pelo *boche* numa hora de heroísmo, sepultado em terra inimiga, — meu camarada eterno...

Mae Cluski, da Escóssia, formoso Galaaz, virginal e cândido, Branton do Regimento das duas rosas, — Milne em cuja boca as palavras de Portugal tinham um sabor fraterno, — Amblers, (estou a ouvi-lo: *On va bombarder l'Allemagne...*), — Troth que fazia horóscopos, — os da verde Erin, os que voltavam de Pasaendale, Wood, mano artilheiro, tantos...

Bravos Tommys!

Generais camaradas, jovens ou de cabelos brancos!...

Meus camaradas da Guerra Grande, companheiros... Êsse livro que aí fica só quiere uma sanção, a vossa...

Mortos, irmãos caídos ao meu lado, mortos meus, caídos na minha linha, cumprindo as minhas ordens, — dádivas perenes de sacrificio e beleza, todos os mortos, ó eternos vivos de Portugal!...

DO DIÁRIO DUM SOLDADO  
MORTO  
EM COMBATE

**E**RA propósito meu ir fixando, das impressões de cada dia e de quanto diz respeito à nossa situação nacional perante a grande Guerra,—aquilo que mais tarde eu quisera ver frente às realidades pressentidas ou inesperadas e seria como o balanço das esperanças e das ilusões erguidas nestes dias para nós incertos entre um grande desejo forte da intuição do futuro, e os obstáculos que no país e fóra vem encontrando a sua realização.

Assim, seja qual fôr a solução portuguesa do conflito formidável, dolorosa ou exaltada de vitória,—estas notas valerão para mim como sinceríssimo depoimento de quanto, pela minha Alma, em mim, e pela minha frente, nestas horas supremas vai passando, entre oscilações, da mais segura confiança ao desânimo mais desmoralizado,—e à mercê do oculto jogo político quo ora favorece ora parece ignorar ou sacrificar a grande atitude, a forçosa, a necessária afirmação nacional.

Não será sem mágua, por vezes,—agora que me

resolvo, numa hora de dúvida, a iniciar estas notas, — não será sem amargura que eu direi a decepção dos espectáculos frequentes e desmoralizantes, tão repetidos neste momento em que, próximos da tragédia, prestes a subir ao sacrifício, — a indisciplina moral, a amoralidade, a intoxicação política, o abandalhado dos caracteres, só nos dá a magoada impressão dos organismos que nada retemperará, perdidos de miséria e inércia, e esquecidos de si no mais vil desvaio.

Mais tarde, com a sanção do tempo, alegrias ou amarguras de hoje, esperanças ou desilusões sombrias, terão o seu significado histórico. E oxalá certas páginas mais negras, meu filho as leia com a alegria que me faltará de certo na hora indecisa em que as escrever.

...

Ninguém, dentre os que arredaram do seu critério o ponto de vista dos interesses inferiores próprios, os do seu comodismo egoísta ou os do seu egoísmo obsecado de sectários, — duvida hoje, em Portugal, de que, imperativamente, a nossa situação política perante o novo Mundo de depois da paz, só pode ser estável e consentânea com os nossos desejos duma Pátria mais nobre senão mais forte, caso os sacrifícios destas horas trágicas nos garantam no futuro e arredem a sombra do menor ataque ao nosso património colonial, acordando o sentimento nacional, que entre nós não existe, em correntes puras e activas...

Assim começa a ser por todos aceite aquela afirmação arrojada e bela das primeiras horas da guerra: — a neutralidade, a inércia será a traição e a morte.

Presos por motivos históricos à Inglaterra, intimamente ligados à França pela comunidade diferenciada da cultura, com motivos de basto receio quanto às intenções alemãs sôbre as nossas colónias, era bem clara a indicação primeira da nossa attitude.

Fomos pelos aliados. Nas horas suspensas do avanço indomável, antes do Marne, a nossa affectividade de latinos lançou-nos, de coração aberto, ao lado dos aliados. E, ingenuamente, precipitados por vezes, — fomos, intemeratamente, os que aplaudem e não renegam o irmão nas horas de incerteza e catástrofe.

Falam de cooperação com os aliados apenas em África, nas nossas colónias, em Moçambique.

Em nome de que interesses falam? A acção militar portugueza contra o alemão em África há de ser fatalmente reduzida e desluzida, a-pesar de todos os valores que para lá levarmos. E por nossa culpa? Não, para vantagem alheia.

Depois eu não creio que o moral do que se bater em África, por isso apenas, por ser *em terra sua*, realize um valor guerreiro maior. O mal é outro. O futuro há de saber dizê-lo.

O que é necessário é realizar a cooperação em França e Moçambique ao mesmo tempo.

Os atestados de presença na França compensar-nos hão das malaventuras de África, consequência

das organizações precipitadas, do clima e dos interesses da União Sul Africana...

Há uma grande demonstração a fazer que está no sentido da nossa história.

Portugal afirmará a sua soberania moral e o direito ao futuro escapando-se à estreita órbita de satélite, mandando os seus soldados à fornalha de França.

E quanto às dificuldades do futuro, às onerosas consequências duma intervenção assim, eu deixo o argumento a quem o usa. Falo em nome das Almas.

Em Portugal a Alemanha não era odiada. Começou a sê-lo. E o aspecto supremo e último do grande duelo que principiava, adivinhou-o a intuição amável dos nossos:— o combate era entre duas organizações opostas, dois princípios hostis:— a liberdade generosa e a fôrça tirânica.

Fieis a nós mesmos, aos nossos defeitos e às nossas qualidades, as afirmações de solidariedade com os aliados repetiram-se,— e, à fôrça de platónicas e repetidas, perderam em grandeza, sugeriram divergências, animaram afirmações opostas, reforçando a corrente sombria e criminoso que em todos os países anda servindo o alemão.

Puderam os de Portugal, dirigentes ou sectários, compreender a Guerra Grande dentro do sentido português?

Que vozes disseram, diante de Deus e correspondendo à mal revelada intuição da incorruptível massa silenciosa, a verdade perfeita e vibrante, na-

quela voz que faz os sacrifícios belos e marca, de lágrimas e dôr bem aceites, os traços eternos dos pergaminhos duma raça?...

Nas impressões forçadamente colhidas ao desdobrar dêstes impacientados dias, — predomina a do que em Portugal não se entendeu a guerra ainda.

Somos demasiado simples para negar a França ...

Mas como tanta vez se defende a Alemanha atacando a Inglaterra!

Guerra comercial, Cartago, interêsses, egoismos ...

Palavrões, palavrões sem geito, e uma verdade aparente, superficial, sem eternidade ...

O grand drama, no seu sentido profundo e religioso, porque só as almas o entenderiam, ninguém o suspeita, ninguém o sabe ...

A Bélgica, Reims, a França, os horrores duma moral de crime, a rude nitidez da profissão de fé germânica, ninguém os suspeita, ninguém os conhece ...

Parecem cordeiros imbecis elogiando um lobo. Suicidas! Suicidas!...

Alguns ingénuos lançam o *cave!* surdo e alar-mado do oiro alemão semeado, espalhado entre nós ...

Ingénuos! Em Portugal trabalham desinteressadamente aqueles que são os melhores agentes da Alemanha sem o saber ...

Dinheiro alemão? Mas o dinheiro alemão serve para remover os obstáculos que não cedem por si, a fôrça consciente dos caracteres onde ela existe, e para abrir brecha, fender a unidade moral, a con-

fiança, a fé patriótica nos povos que a teem . . . Não, não acredito.

Trago de Tancos uma impressão cheia de promessas.

Nas barracas, nas tendas de campanha, nos descansos à sombra dos pinheirais, entre duas manobras, os oficiais discutiam, falavam.

O soldado repousava, dormia ou cogitava.

Um dia quis experimentar-lhes o entendimento da hora que passa.

Contei o horror da guerra e a grandeza do sacrifício aceite, através de tudo, a partida para longe, a ausência dos nossos, o horror da trincheira, os gases, a morte.

Era, numa vasta charneca, um pelotão abrigado na dobra ligeira duma ravina enquanto os 7,5 faziam a preparação do avanço final.

Sol de Alentejo, calcinado e ardente.

De propósito lhes representei o horror da guerra, a dureza de tanta provação aceite . . .

A morte pairava nas nossas almas, punha uma sombra severa em cada olhar.

Palavras de chefe, as minhas traíam, talvez sómente o orgulho de sofrer pela minha terra, o abraçado orgulho dos cavaleiros.

Eram todos calados. Pálida, a esboçar uma ironia canalha, mas tímida, dominada por um íntimo melindre, no receio de ser ouvida, — uma voz disse:

— Ora, morrer! A vida é só uma! . . .

Os olhos dos outros protestaram todos . . . E al-



gumas vozes, num repelão, agressivas, violentas, mas íntimamente filiais e suaves...

— «Qual? É a nossa terra? Então um homem não tem coração?»

Agosto — 1916.

A divisão de Tancos aguarda a partida para França. Vão mobilizar, ainda êste mês, dez mil homens de Infantaria para reforçá-la.

Quando partiremos?

A. C., ontem em conversa com C., manteve a maior reserva quanto à partida das tropas, deixou perceber que nada havia de definitivo.

Que obstáculos enormes impedem a realização completa do plano admirável? De ordem interna, não os vejo. A guerra não é popular. Só uma minoria compreende hoje a vantagem, a absoluta necessidade da nossa intervenção. A maior parte das classes médias supõe essa intervenção o criminoso resultado duma cabala beneficiando apenas os republicanos que a defenderam e promovem. «Irão vendidos» dizem uns. «Sem o menor entusiasmo».

Outros, afirmando a sua convicção de que nunca sairemos de Portugal para combater em França, confiam haja alterações na política nacional, rebeliões, insubordinações de tropas ao aproximar-se a hora da decisão.

A grande maioria espera, sem entusiasmo, ausente e muito distante da compreensão do momento e das razões que devem, — a querermos servir os

interesses portuguezes, — levar-nos irremediavelmente à guerra.

Estas razões, se nos não decidiu o sentimento, difficilmente determinam, na barafunda dos ódios e interesses do sectarismo político, — aquelles a quem faltou a serena exposição do que se passa, sobrando-lhe os elementos de discórdia mental e as sugestões doentias que obscurecem as intuições claras do patriotismo.

A entrada de Portugal na Guerra, não tem as simpatias, a solidariedade do país que se diz culto... No entanto o 14 de Maio deu-se para levar Portugal à beligerância, e o povo das cidades disse já, por mais de uma vez, a sua dedicação aos aliados. Os restantes, os analfabetos, rude gente dos campos e montanhas, não perderam o sentimento essencial que os fará marchar, salvando tudo.

Só uma minoria isenta de prejuizos políticos compreendeu a situação. E, com ela, o povo iletrado e rude dos campos, adivinhando, na sua ignorância, como a Pátria corria perigo, suggestionado por actos de hostilidade que as classes médias não querem ver e afrontas que o próprio exército perdoou até.

De qualquer forma, à ordem do partida para a França, as nossas tropas marcharão.

Sem entusiasmo seguirão muitos dos nossos officiaes e soldados e, fóra de Portugal, saberão os segundos encontrar as razões que lhes moverão o orgulho e valor esquecidos, — e os primeiros aprenderão a melhor sentir a verdade que suspeitam já...

No entanto a incerteza do governo, o vago do

certas afirmações, ou os desmentidos que a realidade opõe a outras,—deixam viver, aumentam e protegem a cultura dos mais desencontrados juízos.

O A. L. dizia-me hoje que A. C. comete a falta criminosíssima de falar ainda na intervenção quando sabe que nunca chegaremos a intervir. (A. L. agora é monárquico).

Os incertos e os que se negam perante o sacrificio belo e necessário, continuam a afirmar que a nossa participação na guerra não passará de planos.

Estes falam apenas em nome da sua indecisão.

E esperam acontecimentos, vergonhas... Desejam-nas.

Grandes serão os obstáculos que o Governo encontra, a contrariar a efectivação do seu programa intervencionista.

Quanto pesará, entre êsses obstáculos, a vontade da União Sul Africana, cubiçosa de territórios em Moçambique (Lourenço Marques), e a opinião daqueles políticos ingleses que preferem decerto, a um Portugal enobrecido perante o Mundo e fortalecido perante as ambições alheias,—o antigo Portugal, quasi protectorado, sem direitos e à mercê dos mais?

O esforço financeiro da intervenção portuguesa será feito pela Inglaterra, agora. O nosso esforço militar valerá aquele?

Os soldados franceses e ingleses, desiludidos, segundo conversas ouvidas a permissionários, comecem a não contar comnosco...

A intervenção só a nós favorecerá. E se os nos-

pos políticos vencem todos os obstáculos e nos levam até à frente da batalha, Portugal pode considerar-se salvo.

Uma vez ali, tudo o que há de doloroso e amoral em nós se temperará e exaltará de tragédia.

Se há temperamento, carácter em Portugal...

É interessante ver como tem evoluído a opinião de certos políticos quanto à guerra.

O germanofilismo, feito de cega admiração, acuado de espanto perante a grandeza militar alemã, e dominado pela instintiva solidariedade inconsciente dos princípios, — desejou a vitória alemã com ardor, contou com ela, afirmou o ódio à Inglaterra, clamou que nunca das mãos da Alemanha nos viria uma parcela do mal que a Inglaterra nos deu e nos reserva.

A. L. — em Agosto de 1915 pontificava, assegurando-me a sua inquebrantável certeza da vitória alemã, — a necessidade, para o mundo, da vitória alemã, e a existência, para nós, do perigo inglês.

Hoje, A. L. — apenas afirma que da Alemanha, antes da beligerância, mal algum nos viria. Proclama a nobreza política do Senhor D. Manuel de Bragança, que diz ter estado sempre onde é hoje, — pelos aliados sempre. Está convencido já da necessidade suprema de intervirnos. Diz no entanto que a Inglaterra não quer o nosso concurso. E que as nossas tropas não estão nas condições morais precisas para aguentar as provações de guerra. O A. L. é inteligente mas os seus juízos não se fixam... Fala-me com toda a franqueza.

...

Passei hoje uns minutos com um aluno da Escola de Guerra — meu contemporâneo de Coimbra, surpreendido pela guerra na Bélgica onde tirava um curso.

Falou-me do entusiasmo dos belgas quando os regimentos partiam para a fronteira.

As mulheres aclamavam-n'os. Davam vivas à guerra. Dias depois, aquando o desembarque dos ingleses, — uma senhora dizia-lhe: « O seu país, todos os países virão em nosso socorro, não é assim?... »

Referiu-se ao moral dos seus camaradas na Escola. Não tenta falar-lhes da guerra.

Os lentes não ousam dizer uma palavra de preparação moral.

Um dia, nada disto se acreditará.

Indigna a atitude espectante, contemporizadora dos que governam.

Pois não sabem que imenso charco é êste?...

Só a decisão nos salvava, a daquela hora em que, insofismavelmente, tivéssemos de partir. Só a tragédia salva isto.

Os que são sem alma, suggestioná-los-há o meio. Embarquem mil fardas, mil coizas, inertes, apáticas, desmoralizantes ou desmoralizadas. Ao desembarcar em França teremos 500 soldados, 500 homens, e depois do primeiro assalto sê-lo hão quási todos.

Todos somos culpados. E não podemos acusar. Ninguém. Covardia? Cómodo apêgo a um remanso

de vida que caracterizava a nossa existência militar?

É inconsciência, desconhecimento propositado dos nossos mais altos interesses, dos mais imperativos deveres para conosco e para com o Mundo?

Intoxicação política?

Secaram no peito da nossa gente as fontes vivas de idealismo e aventura que nos perpetuaram na glória?

Obliterou-se então inteiramente a consciência dos mais imperativos deveres?

Todos os suspeitam. Poucos querem, porém, admiti-los, realizá-los.

É que o ódio político e as incompatibilidades das seitas torceram tudo.

E não terão até os próprios que hoje firmam a necessária atitude contribuído, com os êrros seus, para a exacerbação do conflicto em que o sentimento pátrio e a dignidade nacional sucumbem?

Não temos de ponta a ponta de Portugal, ateado e alto, um incêndio de exaltação patriótica.

A classe média, pseudo-culta, não compreende, não vê a instantaneidade da nossa intervenção militar, até aos maiores sacrifícios possíveis. Há quem fomente, nos limites da sua indecisão covarde e medo de afirmação,—a idea da rebelião perante a ordem do primeiro embarque. Há quem lance tenazmente a *sua* certeza de que jámais partiremos.

O povo espera; se não arde em entusiasmos bélicos excessivos, é a única grande camada livre do grande contágio e que compreende, sabe. . .

Pois venha a ordem do primeiro embarque. Mandem-nos partir!

Seremos outros. Partiremos todos...

A-pesar de tudo...

Alguns, no mais íntimo de si mesmo, suspeitam, acusam a insinceridade dos dirigentes.

O estado de guerra português é uma *blague*?

Quais os culpados?

Por que motivo se não diz claramente a razão de todas estas indecisões desmoralizadoras, destas expectativas que só fortificam a argumentação dos covardes?

A verdade é que se deseja por aí o fracasso de toda a obra do govêrno. É preciso que o soldado deserte, o estrangeiro nos despreze, a nossa organização seja de toda a forma entravada. É a Alemanha que o deseja? E pedem esclarecimentos, livros brancos, luz plena... Como se houvesse luz para a sua cegueira propositada... Como se pudesse alguma coisa, nesta altura, fazê-los ver...

Não querem, não querem ver...

Melindres, dignidade nacional, razões que não devem dizer-se... Não, meus pobres fantasmas gesticulantes e doridos!... Que vos importa a Pátria? Quem vos deixou assim, que veneno vos perturba tanto?

Em Portugal admira-se demais a Alemanha.

Ou esta admiração foi sómente improvisada para dar uma base à hostilidade interessada dos bandos



políticos cuja atitude, agora, é apenas a consequência de serem na oposição?

Se um dia tiver a honra de bater-me, o meu ódio será apenas o meu interesse de vitória dobrando o meu esforço. Não cometerei uma violência inútil. O inimigo vencido é um camarada e irmão.

Mas esta simpatia, esta indulgência para processos *deles*, esta admiração de olhos dilatados, em certos *cultos*, pelo que é o alemão...

Que miséria!...

Soube hoje, garantiram-mo, que uma missão aliada vai chegar a Lisboa e se aproxima a hora das realizações decisivas.

Norton de Matos aparece-me como uma grande força traída, inaproveitada na atmosfera contrariante, inerte, surda de más vontades...

Tantas, tantas!...

Vejo-o como um elemento essencial de esforço e tenacidade, doloroso ao meio da hostilidade negativa da maioria. Vítima de que faltas? Das suas? Não, das dos outros, do egoísmo alheio, da miséria alheia, da atonia geral... As suas faltas, por graves que sejam, o tempo há de perder a noção delas, atenuá-las, esquecer-las. São as faltas dos homens que encarnam uma vontade, um plano, uma idea histórica, ao meio da miséria geral e face aos próprios defeitos inevitáveis.

Partamos ou não, ficará como uma figura vencedora e distinta nesta hora sem vincos. É um homem.

Ouvi-o há dias de novo. Impetuoso, é capaz de



não saber reprimir, ministerialmente, num momento exaltado, as palavras que se prestam aos ataques bifrontes, ajudando o adversário. . .

Nunca lhe ouvi uma palavra que não fosse serenamente inarcada do seu interêsse de ver todo o exército unido, sem distinções. . . Não o conhecem, não querem conhecê-lo.

Tanto ódio! Chegará a revelar-se um dia, a dizer-se todo na hora tumultuosa duma aparente desforra?

Na amargura ou triunfo dos dias futuros, Norton de Matos aparecerá a uma luz diferente, toda em sua honra. Creio-o para lá de tudo. O ódio que o cerca, nas criaturas morais e probas, é sem fundamento, como um reflexo involuntário e forçoso do que refere nas almas vilmente interessadas. . .

O Major M. . . dizia-me há dias: «Em Portugal todos os valores andam subvertidos. . . Taras, eclipses de sentido moral, indisciplina, vaidades. . . Admiram a Alemanha por snobismo, por interêsse político, por ódio. . . Se fôrmos à França hão de caluniar o valor dos nossos para ter a infernal vingança de exaltar o alemão. . .»

E Teixeira de Pascoais, português e lusíada, por várias vezes, na *Águia*:

«Todos os portugueses amariam a causa dos aliados se a superstição política não obscurecesse o nosso espírito. O grande erro é não atingirmos a vida patriótica. Não vemos as Pátrias, porque a nossa mioopia só nos permite ver as formas de governo. Se sou republicano, defendo a França. Porque amo a França?»

Não. Porque amo a República. Se eu sou monárquico defendo a Alemanha. Porque amo a Alemanha? Não. Porque amo a Monarquia. »... »

« O português ou ama a Republica ou a Monarquia. Se é republicano é francófilo; se é monárquico é germanófilo com algumas honrosas excepções. »

« O português é profunda e lastimávelmente partidista. Trocou os *Lusíadas* e a *Bíblia* pelo *Século* e pela *Carta*. . . »

« Não há portugueses. Há políticos. Vale mais para nós o predomínio do nosso partido do que a honra e a independência da Pátria. Se a vitória da Alemanha assegurasse as instituições republicanas não haveria um republicano que fosse francófilo. Se a vitória da França restaurasse a Monarquia, entre os monárquicos não haveria um germanófilo. Não há portugueses. Há políticos. A nossa terra é um cenário de acaso, onde se representam egoismos, falcatruas, misérias. . . »

« Portugal não existe; existem partidos. . . »

É verdade. É assim. E em Portugal não há germanófilos. Há actos inconfessados de autêntico germanofilismo.

O Poeta disse palavras eternas. Verdade, Verdade! E por esta pátria fantasma, por esta ilusão, valerá a pena morrer? Meus camaradas, meus pobres camaradas. . .

Olho o futuro. Seco os meus olhos.

Meu Santo Nun'Álvares, não foi na mesma hora

face à mesma miséria, às mesmas insciências, que tiveste o gesto iluminado de Pontével?...

O futuro espera, é preciso guardá-lo...

Sacrifícios inúteis, fé inútil, gestos desamparados?!...

O Futuro espera—(Pátria, Pátria, eu sinto, eu ouço a tua voz chorosa..) —os nossos filhos o dirão depois...

21 de fevereiro, 1917.

Começou a mobilização da minha unidade.

Poucos a esperavam tam súbita. Os corredores das casernas andam cheios de gente.

Uma grande severidade em todas as faces.

Alguns olhos vermelhos de lágrimas. Os soldados riem, dum riso tumultoso, excitando-se. Faltas mínimas. Comparecem todos. Alguns largavam da última valsa em baile de carnaval, tomaram a trouxa e estão aqui...

«O pior é largar um homem de ao pé das mulheres... Tanto chôro!...» E um que passa... «Vamos lá até essa França... A ver se me recordo do que por lá vi em pequeno, antes de nascer...»

Pus-me a observar as atitudes dos meus camaradas em face da ordem de mobilização para embarque. Os mais entusiastas resolvem tudo, dobram a facilidade desta pesada tarefa que é vestir tanto homem, encaixotar, pôr em ordem, com tam pouco tempo, toda a impedimenta dum batalhão que parte.

Dos outros uns protestam, sem convicção, contra o imprevisto de tal ordem. Outros despedem-se das famílias...

Passei a noite em braneo. Os meus homens estão prontos. Vou passar pelo sôno, uma hora. Devemos partir ao meio dia...

Mal dormitei. Sôbre o meu quarto fica o de minha mãe. Os seus gemidos não me deixaram sossegar... Chorei... Mas sou tam feliz!

O Batalhão está formado. Chegam, roubados ao último abraço, os derradeiros homens.

Parada, ruas, avenidas, tudo cheio de gente.

Soluços, olhos rasos, ansiedade...

Porque me pesam e me revoltam estas lágrimas? Minha mãe, de quem me não despedi, chora também, sósinha, a esta hora...

—Tenham pena de nós... deixem-nos partir alegres! Vá, não chorem!...

Sol de oiro... Marcho à frente dos meus homens, cabeça alta, todo fremente, olhos embaciados.

A minha alma vai como um estandarte ao vento...

Em gritos vivos de carinho ferido, uma mulher esbraceja, cai desmaiada...

Tanto grito de Amôr, gestos de desespero, mãos postas implorando!...

Cá vamos, não chorem!.. Cá voltaremos!

E há abraços que roubam os homens à marcha.

Feições contraídas, rudes, brutais para dominar a emoção, os soldados libertam-se.

Sofro. Vou cheio de amargura. Nunca senti tam clara a minha alma.

Será já o calvário, o despertar para êste povo?

A estação repleta. Passamos a custo.

Os choros cessaram. Fez-se um grande silêncio. Os homens parecem outros, desfigurados, maiores. A multidão é uma grande face pasmada.

Que grande corrente se estabelece entre ela e os soldados?

Pátria! Pátria! Pátria!

22 de fevereiro.

O transporte continua acostado ao cais. Chegam novos batalhões... Ao longo do rio, negros e enormes, outros navios esperam.

O sol doira o Tejo, a cidade, as nossas sandades. Subo à ponte, ao *spardeck* mais alto...

Os Jerónimos? a Torre?—quero vê-los, vê-los!

Uma animação enorme, quente e irrequieta, vai pelas cobertas.

Os porões, os dormitórios, são quási infectos. É a guerra, vamos!...

No cais, frente aos navios, o mesmo pasmo, o mesmo silêncio comovido e devoto...

Um *destroyer* passa, cortando a água, e outro, e outro...

Lento, muito lento, o transporte afasta-se da muralha, num grande ruído de vozes, cabrestantes, sereias... Pica direito ao meio do rio...

A multidão estruge em aclamações, chóros, acênos... Lenços brancos sôbre olhos marejados, braços com bandeiras...

Pátria! Pátria!...

Pela cordoalha, nas cobertas os soldados, oficiais na ponte, choram e riem.

Alguns silenciosos, vincados, sentindo a atmosfera diferente, isolaram-se, andam sósinhos...

Se eu pudesse encontrar as palavras de bom conforto, erguê-los, afagá-los...

Mas na tristeza emudecida de alguns, parada e morta, há uma hostilidade involuntária... Sei lá...

Sol Poente... Barra de oiro e púrpura...

Lisboa palpita, estremecem-lhe as pupilas inúmeras, reflectindo o poente...

Lá de cima, com as águas rolando, a noite desce...

No *spardeck* da pôpa os oficiais olham a terra que se morre na sombra crescente, essa outra ausência.

Andam os corações entumescidos de amargura e saudade... Em alguns há uma revolta inconfessa e impotente.

Praia do Restelo! Praia do Restelo!

Os navios abalam... Jerónimos, Torre de Belem, espectro da Aurora nascente...

E a terra passa, fica, os soluços mudos largam o vôo... O coração dilata-se...

Ah! — que dôce embalo! . . . Que nau nos leva? . . .  
É o mar! . . . É outra vez o mar! O mar! . . .

...

Terra de França. . . Na escuridão, pontuando a  
massa espessa, estremezem sinais, faróis. . .

Oficiais portugueses sobem ao nosso navio.

Cinzenta e suja, sôbre o pôrto vasto, ao longo  
do mar, estende-se a cidade, sobe ao alto, paira no  
Sol mais pálido. . .

Nos cais andam soldados nossos. . . Tam sujos! . . .  
E saúdam os que chegam no bom sorriso da nossa  
terra, dão explicações, fornecem elementos que fa-  
zem rir o soldadinho ao alto. . .

Uma fôrça de infantaria da Marinha Francesa  
com banda, veio formar diante do nosso transporte.

O nosso hino! Como é belo!

E a Marselhesa! O Sol é mais claro. Entra-nos  
dentro do peito.

Vá, rapazes, quem não há de chorar? . . .

E os gritos ecôam, possessivos, exaltados, cheios  
de sol. . .

França! França! Pátria! Portugal!

## O NOVO RESTELO

«Praia de lágrima e de prazer...»

JOÃO DE BARROS. — *Décadas.*

**D**E nós mesmos, e da nossa alma, ignoramos sempre alguma coisa. As palavras que durante muito tempo disseram, esboçaram, uma atitude ou um sentimento, — horas há em que se perdem, apagadas, ao clarão inesperado e dramático da realidade vivida.

Partir é um momento dêsses, a hora da largada é uma hora assim.

A consciência do dever que manda, o orgulho do sacrifício maior que exalta e embeleza, esta excedência de alma heroica que faz calar o egoísmo do amor erguendo-o a não imaginadas alturas, — tudo é silencioso, cala e se entrega, rendido, perante a brutalidade pungente.

A multidão, à roda, é silenciosa, como o coração suspenso da região que sangra, e, a cortar o silêncio, de vez em quando, já amainados e domados, os gritos dos simples, sem domínio, daqueles em que a dôr rebenta, se despenha e exagera como as águas libertas por sôbre um dique derrubado galgando uma campina vasta.



Na fisionomia múltipla da multidão compacta, nervosa, na face enorme e branca, há uma fixidez severa e solene.

As palavras saem dos lábios repassadas duma austeridade inédita, quási religiosa.

Homens desvairados quotidianamente pelas ilusões mais diversas,—ali, na estação apinhada e silenciosa, na comoção profunda, porventura assistem ao milagre duma revelação.

Os mais ligeiros, os mais adormecidos, acordam, são diferentes.

Uma expressão nova enobrece-lhes o rosto. A asa da morte e do além-mundo roçou aquelas almas. Em cada sêr um sentido de tragédia define-se, desvenda-se um mistério, um véu tomba...

Os que partem vão afrontar a morte e sorriem, serenos. Os soldados, no ruído moço e inquieto da sua turbulência, refreiam o tumulto, domam o canto, porque na turba há mães que choram, olhos que estagnam lágrimas, músculos esculpturados em vincos de domínio...

De vez em quando um grito, um choro mais alto...

Quem parte anima, quem se vai é que exalta e domina. E quem parte sabe onde vai. Aqueles centenaes de moços ouvem, para lá das palavras e do espírito, a voz imperativa da Pátria cujo nome não profanaram nunca, e que ninguém lhes ensinou.

A Pátria, o dever!... Estas palavras resgatam o seu maior sentido, irrevelado e prisioneiro, até ali, no horizonte menos puro da vida quotidiana.

É preciso marchar...—E se há perigo, a beleza

está em sorrir ao perigo, em ir para êle de alma alta!... Só a bôa atitude salva o chama a bôa sorte!

A *mascotte* dos soldados de Portugal é a serenidade severa enquanto os que ficam se calam e as mães e as esposas choram,—o é a alegria ruidosa, consciente, tocada de gravidade profunda, que os leva agora, na hora em que escrevo, em pleno mar, sob a ameaça próxima, serenos, contentes, risonhos, dignos do meu sonho e da alma dos avós...

Mas na hora da partida, sim, na *gare* apinhada, em que um só coração pulsa a mesma ansiedade e se suspende pressentindo a vida eterna das almas e a grandeza dantesca do momento, os soldados calam, não cantam, só a sua calma, a sua serenidade dizem triunfo, consciência, vontade de milagre, e falam de Portugal...

Depois, por fim, marcando o sinal dum redobre de gritos femininos, silva o comboio, sobressaltam-se as carruagens, a longa fita negra, como uma serpente, lânguidamente, abala... E a palavra *Pátria*, gritada, exaltada, vibrada em alma através dos lábios abertos numa eclosão violenta,—antes de nos ferir, no tumulto enorme, os ouvidos cansados, ecôa nas almas, repete-se no íntimo de nós...

Olhos húmidos, lágrimas que afloram... Pobres dos que ficam!—A tristeza deles! E no gesto, e nos olhos, nos gritos vivos de sentimento que levantam, há uma dôr de amôr ferido,—vemos nos olhos deles não a compaixão pelo nosso destino de soldados, mas a momentânea consciência de que vida mais alta é a nossa, mais bela e mais de Portugal...

Mulheres erguem os braços num adeus frenético, de naufrago. . .

Uma máscara rude, vincada, fixa, só os olhos a animam, enormes, dilatados de dôr, na face pálida e dolorosa! E os olhos dizem domínio, vitória absoluta. É uma mãe que vê o filho partir e que uma vez afastada a carruagem que o leva, tombará inerte, desfeita, vencida do seu heroísmo.

Além, as palavras de Amôr, as palavras eternas, doces, dos poetas maiores, saem da bôca simples das esposas que ficam.

—Flôr da minha vida!

—Meu Amôr!

Mulheres da minha grande terra portuguesa! São mulheres do campo que assim falam, deslumbradas de Amargura e Amôr! . . .

O comboio, mais rápido, vai a entrar na ponte . . .

De pé, firme na areia branca do talude, — descalço e rôto, um barrete esfarrapado na mão que se agita, convulsa, ao alto, como um estandarte, — moreno e pobre, formoso e eterno, um moço ergue-se . . .

Os olhos desmesuradamente dilatados são noites incendiadas. Entreaberta, a bôca diz a respiração opressa das comoções intensas . . . — Olha-nos possesso de espanto . . .

Firma-se mais na terra e os braços ao alto como bandeiras vivas de triunfo divino, num grito que na hora da morte ouviremos ainda, brada:

—Adeus! Rapazes! Uma alma grande! . . .

Olhámo-nos. Fitámo-nos em silêncio.

Éramos duma nação em que um desvairo suicida nos afastára de nós mesmos... Desconhecíamos-nos. Caluniávamos a raça... Esquecíamos o passado e negávamos a alma.

Ah! mas acordávamos agora!...

O povo era ainda o mesmo, o da Aventura Grande, o da Epopeia eterna!

As horas de ouro iam soar de novo.

O milagre luso, a aleluia portuguesa, — (para lá de vós todos, medíocres, scépticos, políticos, que não suspeitais a Pátria nem respirais o vento largo e heroico do perigo,) — há de dar-se, é fatal, porque o sentimos à nossa roda e o quer o povo e o exige Deus!

Mar alto. Zona bloqueada. Sol entre nuvens. Pequena vaga. À frente, fiel e incansável, o nosso *destroyer*, percorrendo o caminho, farejando a ameaça que se não ergue nunca e é latente, próxima...

Nas cobertas os soldados, a maioria deles repousa. No convés da prôa, sôbre a espuma branca, sôbre as ondas rasgadas, cachoando em sangue alvente, um *harmonium* de Portugal geme e canta, ala-se em melodia...

Ao seu canto suave de lirismo e saudade, numa pequena roda, cantam os soldados, dançam, batem as palmas, viram... Sôbre as grandes escotilhas do porão, fechadas, bailam os soldados cantam os moços da minha raça...

A meia nau os sargentos entoam a *Portuguesa*.

E à pôpa, como na prôa, geme um *harmonium*, cantam vozes iguais...

A meia nau, sob a ponte, onde os marinheiros de Inglaterra vigiam, — os oficiais conversam...

Um, erguendo a voz no concêrto das vozes amigas, sentindo à roda a grandeza sagrada do Mar a ilimitar-lhe e a sagrar-lhe as palavras, dando-lhes um sentido mais alto, — evoca Nun'Álvares, a aleluia de Aljubarota, o milagre da Pátria surgindo em plena vitória de assombro contra a inconsciência e inércia dos obstáculos inumeráveis...

E uma voz, a mêdo, a mêdo revelando dúvida, disse:

«—E onde os Nun'Álvares de hoje, onde são êles?»

O primeiro olhou o mar enorme e divino, sob o céu cinzento. E uma voz ergueu-se, uma voz de verdade a trasbordar em alma, e o seu braço apontou a prôa onde cantavam soldados, e a pôpa onde se levantavam cânticos...

—Ei-los, além, amigos, os novos Nun'Álvares, — os que se desconhecem e vão na vontade de Deus!

## COM O TEMPO

(EXCERTOS DE CARTAS FAMILIARES)

### I

Fevereiro

**U**LTIMO dia da viagem marítima.

Da segurança absoluta em que viemos, sem ter percebido a realidade próxima de qualquer ameaça, por um mar sem ondas, só direi que foi admirável. E admirável, perfeita, a atitude dos rapazes cantando e bailando à pôpa e prôa, melhor que todos, dignos da grandeza do mar e desta hora suprema.

De ti, da nossa despedida em que soubeste ser tam digna do nosso Amôr e do meu sonho, — tenho na alma ainda a claridade, o encanto heroico.

Vejo-te chorar num sorriso e sorrir entre lágrimas . . .

A fôrça, ao *élan* da minha alma, deste a sagração feminina, materna, dolorosa e bela, da tua dôr vencida . . .

Amo-te nessa beleza, nesta claridade . . .

Sê alegre, serêna e forte e cheia de confiança. As almas não morrem. Quando o amôr as deslunbra e consome, vencem elas a morte.

... de Março.

Cheguei ao meu primeiro acantonamento de França. É domingo. Alguns homens ouviram missa e, na pequena igreja, foram duma correcção que encantou o cura.

Estranham-nos o ar comedido, afável, amigo...

A povoação estina os nossos rapazes. Sorricim-nos à porta de cada casa... Nas conversas começam a lembrar-se dum pequeno Portugal que teve um *prince Henri* e fez coisas grandes... Afinal não somos indianos...

Há pouco uma mulher que saudei, passando com o professor da terra, convidou-me a entrar na sua casa... E mostrou-me o retrato do filho morto em Verdun.

Fui visitar os professores. Que bem nos recebem e como se mostram felizes da nossa simplicidade franca e da nossa pronta alegria!

...

Aqui ouve-se o canhão. Esta uota heróica dá a medida da severidade dos meus dias. No fogão do meu quarto arde a hulha e a minha cama flamenga alveja, molczinha, do linho mais fresco e acolhedor... Há um silêncio enorme. Só de vez em quando, de muito longe, algo chega até nós pela noite fóra e faz esticmecer as vidraças, dolorosamente como uma coisa longínqua a fazer-se lembrar...

Hei de contar-te...

...

Acordo. A bôa e risonha Madame Forestier abriu as persianas e eu vejo a neve, a neve, num esplendor, pela primeira vez...

Começo o meu trabalho. O fogão canta... Sinto-me feliz.

...

Aqui, onde mal se conhecia Portugal, tratam-nos carinhosamente já. Visitamo-nos, saudamo-nos nas ruas, sorriem-nos. E eu começo a ver como somos os bons embaixadores de Portugal.

Mas como nos desconheciam! Supunham-nos sem exército, sem instrução, sem cultura... O Amôr que temos à França surpreende-os de gratidão.

Sinto que somos melhores fóra da nossa terra, quando nos revelamos simplesmente, com sinceridade, dando-nos.

Começo a sentir subir, de novo, o meu optimismo. Os defeitos dos Portugueses são maiores e existem, a valer, só em Portugal.

...

Para quê tristezas? Tudo o que pode entristecer, embora da mais comovida tristeza, a nossa alma, é um pecado, porque há alguma coisa que espera e exige tudo de nós...

Nesta suave emoção da vossa lembrança quero



sentir apenas que só por vós eu busquei estas horas, pelo nosso filho, pelo nosso Amôr...

...

Esta ausência, p'ra nós, deve ser um calvário. Os calvários redimem. Tu sabes, tu sentes, adivinhas esta plena alegria de dádiva constante que em mim canta e de mim faz um homem diferente, melhor.

Ah! a alegria do orgulho! Quem a compreenderá bem num estranho, e sem a deprimir, não sentindo esta excedência, êste equilíbrio que tudo resolve, não desanima nunca e enche de luz quanto aflora?

Os meus homens... Só peço e espero uma coisa: que estas duzentas e cincoenta vidas sejam sempre comigo. E que o amôr de Deus e a minha fé, em face da morte, façam deles, da maior parte deles, outros tantos heróis. Sinto, vejo que renascem outros. Vivo, ardo, dou-me todo... Os meus homens já os distingo entre os outros... Deus me perdôe o orgulho...

...

Mais um dia passou sem ofensa para a minha alma ou para o meu sonho... Ei-lo que finda docemente tocado da tua lembrança e duma íntima saudade...

A saude—inquebrantável, que o exige a alma. Porque, para chegar ao fim pelo melhor caminho, ao fim mais belo, é preciso que o nosso egoismo

seja apenas o de nos conservarmos fortes e contentes para bem sofrer nas horas duras. . . .

Sei que outras dores sem nobreza me esperam. . . Desilusões transitórias, obstáculos. . . Sou sózinho de mais e não existo só na terra. . . Compreendes? . . .

Mas não sacrificarei a nada o meu orgulho, o meu orgulho humilde, humilde, humilde. . .

Nesta hora doce de saudade e cristianíssimo cansaço, sinto-me, sou feliz. O perigo, a Morte? Aqui os homens partindo para a morte cantam. O perigo não existe. É uma ilusão dos que não teem fé.

. . .

Mais um dia como todos, sempre um pedacinho vitorioso.

Saíram agora do meu quarto o médico e o capelão. No domingo teremos já missa na velha igreja que um cemitério cerca. E nesta bôa, fraterna comunidade de crenças diversas dentro da grande Fé, passamos horas admiráveis de conchêgo. . .

Os meus homens esplêndidos. Sob as granadas serão o mesmo ou melhores. Porque então será mais perto de nós — o Céu.

Abril.

Neve, neve, tudo branco. . . E cá dentro a lembrança de que em Portugal anda a Primavera florindo tudo sob um céu diferente. . . Saudades. . .

Veio a tua carta, cheia de serenidade e confiança, veio até à minha alma como um bálsamo e um filtro de coragem. Quero sentir-te sempre assim, meu Amôr... Forte duma fôrça maior que a do nosso egoísmo, porque tem a altura da vida toda e vem de Deus, vivendo as minhas horas, respirando a beleza religiosa e eterna destes dias suprêmos em que a vida é negada e crucificada para sua redenção e glória do Senhor.

Tenho lágrimas nos olhos. O meu coração é cheio de tumulto, um generoso, impetuoso tumulto...

Nunca, nunca senti Deus como agora, nem a minha alma respirou um ar mais puro e forte...

De mim mesmo, como fôlhas secas, caem os preconceitos, as mentiras... Sinto-me fraterno, puro...

Que ficará de tudo isto nas nossas almas?

¿Que desvairadas, eternas palavras deslumbrantes vão florir nos lábios dos Poetas e nas almas dos que vivem em Deus?

E a Morte é a Beleza, uma raça que quiere balbuciar uma reza, soldados que são Cristos risonhos fazendo a redenção duma Pátria sem o saber...

Chegou a tua carta toda clarinha de alma. É assim que te quero sob os olhos de Deus. «*A morte? a vida? ... Seja o que Deus quiser*». Deus que está no teu amôr, nas tuas preces e no teu sagrado egoísmo de amante e do mãe... Será o que Deus quiser. Ele quiere que eu viva com toda a minha alma. Assim eu vivo. E é um deslumbramento. Se olhos estranhos ultrapassassem, pudessem devassar os limites da aparência que a tantos me escondem, ficariam deslumbrados...

Os soldados sorriem-me nas horas em que a minha dureza de chefe tomba... Os meus camaradas dizem-me, em palavras amigas com que tentam iludir a consciência das verdades inegáveis a gritar-lhes na alma — *que sou o único...*

Êles não sabem, êstes excelentes rapazes, como apenas sou a voz das verdades profundas que trazem dentro de si mesmos... As verdades que o tempo há de ofertar, nítidas e resplandecentes, à sua ve-lhice deles e aos que virão depois...

Deus que me deu a fé não quis dar-me a auréola que convence, intima, reduz, iluminando os corações e as dúvidas...

Quando subirei à Montanha?

A minha sando esplêndida. Tudo corre admiravelmente mais do que a inércia de muitos pode compreender... O meu entusiasmo a tudo resiste, até à indignação do Cristo, no Templo... Para quê?... Vivo, dou-me, realizo... Não será melhor?

Creio na necessidade divina de todos os sacrifícios, estou pronto para todos. Os meus companheiros humildes vão já na grande jornada... Deus não os abandonará. E a minha alegria ultrapassa o tempo, excede o coração de todos. Suspeitam-lhe a chama, calam-se sem a compreender todavia. Os de menos alma torturam-se para ofendê-la. O meu orgulho sabe ser brutal ou infantil por vezes. Êle defenderá a minha fé. E, findo o drama, — depois, se Deus quiser assim, sôbre a nossa casa pequenina e humilde, no doco retôrno, haverá uma ventura maior.

## CARTAS DELES

COMO fomos injustos e os desconhecíamos!  
E os caluniámos ignorando-os tanto!

No seu quarto silencioso e claro um oficial português pensa e recorda.

Sôbre o leito, aberto numa página bela, está o *Jeunesse Nouvelle* de Henri Bordeaux.

Passam na sua alma, agitam-na como um divino vento, toda a ternura e a doida ansiedade de sacrifício que, em frente da Morte, molda as atitudes dignas de Deus.

De vez em quando, um soldado que sobe des-cerra medrosamente a porta e olha. Numa voz tímida, receosa, e uns olhos doces de carinho selvá-gem, interroga. Na pergunta, a mêdo, há ternura materna e voz de família. Já não é o respeito formal do regulamento, é mais e mais belo.

O oficial sorri, sente a emoção tomá-lo, sorri, guarda silêncio...

Abraça-lo sôbre o coração aquele companheiro

rude que mal sabe, em palavras, dizer a sua alma... O oficial sorri.

— Amanhã lá estarei convosco. Lá me tereis amanhã... Obrigado, obrigado...

Mas antes de sair, na grande sêde balbuciante de dizer carinho, a mêdo sempre, num sorriso mais de amôr agora, o soldado fala...

— É preciso ter tento, tomar cautela...

— Tenha paciência um bocadinho, ponha-se bom primeiro... Com sua licença...

O oficial sorri. Bailam-lhe nos olhos as lágrimas felizes... É uma criança...

E a porta fecha-se... Fica o silêncio de novo que um motor perturba, cortando o ar ao alto, afastando-se, vitorioso, no céu azul.

Mas alguém trouxe, para que as censurasse, num pequeno masso, cartas dos seus soldados...

Iam para os que ficaram em Portugal, esposas, mães, noivas, comadres...

Todas cartas de amôr. Algumas, na sua caligrafia ingénua, seriam indecifráveis quási. Mas uma grande luz suave as ilumina a todas, uma suave luz...

Cartas de amôr à terra que o Renôvo, em Portugal, floriu de primavera, e às almas que a ausência embolezou de tristeza e saudade.

Com um carinho íntimo, sorrindo, o oficial toma uma...

É de ironia, aquela dôce ironia do orgulho dono de si mesmo...

«Namora com outro? Tanto melhor. É o mesmo. Que seja bem feliz e não haja razões, ao depois, pr'a se alestrar de mim com pena...»

Outra, agora, é a súplica a uma irmã, e tem lágrimas, flores de amoroso disvelo:

«Olha-me por ela, pela minha querida Mulher. Vale-lhe no que puderes, porque aqui só me apaixonou uma coisa: lembrar-me que ela não terá ninguém que lh'acuda. Sejam amigas, não se prantem do mal, que eu tenho fé em Deus hei de voltar a Portugal para to agradecer... Mil saudades a essa querida Mulher do coração, um saudoso abraço por mim que lho quero mais que à luz do Sol.»

Nas palavras rudes, como na ganga do minério precioso, há um sol oculto. O sol eterno da alma de Portugal, amoroso e heroico, doloroso e idílico.

Pela face clara rolam as lágrimas felizes.

A luz da França é mais doce vista através das lágrimas de Portugal!...

«Mandaste-me dizer do milho. Pois fazes bem em comprá-lo que eu não quero que passes mal nem o nosso menino.

Não poupes nada que te seja necessário, coisíssima nenhuma. E manda-me dizer se já compraste roupa e calçado para a senhora mãe... Não te aflijas de nada. Eu e os meus companheiros estamos bons. Os nossos oficiais, são os nossos amigos.

E até à volta Deus olhará por nós.»

«Adeus, Amôr, mando-te uma grande saudade

o um beijo profundo e eterno que trago dentro de mim.»

Outros falam da terra, duma lomba que deve ser toda lavrada, dum socalco onde a sementeira se deve fazer mais cedo...

«As tuas mãos não nas quero magoadas.

«Trabalha pouco, sem te fazer mal, mete gente ao trabalho, amôr, poupa a tua força...»

Sempre o Amôr, a mais doce ternura, dita em largas folhas de papel mal escritas nos alojamentos onde, à noite, antes de adormecerem, êles recordam, de olhos abertos, as almas e as coisas de Portugal, numa saudade branda e já numa intuição confusa da grande tragédia que nos rodeia aqui...

Esta carta, agora, explica, numa censura severa que as palavras mal velam, — as razões da sua vinda a França e como, longe da Pátria, em terra alheia, andam defendendo a fazenda de Portugal...

«Vocês sabem lá por'í!... Isto é uma guerra em que todos os homens honrados se deram ajuda no mundo...»

O oficial que as lê, sem reparar nos nomes, ama os seus soldados com fervôr de religião.

Êles sabem-no duro, sem piedade na exaltação do seu desejo ardente.

Ouvem-no falar da Dôr e da Morte, com uma



febre de paixão que as torna dosejáveis e belas; —já o viram com lágrimas, um dia,—os olhos abrasados, como um padre no minuto sagrado da Elevação a Deus!

E porque êle o diz, muitos, na sua alma que se vai revelando como a terra à luz das madrugadas lentas,—provaram já o acre sabor daquele orgulho que faz de Portugal a maior das pátrias e dos filhos de Portugal os maiores do mundo.

A- pesar de tudo e sem que muitos o saibam...

Êle acreditou no milagre porque, na sua alma, a voz longínqua da Raça disse o acto necessário. Acreditou no povo porque, além de todas as barreiras, a sua fé se encontra com o instinto que, nos simples, os preservou de intoxicações desvairantes, ódios negando o sonho, o ideal e a vida...

Êle acreditou neles. E o milagre avança, numa auréola de realidade, entre a vida e a morte, entre a Dôr, e a alegria forte, entre a saudade triste e o heroísmo—hossanah!

Para que o futuro colha as realidades gloriosas que amparam os povos nos caminhos largos da História...

DE COMO A QUIXOTE  
COMPANY FOI ÀS TRINCHEIRAS:

I

Os meus homens vão partir ámanhã para a linha. A primavera encheu os campos de macissos verdes, os pomares de flores, as estradas de sombras. O azul do céu já parece mais nosso e tem mais oiro o Sol. Como a terra é linda e a luz alegre os soldados! Foram-se as últimas neves, as lamas feias do degêlo, as brumas tristes, a nudez tiritante da paisagem. E a *Quixote Company* vai ámanhã à trincheira.

Nos alojamentos, a-pesar das recomendações, os soldados não adormeceram ainda. Nalguns cantarella-se com escândalo do chefe responsável. Os rapazes, na véspera da nova largada, irrequietos da curiosidade, tocados já do sentido trágico da guerra, adivinhando o perigo, lutam os combates últimos de todo o soldado bisonho. E vai neles, na vitória fácil da sua mocidade, além já da hesitação que a Morte impõe às almas desprevenidas, — a tumultuosa alegria excessiva, de frases desafiando a sorte, claras de boa esperança, e geitos e atitudes diferentes das quotidianas.

## II

Meio dia. Partimos. O Sol queima. Atravessamos R.... sob a objectiva dum fotógrafo oficial, depois o A..., de cabeça alta, cornetas vibrantes, todos na preocupação comum de darmos boa conta de Portugal.

Os descansos regulamentares, os pequenos altos, sucedem-se.

A marcha faz-se cantando sob o Sol ardente, passando os canais, a planície farta de sombras, flôres e promessas, — sorrindo aos sorrisos de gratidão das gentes que acorrem para ver e saudar os pequenos soldados de Portugal.

Já o pêso do equipamento e a dureza do calçado feriram alguns homem. Os cantos redobram. O carro para transporte de feridos vai sem ninguêm. Seguem-se os quilómetros. E em voz vibrante, como um veio a brotar numa manhã de Maio, os pelotões cantam e a minha voz perde-se na sua grande voz.

## III

## UM CANTO DOS SOLDADOS DE PORTUGAL

Ó Amendocira,  
Que é da tua rama?  
Por causa de ti  
Anda o meu Amôr em fama.

— Se êle anda em fama  
Deixá-lo andar,  
Em água de rosas  
O hei de lavar!

— Em água de rosas  
Ou verde llmão!  
Cantar é que é lindo,  
Chorar é que não!

## IV

Passamos a noite em H.... Os canhões sôam mais perto já. A respiração tumultuosa da guerra adivinha-se bem, aqui. Partimos.

O Sol é mais ardente, os caminhos piores.

Os pelotões cantam. O carro dos feridos segue vasio. Só, de vez em quando, um homem dos mais feridos, pede para lá repousar uns momentos.

Atravessamos M..., La G.... e E.... cheios de orgulho, a companhia marchando como um só homem, toda fundida na vontade dos seus oficiais e graduados.

Era uma bela marcha de parada, um desfile de almas!

Perto de L.... veio ao nosso encontro um oficial da missão inglesa junto das nossas fôrças. Loiro e alto, da verde Erin, latino pela linguagem e modos,—emquanto a companhia repousava num úl-

timo alto, brindou comnosco, taças erguidas, à Vitória dos Aliados e à boa sorte dos meus.

Largámos de novo quando as granadas *boches* caíam sobre L.... e, na luz ardente, daquela tarde, as explosões punham manchas sanguinolentas e sombrias, toldando a luz e o céu.

Mas o cansaço vencía os homens. Passamos à frente de uma companhia que saíra primeiro de H.... Os suspensórios da mochila profundavam os vergões nas carnes. Os pés de muitos arrastavam-se na poeira quente. Ninguém ficára para trás. Mas o carro de feridos já não ia vasio, por fim.

## V

Mais próximas, as explosões das granadas manchavam de poeira sangrenta e fumo a pequena cidade. As detonações ficavam ecoando lígubres. Tivemos a honra de ouvir o silvo inimigo das granadas crescendo sobre nós, pela primeira vez. Estávamos na guerra. Íamos entrar em L....

Rapazes! Corro a pequena coluna. Os meus camaradas alferes e sargentos correm os pelotões, encaram os homens... Fadiga da marcha, vergões das mochilas, tudo se foi num vento!

E a companhia foi, de novo, um só homem, as cabeças ergueram-se, os braços balouçaram no ritmo enérgico da marcha, esvasiou-se o carro dos feridos,

respirámos fundo, o pelotão testa rompeu cantando o hino de Portugal!

Era numa rua larga e cheia de sombra, com os passeios coalhados de guerreiros ingleses, aclamando uns, outros silenciosos, sorrindo.

Já o pelotão do centro rompia num canto de romaria portuguesa.

As vozes soavam dobradas de coração e de saudade. Os estampidos das explosões sucediam-se. Um grande ineêndio anoiteceu o ar...

## VI

No dia seguinte fomos à primeira linha. Em grupos, pela manhã linda, seguimos. Rua do Inferno... estradas floridas... Calma. Os homens ensaiavam idiomas vários com os guias ingleses.

Eu evoco, neste momento, aquele Calvário, frente ao cemitério enorme onde centenaes de guerreiros dormiam, esperando... (Que os soldados desta guerra não morrem. Terão a sua aleluia na Vitória, sentados à mão direita de Deus...)

No seu calvário alto, olhando o Bárbaro, velando o sono dos que dormiam,—estava um Cristo mutilado. Porque uma granada viera, um dia, despedaçar o Corpo do Senhor...

Dolorosa, dolorosa e dôce, formosa de amargura, a Cabeça sangrenta ficára de olhos tristes, velando sempre os guerreiros adormecidos...

E um braço liberto, despregado pela explosão

infame,— num gesto de promessa e vitória, ficára apontando o céu.

Os meus homens passaram sob aquele olhar eterno.

Muitos talvez não vissem o gesto formoso e divino. Mas viu-os Deus, a êles...

E, mais adiante, desembocando, funda, na estrada branca, era a *New Bond Street*, trincheira de comunicação...

## VII

O comandante da companhia do *West York Shires Regt.* com quem vou passar êstes dois dias, esperava-me na linha. Fazia um Sol bellissimo e glorioso. Era uma luz de apoteose sôbre a tortura dêstes pobres campos,— a primavera toda.

Saudámo-nos. O Capt. Tetley é um moço alto, lento no seu francês difícil, amável, sem brilho, mas irradiando simpatia.

Morde um cachimbo permanentemente.

— O boche?

Êle mostrou-me logo a linha alemã. O terreno neutro batido de sol perdêra o aspecto de tragédia bruto e revolto. As redes de arame farpado dormiam, mal luzindo. A linha inimiga, tam perto, tinha a desolação das coisas abandonadas, envelhecendo.

Dois soldados meus, chegaram-se ao parapeito. Curvos, inclinados sôbre a banqueta, olhavam a

mêdo primeiro... Depois, erguendo o busto, cabeça alta, num desafio àquele silêncio da guerra, um perguntou, num espanto:

—Então como pode ser isto, meu tenente? Tê-los ali tam perto e não os correr de vez!

Sorrindo, o camarada britânico quis saber o que dizia o meu rapaz. Eu contei, traduzindo.

E ambos rimos, contentes.

## VIII

Alta noite alguns camaradas do *York Shires Regt.* vieram ao meu abrigo. Um deles, carinhosamente, porque as aprendera então,—veio dizer, numa infantil pronúncia,—dôces palavras de Portugal. Amblers acabava o seu quarto de ronda.

Mac Kluski, da Escóssia, virginal e rindo, regressára da sua patrulha ao *boche*. O Comandante do Batalhão passava a ronda da noite. Já, ao anoitecer, com Tetley, no crepúsculo suave, tínhamos saído fora à Terra de Ninguê. E os morteiros, como os *whizz-bangs* <sup>(1)</sup> haviam falado de si.

Os guerreiros do Somme falavam, contavam sóbriamente os seus feitos na grande batalha. E quando as estrelas começaram a desmaiar, um movimento começou ao longo da linha. Fraternalmente, os soldados do Reino Unido, com os de

(1) O *whizz-bang* é uma pequena granada, muito perigosa, usada pelo *boche* e que detona duas ou três vezes no ar.



Portugal, ficaram em àlerta, esperando um ataque possível e o dia.

O ajudante de Batalhão veio nessa altura. Prometera-mo na véspera, quando, numa visita ao abrigo do comando, sentado à mesa do almoço, — todos, do comandante ao mais jovem alferes, haviam tido para nós uma palavra carinhosa ou um sorriso bom.

O Major Lacerda, admirável chefe, — e o doutor Calado, velho companheiro de Coimbra, estavam presentes. Êste decretára-me poeta, impondo-me ao conhecimento dos camaradas de York. Afagou-me o raro carinho de todos...

E o ajudante viera vêr-me, ao àlerta da manhã. O nome dele? Revejo o seu formoso vulto, seus olhos claros e contentes, ouço-lhe a voz musicada, cantada...

Estivera em Itália, falava italiano.

Fomos ao parapeito. Hernani Cidade, querido irmão, apparecera no momento. Os três falámos da guerra.

— «Onde a epopeia!» —

— «Meu pobre Homero, que pensarias disto?»

Cantava, subindo no céu pálido, a cotovia de Shelley.

O loiro ajudante afastára-se um pouco. Subiu ao parapeito, deu algumas indicações de serviço, ficou de pé, na luz formosa, o seu airoso vulto recortado num desafio às balas. Eu ia a imitá-lo.

E, sorrindo-me, descendo, êle disse-me, contando com a manhã gloriosa e a mocidade das nossas almas:

— *Anch'io sono poeta... Un petit peu...*

COM O TEMPO...

## II

Maio...

**O** dia foi belo. Eu e o meu impedido tivemos um nobre acompanhamento ao regressarmos de... por uma estrada toda florida de madre-silvas e granadas... Quando uma cai perto, já lhe sabemos as intenções, a gente saúda e passa... É uma coisa natural...

A saudação, a curvatura reverente tem amplitude extrema... Bate-nos o coração de encontro à terra e os lábios teem de a beijar...

Perdôa... Não, não é esta a boa maneira de falar ao seu amôr, sobretudo quando a alma que ficou lá em baixo, em Portugal,—anda talvez cheia de receio, inaceradinha de desconsôlo.

Dois ramos de madre-silva alvejam sôbre as ruínas pobres do meu quarto... Colhêmo-las emquanto as granadas vinham,—e dominando o nosso susto físico e irremediável, para que nos vissem os camaradas da Grã-Bretanha e Irlanda...

Não me censure, não me chames criança... Perdôa...

\*

Nas trincheiras. É verdade. E na minha caverna, à 1 hora da madrugada, entre duas rondas, a uma mesa florida de madre-silvas, enquanto a artilharia trôa. Ao lado um alferes inglês, do Regimento das Duas Rosas, dorme como um justo. Cheguei da 1.<sup>a</sup> linha. Servem-me o chá aquecido à luz da véla. . . E êste chá da 1 hora, estas madre-silvas, o silêncio do meu abrigo, tudo me encanta e faz esta íntima ternura que há de chegar junto de ti. . .

E agora, no silêncio mais vivo, cheio de afagos, em que só, muito longe, o canhão ecôa, rolante e profundo, —sinto a minha alma, tenho-te.

Esta serenidade será o meu Anjo Custódio.

Sinto-o sôbre a agrura de certas zangas que me magoaram o dia.

Vou agora ver os meus homens que estão nas linhas, à rectaguarda. E quando o dia chegar e as botas inseparáveis nestes seis dias se tornarem mais pesadas e incômodas, —se o vizinho estiver tran-qui-lo, dormirei um sono como o teu, meu caro Branton, *old thing*, meu velho. . .

Junho

Em repouso.

E no pequeno, muito pequenino quarto onde me ageito, à volta das trincheiras, (as minhas botas, o capacete e os aparelhos anti-gás, enchem-po todo...),

numa povoaçãozinha que tem um nome lembrando os velhos cravos de seus adormecidos sob a poeira em palácios antigos,—com suas casas perdidas ao longo duma estrada cheia de sombras e verdura, ao meio da planície enorme e toda semeada com pequenos bosques verdes tocando o céu tranquilo. . .

No colo dos proprietários da casa, o pequenito cujo pai se bate no Aisne, loiro e risonho em camiseta de dormir, vem-me dizer: *bou soir, monsieur*. . . Tem os cabelos que o nosso filho teve, no pequenino rosto lindo a mesma côr do nosso, e é meu amigo, ouviu lá pouco uma história sêbre os meus joelhos. . . Há três horas que nos conhecemos. Tem quatro anos. Lembra-me o nosso filho. A minha alma ergueu-se, dorida de ternura, quando o vi. . .

Quando há pouco fui assistir ao jantar dos meus honiêns, levei-o pela minha mão.

A tua carta de 28 de Maio chegou assim. . . Escreveste-la quando eu estava em primeira linha. E a tua alma fala-me naquelas palavras tanto, tanto é a vida tua que eu adivinho ali, e me fala e me comove,—que eu sinto o meu amôr humilde e pequeno embora te queira para lá de todos os amores. sinto-o para lá da morte e sob os olhos de Deus. Releie essa carta, rezo-a, vejo a tua Alma. Como são límpidas as tuas palavras! Sim, eu sei, eu adivinho, eu creio. Tu vives a minha alegria. Sabes que, no horror do drama, há um motivo, um ideal sagrando, temperando a minha fé, alando o meu entusiasmo. Eu adoro a Vida até não temer perdê-la porque te adoro, e a nossa Vida toda está nas mãos

dum filho nosso cuja herança é preciso tecer de sacrificio e dores para ser de beleza e eternidade. . .

Sei que, um momento ou outro, a morte pode vir buscar-me. Já a senti passar ao meu lado, tocar-me quási, procurando-me. O amôr da Vida fez-se em mim afeição, desejo de perigo. Mas é tamanha a minha esperança, trago tanto nas minhas mãos erguidas a esperança de que sairei incólume, mereço-o tanto, que Deus olha por mim decerto e aqueles que me querem bem. Se penso que posso enganar-me, o coração confrange-se-me. Porque me lembro de ti, por causa da tua dôr.

Se eu pudesse saber. . . Ah! se tu fosses forte e serena frente à dôr enorme, se o orgulho da minha morte insensibilizasse espartanamente a tua alma, — se tu vivesses a-pesar de tudo para que ao nosso Anjo desses aquela Alma que venho balbuciando apenas, perdido no meio de tantos êrros, nesta luta em que tenho, mais que os outros, os defeitos das minhas qualidades. . . — Se eu soubesse. . .

Como êstes dias seriam ardentes e divinos!

Meu Amôr, perdôa. . . É a tua Alma que desperta a minha, a nossa Alma. E falar na morto é grande quando se vive no Amôr.

Mas não suponhas a minha alegria a ampla, violenta e pagã alegria das horas de excedência e fácil vitória, ruidosas, rubras, desordenadas. É a alegria dolorosa, a que redime, e tempera e exalta.

Se eu não ardesse numa chama que é de além

Vida e Morte e vem de Deus, em certos momentos diria: «*Eis a minha expiação, o meu inútil calvário.*»

... Por ter desejado à minha Pátria, à sua alma imperecível, a comunhão na grande tragédia redentora em que vão nascer mundos... E por ter esquecido... Não, para quê?

E não desanimo. Se canto esta alegria orgulhosa e brutal, agressiva para tantos, religiosa e íntima, — é que, para lá de mim, a guiar-me, anda uma força divina, uma luz do céu que eu mal descubro, mal enxergo, e através dos meus êrros, das minhas fraquezas, das cegueiras e ausências dos outros, me ampara e me sustêm...

...

O canhão trôa, a casa estremece e nem por isso, nos quintais em volta, os pássaros se calam.

Fez um dia de calor enorme. E a pequena distância, as espessuras verdes, na calma do fim da tarde que começa, lembram-me a nossa paisagem. O horizonte vai, no longe, tocar a planície. Agora é um céu baço, asfixiado de trovoada. E o trovão das baterias próximas ergue-se, fere o ar.

...

Defronte do meu abrigo há duas campas... São os meus companheiros. Uma delas tem, na cruz de madeira, em inglês, esta dedicatória, — *à amável memória dum soldado desconhecido*... E sôbre a campá, de joelhos, uma figura de anjo vela, de mãos

postas... Na outra, onde ó costume nosso renovar as flores, ostá uma Virgem, com o seu monino...

São as imagens exiladas da igreja do N... C.... hoje em ruínas...

Tudo a morte rasou, passando...

Erguem-se, aqui e alê, podações de abalados muros, a armação torcida duma fábrica, uma coluna perdida...

Só, de pé, erguido o intacto, abrindo os braços sob as granadas, como outrora oferecendo a face, —dominando as ruínas, poisa, reina, exalta-so um Cristo crucificado... No madeiro, junto aos seus pés, veio cravar-se uma granada...

Vejo-o do meu abrigo, de ao pé das minhas campas...

Na devastação formidável, o scu perfil de vitória dolorosa, emociona a alma, leva-nos a horizontes de assombro.

E eu lembro aquele outro Calvário, face às trincheiras, diante do enorme cemitério de guerreiros adormecidos, —em que o Nazareno chorava, mutilado pelos estilhaços, os braços despregados, um deles apontando o céu...

...

Molhado, encharcado, enlameado... Chego do uma ronda...

É uma noite negra o chuvosa que o nervosismo do *boche* ilumina com freqüência, graças a Deus. Os meus rapazes lá estão, no seu posto, encharcados, fiais...

Chove... É é pior que a metralha. Num posto, ao meio duma paisagem revolta de inferno, lívida à luz dos *very lights*, deixei alguns homens, sósinhos, na noite trágica, entre crateras cheias de água, no meio de escombros a recordar o Dante.

É o posto sem parapeito onde o *boche* pode vir de surpresa, e onde se vive, a cada hora, uma vida toda.

...

Andei rolando na lama, esta madrugada, na linha... O *boche* incomodou-nos. Pedi represálias. Daí a pouco os nossos ouviram-nos gritar, gemer, sob a metralha...

...

Passei quási toda a noite na linha... Estou roto, sujo de terra, moidíssimo.

Ao anoitecer sofri um susto formidável. Tive medo. Fora do parapeito, inspeccionando as redes, —o *boche* viu-me. E enquanto eu me abrigava numa cratera, um morteiro veio e caiu perto de mim. Tive medo. A linha esteve nervosa, receosa, enervada...

Sainos às 11 horas da noite, fomos até perto duma partida de trabalhadores inimigos...

Ouvi o *boche* cantar.

Voz humana, fraterna, doutra vida...

Um grande arrepio de emoção passou, cobriu-me...



Quando regressámos, fiz fogo sôbre êles.  
Tivemos remorsos...  
Ah! Dormir, dormir!...

...

Hora de rendição. Estou hediondo, roto, enlameado, contente. Não perdi um homem. As granadas que passam, tenho a alegria de as ver rebentar longe, muito longe e inúteis... A noite, logo, vai ser gloriosa...

Um banho, uma cama, lençóis!...

## NOITE DE CHUVA

A António Possinha, soldado e Cruz de Guerra, minha ordenança.

A CHUVA cai, sem descanso, contínua, esboroadando os taludes, inundando as trincheiras... Do céu sujo e sombrio desce uma tristeza que desmoraliza tantos, nesta miséria da lama que nos cobre, se cola ao nosso corpo e nos cerca e nos cinje...

Noites em que os canhões se calam e as metralhadoras escutam, vigiando... À luz dum *very light* a paisagem acorda...

Terra de Ninguêm, cemitério e calvário, pasmada e num espanto!... Árvores crucificadas, ruínas, covas, escombros!...

E a chuva caindo, a névoa de chuva infatigável...

A trincheira de comunicação está cheia de água, e quem se aventura nela tem de esperar que o arranquem à prisão da lama, essa lama espessa em que às vezes há sangue... De modo que o oficial meteu pela velha estrada triste que os dois parapetos inimigos cortam e as balas *boches* varrem de quando em quando... E é ainda a lama, a água por

toda a parte, as crateras das explosões hiantes, alucinadas a cada clarão, faces de desespero que logo a sombra envolve, gritos que a mão da noite prende, sufoca, numa bôca em desespero.

E o oficial avança seguido pelas ordenanças que o acompanham sempre, nas rondas através da noite em que passam, sibilando, as balas perdidas. . .

Vão silenciosos, aqueles três homens. Um pensa, enamorado duma bela Morte, na estupidez inglória duma bala que o tombasse ali. . . E os soldados pensam. . . Um deles tem uma filha pequenina que adora. . . O outro tem vinte e dois anos e uma noiva talvez. . .

Aqueles homens, patinhando na lama, tentando os passos para não cair, silenciosos, avançam.

E de repente, cortando a noite, cada vez mais viva, uma rajada de balas vem sôbre êles. É a ronda de Morte que passa pela estrada miserável, povoada de morte e receios. . .

Em frente, na linha *boche*, sôbre a estrada triste, a metralhadora gargalha insultos. . . E não há um parapeito. . . A cortadura mais próxima mal se distingue na sombra. . . Os três homens, miseravelmente, sob o açoite brutal, caíram sôbre a lama. . . E as balas demoraram sôbre êles a canção de ameaças. . . Môços os três, fraternalmente riam. . . Eram irmãos, iguais. . .

Depois o silêncio fez-se de novo, um silêncio opressivo.

E vieram de novo as balas numa ronda e sôbre a lama os três corpos tombaram de novo, rindo. . . O mais novo, cerrando os maxilares sôbre a garga-

lhada nervosa, gritou um insulto... E o *boche* calou-se.

1.<sup>a</sup> linha... Adivinham-se no parapeito as silhuetas dos que velam... Há quatro dias que êles são lá sob a chuva infundável, quatro noites longas, noites que os olhos rasgam, violam, atentos, iluminando-as como chamas que são a alma daquela gente ardendo...

De vez em quando um morteiro vem... Ouvimo-lo que parte, seguimos-lhe a trajectória que uma pequena cauda luminosa atraiçôa,—e no ponto mais alto,—porque um morteiro é um parente próximo e lhe conhecemos os hábitos,—decidimos do destino que traz... Êste—para o cemitério dos morteiros, vasto campo retalhado e cavado à rectaguarda... Aquele para a direita,—para a esquerda, êste outro...—Respiramos... E agora... Êh! rapazes, cuidado! Ê sôbre nós que vem... Um segundo, dois, três segundos... e, num ruído de foguetão, resfolegando, ei-lo que chega... Broum!...

Contra os taludes dos traveses, de rojos sôbre os fundos de trincheira, incertos ainda da integridade do nosso corpo, deixamos passar a onda... Ê o ar que fustiga, os estilhaços zumbindo, a terra erguida ao alto que cai de novo, lenta, sôbre nós,—lama, água, poeira líquida.

E quando nos erguemos de novo... Pam!...

Outro que vem... A scena repetida, as mesmas palavras, o mesmo gesto, o mesmo dito nervosamente pronunciado, rindo um sorriso que mal trai a tensão dos nervos...

As palavras são brancas!.. Olhamo-nos sorrindo, fraternalmente...

É a morte, a miséria, a lama, que revelam melhor a fraternidade do sangue e das almas...

O oficial percorre o parapeito... Os seus rapazes estão sob a chuva que é pior que a metralha, junto aos taludes que se diluem em lama, penetrados até aos ossos, fatigados nas noites brancas, mas inabaláveis, serenos...

Num abrigo, perto, um cadáver, olhar vítreo, num espanto, espera... A Morte é na primeira linha... E eu vou para aquelas almas, dar-lhes o conforto duma palavra amiga, forte de ser ali, orgulhoso de andar à beira deles que sofrem mais do que eu.

— Posto n.º 2! Que há de novo?

— «Uma metralhadora deles tem estado a cortar, toda a santa noite, o parapeito... Caíram há bocado, *para aí*, sete morteiros... O 146 foi para o posto de socorros... Nada de novo!...»

E uma voz doce de emoção, brotando... «Lá se foi o Penetra... Um estilhaço no coração... Tam bom rapaz!...»

POR EXEMPLO...

Não me pertence a colecção de resumidas notas que tenho a ousadia de publicar agora. O nobre miliciano que as escreveu com tam bela simplicidade perdoará de certo a quem ousa publicá-las assim.

**F**EITA a rendição sem incidente. Situação calma. Actividade das metralhadoras inimigas das 18 h. às 20 h.

O inimigo reforçou em... as defesas de arame.

Mandámos-lhe seis granadas de espingarda.

Baixas: nada...

Durante a noite caíram na linha, à direita de... seis granadas de espingarda. Baixas: nada. Às 4 h. cinco morteiros em... Das 8 h. às 10 h. foi bombardeada toda a linha com granada ordinária e morteiros...

Caíram três granadas sôbre a linha, duas nos nossos arames. Baixas: uma, por desastre.

Sete morteiros pesados em S... às 17 h. O pa-

rapeito ficou destruído — Duas praças feridas. Comunicações do S. O. S. interrompidas. Foram já restabelecidas as comunicações. Duas granadas ananaz em... A metralhadora n.º... inutilizada. Foi substituída.

Três granadas de médio calibre sôbre os nossos arames nas imediações de M... e S... às 18 h., 20 m.

A nossa rêde destruída na extensão de 5 metros.

Represália — 10 morteiros médios sôbre o arame inimigo em F... Mais 12 morteiros pesados. Três represálias de artilharia.

O *Boche* não respondeu...

Uma metralhadora tem feito fogo sôbre o nosso arame diante de M... Da partida de trabalhadores saídos nesse ponto foi ferido o soldado... Grande movimento de vagonetas ao longo da linha. Tomei todas as precauções. Os rapazes estão com vontade ao *boche*... Peço munições espingarda. Dois cunhetes para metralhadora.

A noite está escura. Se aí houver *very lights* peço alguns. (à parte: Juro que não faço nenhum S. João).

Calma. (à parte: O Kamarada quiere que a gente faça as despesas da iluminação. Nem um *very lygth*... Maroto!)

Bombardeada toda a linha. Não fiz S. O. S. Só pedi represálias. Linha toda ocupada. Nada de novo, fóra isto...

Patrulha numerosa tentou entrar o parapeito em M... Fogos cruzados, metralhadoras e granadas de espingarda repeliram-n'os. Saí com patrulha perseguição. Recolhi um *boche* ferido. Eles levaram o resto. Não tivemos baixas.

*E num papelinho ao lado:*

Peço toda a protecção quanto a *souvenirs* do prisioneiro. Vai daqui inteirinho... Vejam lá!



## UMA CARTA

Meu querido amigo:

**É** NAS trincheiras, no meu abrigo pobrezinho e humilde perante as grandes granadas e morteiros, no meu abrigo onde se fanam as flores collidas sôbre túmulos de desconhecidos herois, victoriosas flores que vivem na Morte e se abrem em face da tragédia porque a primavera manda...

Noite. Gargalham as metralhadoras insultando-se de linha a linha. De vez em quando uma explosão abala o meu abrigo, sobressalta-nos, quebra a relativa calma. E há pedaços de silêncio que ficam, sôbre o campo vasto, como águias suspensas, ameaçando...

Depois de novo, um morteiro que vem, ouço-o largar da linha *boche* e tombar no cemitério dos morteiros, onde só êles morrem, êstes ruidosos suicidas.

Na primeira linha, atenta, a nossa gente vigia.

De aqui a pouco a lua vai levantar-se, enorme, iluminando tudo. E, ao luar, nêste convento da Morte, tornam-se mais claros os ruídos, o perigo

de morte é mais ligeiro, as almas não sofrem da inquietada sobrecitação dos nervos, as balas perdidas silvam, passam, chegam a ser harmoniosas, inofensivas, quási.

Meu querido amigo,—penso às vezes no cenário que vocês imaginam e em que nos colocam. Ia a jurar que o pintam sombriamente tocado de inferno, ruidoso de morte, cheio de tragédia... E nós sorrimos. Um dia, evidentemente, os que voltarmos, lembrando isto, teremos essa impressão também. Uma das minhas ordenanças, há pouco, entre as ruínas disformes do que foi uma linda povoaçãozinha, dizia!—«Se chegarmos a Portugal e contarmos o que por aqui passámos,—não nos acreditam...»

E outra:—«Lá, na terra, passamos a ser gente rara. Pegam em nós e mostram-nos nas feiras...»

Mas como isto é banal e monótono, meu amigo! Como há horas de morte sem teatro, sem gesto...

O que se expõe, o que se mostra, o que arde, e quer fazer beleza, e sendo Quixote amarfanha o Pança que nele protesta, êsse...

Interrompi... Foi um pequeno ataque... Repeliram-no já os meus camaradas da dircita. Julguei que era comigo... Mas acabo de ver um ferido... «Então, meu rapaz, que é isso?... Fizeste o teu dever, deves ter orgulho dêsse sangue... Vales mais que os outros já...» E êle só me diz—«Nunca tive mêdo, meu tenente...»

Sangue de Portugal, que vermelho, que vivo!

Tenho lágrimas nos olhos. E aquele homem beijou-o a minha alma.

Sossêgo, calma de novo.

A ameaçar-me, perigosa porque não sei a lei por que se rege, — mais perigosa porque sofre dos excessos honrados dos que a praticam — está a censura. Oxalá ela deixe passar esta carta que vai de um soldado para um homem que ama a sua Pátria, esta carta que só diz o orgulho de Portugal!

## CARTA PARA MEU FILHO

SABES que o teu papá está nas trincheiras, na guerra.

Viste-lo partir uma tarde, sem adivinhares ou tudo sabendo em tua intuição pura de criança... E sorriste, indiferente ao abraço, aos beijos sôfregos reprimindo lágrimas... Que te trouxesse brinquedos de França... E o capacete dum *boche*...

Os brinquedos de França devem ter chegado, filho... O capacete de *boche*... Espera, espera...

Sabias que o papá vinha para as trincheiras.

E sabias que eram buracos, as trincheiras, buracos onde viviam homens. Dêsses buracos os franceses, lindos e nossos amigos, — eras tu que o dizias, — saíam às vezes para matar *boches*, para os correr, vencidos...

Tu supunhas, invejavas a festa linda... Na rua, com os petizes do lado, brincavas à guerra, fazias de francês, sempre... Aos meninos feios chamavas, invariavelmente, *boches*...

Um dia alguém te disse que os papás também morriam na guerra...

—Mas o meu papá não! dissesto...

Porque acreditavas na inviolabilidade que me garantia uma pistola objecto da tua cubiça.

Disseram-te que o *boche* tinha também pistolas...

—Mas o meu papá não pode inorrer!...

—E se morresse?

—Não morre!

—Mas se morresse?—teimaram...

—Se morresse, que é mentira,—quando eu fôr grande caso com a mamã...

Há moio ano que o teu papá não vê o seu menino. Há meio ano que mo não rocitas os teus versos, cheio de soriodade, os teus versos rabiscados nos quartos de papel que me pedias a cada momento, e em que havia, cantadas, as palavras, —Vitória, Batalha o Amor, Portugal!... dos versos que me ouvias a mim...

Há alguns meses o teu papá vive nas trincheiras...

De ti, através das palavras bem amadas que falam do meu menino,—veem as tuas façanhas, as quedas que dás, as vozes que ensangüontas os joelhos, traquina!... E os pedaços de papel em que me escreves cartas que só a mamã o ou entendemos,—com bonecos que to consagram, meu artista, e fazem sorrir os alheios...

Sabos da doçura, da alegria, do conchêgo que ora o teu embalo,—na nossa casinha...

Éramos três irmãos... Tu eras o mais novo. A nossa mamã ralhava-nos às vezes e, no fim de contas, — era tam boa como nós...

Ah! As grandes brincadeiras! As tuas gargalhadas, o teu riso feliz iluminando tudo!...

A noite, adormecias ao colo de Ela. Tam cansado!

E, antes de nos deitarmos, íamos ver-te, dizer como eras lindo... Alta noite, se acordavas, requerias baixinho:...

— Quero ir um bocadinho para ao pé de vocês...

Se indeferiam, ficavas de olhos abertos, no escuro, soprando forte, ruminando protestos de pequenina vingança... E se to atendiam afinal, sem te aplicar a salutar palmada, — caladinho como um rato, no meio de nós, deliciado, eras o mais feliz Piló do mundo inteiro.

O papá por fim veio para a guerra...

Que bom, que lindo devia ser a guerra, pensavas tu!

Se o papá deixára de andar triste...

Ouve: Lembrei-me de oscrever-te numa hora em que os meus sorrisos te evocam e há nos meus olhos lágrimas que sorriem...

É num abrigo acanhado e escuro sôbro que passam granadas e, pela noite, perdidas balas sonoras...

O papá escreve-te das trinchoiras... Está sósiinho, esperando a hora em que há mais ameaças na noite, a hora da ronda aos parapeitos em que os seus homens velam...

Lá, onde as metralhadoras cantam, casquinam, rufam, vomitando balas, estão os soldados...

E oficiais com êles, oficiais como o papá...

É num parapeito que os morteiros rebentando despedaçam, rasgam e, dia a dia, nós vamos curando das feridas que se renovam...

Sob as estrelas do céu reflectidas nas crateras cheias de água, pequenos lagos abertos no desvairo das explosões formidáveis,—diante do *boche*, perquinho dele—os companheiros do teu papá esperam...

As vezes, na noite cega, veem as balas, sibilando...

Curvam-se ainda as cabeças mal habituadas quando a Morte já lá vai, sem nas tocar... Outras vezes um morteiro parte, ouvimo-lo vir dum bosquo cheio de ameaças,—sobe no ar, desce e rebenta cobrindo-nos de terra e zumbidos...

E são tantos, às vezes, meu filho,—que o soldadinho, sem os contar, pequenino na grandeza brutal do perigo, espera que se cumpra a vontade de Deus.

As nossas trincheiras, meu filho... Muros de sacos que os soldados encheram de terra e o sangue tinge às vezes, muro que só as almas fortalecem e tornam invencível, mesmo quando a fúria dos canhões o reduz a poeira...

Lá vai, zigiguezagueando, e marca o extremo limite da fúria dum assalto... Uma vaga de homens, sob a chuva de balas, entre as explosões que matam, desvairando o céu, chegou até ali, cavou,

ergueu aquele parapeito entre cadáveres, sob a tormenta, diante dos contra ataques furiosos que vinham esboroar-se, esmorecer, quebrar como ondas numa costa rocheira...

Até ela, gastando-se, intermináveis, com voltas para enganar as balas, vão caminhos profundos — as trincheiras de comunicação...

E na linha, de espaço a espaço, para proteger os soldados dos estilhaços que os feririam pelas costas, erguem-se, desenrolam-se outros muros de sacos e os traveses que as passagens cortam, protectores, amigos...

Daqui, erguendo a cabeça em pleno dia para melhor gozar, — vemos subir ao alto, revolvido, espedaçado, pela nossa artilharia, o parapeito *deles*.

— É uma dôr de alma, diz numa grande alegria irónica meu irmão soldado...

Às vezes, alta noite, a seguir ao sibilar das granadas que rasgam o ar, passando, e vão dilacerar-lhes as trincheiras, — ouvimo-los gritar, meu filho... É triste... Vá, não chores!...

Ah, eu devia explicar-te primeiro... Tu compreenderás um dia!... Eu te direi depois...

À frente, diante de nós, silvas de ferro com acúleos que reteem e rasgam, são as defesas, os nossos arames...

Para vir até nós na hora do assalto, o *boche* há de cortá-los, espedaçá-los primeiro...

E a seguir, abrindo as bôcas das crateras onde a água pasma e que as granadas cavaram, até ao arame deles, — a *Terra de Ninguêm*...



Neste momento, rapazes de Portugal andam lá fóra, entre arames,—vigiando, percorrendo o terreno cheio de emboscadas e sombras, de troncos dilacerados que dão a ilusão pânica de inimigos, valas ocultas onde há arame farpado e água,—caveiras, abandonos, ciladas...

E o *boche* anda lá também... São as patrulhas... Se se encontram duas, se se suspeitam... E os homens rastejam, vão lentamente, sufocados de silêncio...

Dos parapeitos hostis erguem-se os *very lights*.

Sobem no ar, iluminando o campo e tombam esvaindo-se em luz... É a face da terra entre trincheiras que se revela um momento e se oculta de novo, envergonhada, na sombra...

Depois há momentos em que tudo cala e se suspende. As metralhadoras repousam, espiando-se...

Um silêncio opresso cai sôbre as trincheiras...

Ouve-se o respirar dos homens.

A noite imobiliza-se, escuta-se a si mesma. Nem um clarão, nem a sombra dum ruído...

Soldadinho, cautela!... Que ouves tu, rapasi-  
nho?...

No silêncio profundo,—ouve-se o coração.

Às vezes os que andam fóra vão até aos arames *boches*, ao parapeito deles. Se os pressentem, o silêncio quebra-se, há granadas abrindo em rosas de fogo, balas pontuando lume na Terra de Ninguém... E os que voltam, colados ao terreno, ofegantes e rindo, pálidos embora, ao entrar na linha, de pé no parapeito, são como esculturas de heróis...

Escuta, ouve esta metralhadora... Canta, medindo o ritmo das balas, enquanto o soldadinho que dispara ri dêste macabro trauteio...

Da linha *boche* outra responde, musicando, compassando os disparos... E do lado de lá, o que dispara ri também...

Entretanto, no seu posto, aferrado ao parapeito, o olhar atento, o ouvido à escuta,—meu irmão soldadinho vigia, continua esperando...

É a hora da alva, da noite, moribunda e dos ataques...

De súbito, a seguir aos clarões que na frente pontuaram o muro de sombra, longe,—chegam as vozes roucas dos canhões ecoando...

E a seguir, para cá, simultâneo, o uivo das granadas que veem e rebentam, com fúria, junto de nós...

Mais clarões, muitos agora... Soldadinho, coragem!... O ar dilacerado grita, a noite incendeia-se de clarões de inferno... Silvos, estilhaços, voando, terra, poeira, um mar revoltado de violência e morte...

Meu rapazinho, agüenta-te,—coragem!...

Dentro do peito o coração bate apressado...

Os rostos são brancos,—à luz das explosões medonhas...

Resfolegando, os foguetões de alarme sobem no ar, choram sangue,—lágrimas suspensas sob a fumaça... Ordenanças correm curvas sob os estilhaços... E no ruído informe, no assombroso tumulto,—rápidas, nervosas, vibrantes, as metralhadoras vomitam chamas, ladram, uivam possessas, erguem muros de morte...

Toda a linha vomita fogo, crepitando...

As lágrimas de sangue tombam, extinguem-se, dolentes, sôbre o inferno dos homens.

Mas o irmão artilheiro viu êsse pranto e acode... Já o *boche* vem, transido de susto, ou avançando entre dois pavores...

O irmão artilheiro, junto aos canhões leais, estava atento e viu as lágrimas rubras tombando sôbre o camarada infante que vive e morre na lama, heróico para lá de todas as bravuras...

Os 7,5—que entram na festa—cantam.

Uma abóbada de aço, sibilante, opaca, vai sôbre as nossas cabeças... α

O terreno de Ninguêm, agora, é um jardim de ígneos canteiros, cada granada uma papoula ardente cujas pétalas de aço se esfolham em mortes, ceifando, barrando, esmigalhando ao redor...

Ao alto um avião *boche* espreita, insiste, foge e volta de novo.

Ao longe, sôbre a colina do fundo, uma *saucisse* ergue-se lentamente...

Em largas fileiras inabaláveis caem as granadas enraivecidas... A muralha de aço e fogo corre, varre o terreno, limpa-o, revolve-o, volta de novo, incansável, e agora esmaga, calca o parapeito deles em que o *boche* se acumulou de certo para largar novas ondas sôbre a trincheira oposta...

A longa abóbada uivante prolonga-se, macissa e formidável...

Lentas, rareando, caem as granadas inimigas... E o soldadinho, ao parapeito, pula contente... Depois, quando os nossos canhões vão espaçando a voz,

—ouvem-se na frente os gritos, as queixas sufocadas... Pelas trincheiras estreitas, na sombra, passam as macas lentas, com gemidos surdos.

Ao parapeito o soldadinho olha, sente que a vida é boa e os irmãos artilheiros excelentes irmãos.

E há uma grande pausa...

Névoa sôbre as trincheiras. O fumo das explosões, saturado de fósforo, paira espesso, opaco, asfixiante... Calam-se os últimos tiros... E eu sei dum soldado que se expusera, dando exemplo, mordendo cigarros, teatral e risonho,—sob a rajada forte,—e a esta hora de calma renascida e cheia de espanto, no seu abrigo escuro, chora de comoção...

ÊLES...

CHEGUEI agora duma ronda...

Venho de junto deles, de os ver sob a chuva, nos parapeitos que se esvaem em lama...

Êles são os soldados da grande batalha que dura há três anos, aquela em que o heroísmo não tem aspecto porque é presente, contínuo, de todo o momento. Os que morrem, tanta vez! sem a alegria imortal, suprema, de esculturar um gesto de avanço, vincado de Beleza e raça! Os que vieram de longe, a uma terra que não é a sua,—para lutar e morrer,—(quantos o sabem?)—pela felicidade do Futuro e maior grandeza de Deus...

E que nunca disseram palavras de traição ou ignomínia... Quando as saudades lhes tomam a alma, nas horas tristes,—cantam a beleza das terras de Portugal...

E se alguêm, ao passar, lhes lançar palavras más, das que negam a vida e suscitam covardias, olharão uns para os outros, num espanto, sem as receber... São os que vivem numa grandeza que des-

conhecem o trazem nos olhos uma alma que não sabem rovelar em palavras... Pôs neles Deus, para que a nossa história se fizesse, as qualidades que geram mundos e os defeitos belos dos poetas e dos filhos pródigos... São vidas deambulando na aparência incertas,—em que uma grande luz eterna vigia, prenunciando assombros.

Almas de milagre, corpos de terra generosa, que só os Homens de eternidade podem compreender...

Uma luz alvorece no espírito de um homem. A essa luz desvenda-se o caminho todo, o destino certo duma raça, a atitude que garante e defende, o gesto que redime e immortaliza... No tumulto vário, na agitação dos egoísmos, quem mais teve essa visão deslumbrada, quem a adivinhou, cheio de fé?

Na vida dos povos, porém, quando os espera um destino, há forças que dominam tudo, a tudo resistem, inabaláveis e vitoriosas.

A insânia das turbas, as vergonhas sem conta, os desvarios que aviltam, as interpretações em que há a lógica de todas as covardias—são o longo rebanho vasto e vociferante sôbro que uma grande força eterna talha o seu caminho...

Há povos que no tumulto das suas horas miseráveis, no dosequilíbrio da sua aparente indisciplina,—teem o poder das intuições que salvam.

Uma luz alvoreceu, solitária e tremente, no espírito dum homem...

¿De que fundas veias de eterna seiva ascende a força que a ilimita e a fortalece em face das tempestades cegas, das indecisas dúvidas que matam?...

¿E porque, através dos ataques, dos insultos, das aparentes derrotas, se ergue cada vez mais límpida e mais forte e mais alta?... .

Num povo, na grande massa que espera e cria, —nas horas grandes em que essa luz amanhece, há um silêncio cheio de mistério...

E se o povo é de Deus e digno dum destino, —na hora em que o gesto apontando sacrifício, a Dôr ou a Morte,—se esboce, êsse silêncio religioso que foi o das horas supremas do mundo, será o dum Hércules a caminho.—

Um milagre começará então a realizar-se no silêncio...

Êsses que estão além, sob os morteiros, na lama, miseráveis e belos, vivem no grande silêncio...

Dão a Morte ou morrem, esperando e sorrindo... No seu silêncio que não discute nem revela dúvidas, no silêncio que desconfia e estranha às palavras torpes de protesto ou desânimo,—há uma Alma que atravessou a História, que iluminou poemas, aventuras, vitórias,—e segue o seu caminho, irresistivelmente, sob os olhos de Deus...

Para onde? Quem sabe?

Oiço o meu coração de soldado e descanso...

E em face da Morte, a erguer-se do mais íntimo de mim, oiço uma voz que canta uma oração triunfal.

É verdade; cheguei agora duma ronda...

Alta noite, cáiam ou não morteiros, haja lama

ou luar ou noite negra,—um homem sai do seu abrigo, chama duas ordenanças e, lentamente, enquanto se não habituar à escuridão da noite ou às passadeiras em que se escorrega a cada passo,— pelas trincheiras fóra sobe à 1.<sup>a</sup> linha... Às vezes os ziguezagues são intermináveis e, no escuro, multiplicam-se os tombos, vai-se de encontro aos taludes, nestes caminhos fundos...

Sôbre nós, assobiando, passam as balas. O mano *boche* sabe que há trincheiras de comunicação ali. Por consequência, periódica e fielmente, mano *boche* torna insalubre, bate a trincheira.

De vez em quando, na escuridão, a Alemanha manda um tiro. Às vezes é uma rajada de metralhadora... E tudo isto é duma perfeita naturalidade e retribuído com exactidão...

Passam, pois, sôbre as trincheiras as balas sibilando...

Se é uma rajada, mal a ouvimos que vem, curvamo-nos de repente, esperamos ou avançamos curvos... (Nessa altura uma ordenança minha, metódicamente, insulta o vizinho da frente. E o insulto varia com a duração da rajada).

Outras vezes um morteiro rebenta perto, os estilhaços ficam dansando, pelo ar, num zumbido de colmeia exilada, ronronando, aqui um estilhaço mais grosso, sibilando, além, os seus irmãos mais pequeninos... (A minha ordenança então, vista a categoria e calibre do projectil, aumenta o calibre do insulto, explode num palavrão heroico...)

E vamos seguindo... Aqui a lama excedeu, cobriu as passadeiras. As minhas botas, atrevidas,



enormes, mergulham, navegam... Seguro-me à lama que escorre dos taludes e, às cegas, patinhando, safá-se a gente ainda...

Agora vamos a descoberto... De dia o *boche* domina, vigia esta pobre estrada mutilada... E nós usamo-la de noite porque o tempo é oiro e a linha recta o mais curto caminho...

Mas mano *boche* que é esperto e manhoso, de vez em quando, de noite, varre a estrada. De resto, mesmo batida por metralhadoras uma recta é sempre o mais curto caminho...

E na guerra... Depois não vale a pena admitir o perigo. Morre-se apenas quando se pensa nele...

Nós seguimos pela estrada acima. O mano *boche* farejou alguém... Logo, seguidas das detonações, as balas passam assobiando, procuram-nos, mais próximas agora, raivosas, vivas,—e depois decrescem, vão para longe, calam...

De bruços, no chão, esperamos... (A minha ordenança, entretanto, bombardeia de insultos o vizinho da frente...)

Erguemo-nos, seguimos.

Primeira linha...

À nossa frente, logo, recortam-se as silhuetas das sentinelas dum posto. É a lama sempre, a chuva sem fim, a noite triste...

Uma desolação enorme poisa, envolve tudo...

A canção monótona da chuva interminável... Névoas, cordas de água... Clarões esmaecendo, detonações espectralizadas no ar diferente...

Sigo os parapeitos. Falo aos meus homens.

Como eu quizera abraçá-los sôbre o meu coração! Nas palavras que lhes digo, a seguir às que o serviço exige, ponho o meu carinho.

Eles não desaferram, olhos fitos, pregados na escuridão. Um foguetão que sobe ilumina a paisagem, faz brilhar a água empoçada nas crateras, metaliza a tristeza infindável, a miséria da noite...

A água penetra-os, envolve-os,—aos meus rapazes... Os taludes diluem-se, esfarelam-se os sacos de terra... A chuva cai sempre...

Da linha *boche*, ao fundo daquela vala que vai de trincheira a trincheira e em que os homens se atolam nas patrulhas de noite,—abriu-se um clarão súbito... Pam! e outro a seguir, e outro...

Bombardeiam-nos a linha. Caem os morteiros à nossa rectaguarda, pertinho... Ao senti-los cair, quási a par da explosão, curvo-me, procuro o abrigo do para-costas, num receio...

E vou a censurar êste homem. De pé, erecto, sem despegar a vista dos clarões que se sucedem, enfileira pedrinhas, planta cartuchos em linha recta sôbre o parapeito a marcar a direcção do ponto em que os clarões se notam...

Ah! meu valente!

Ergo-me ao lado dele.

Disseram-lhe para marcar assim a direcção dos morteiros *boches* que descobrisse... E marca-a... Entretanto, seguindo cada explosão, é o vôo ruidoso dos estilhaços... Já um veio cravar-se, com um som ôco, no parapeito, ao nosso lado...

O soldadinho marca a direcção ainda...

Um novo estilhaço vem, crava-se ao lado, ao lado do seu coração. E eu falo. Não me vira ainda...

Reconhece-me, e num sorriso contente que adivinho na sua voz:

— « Dois bocados cravaram-se agora aqui, diz. Mas *êste* já cá canta!... »

*Êste* é o morteiro cuja direcção determinou.

Sigo. De vez em quando, na trincheira de fiscalização, rojamo-nos, colados à terra, enquanto os estilhaços passam.

Um morteiro que rebentou numa cratera cheia de água, cobriu-nos de lama primeiro... Depois, um minuto passado,—foi uma chuva torrencial, diferente,—a água que arremassára ao alto a explosão.

As roupas vão maculadas de argila. As botas pesam arrobas de lama. E a argila sêca, nas mãos, incomoda, irrita...

Homens desvairados de Portugal, se vós soubesseis!...

Os sargentos de ronda passam... Nada de novo. Vão encharcados... Um deles, que anda doente e eu quero se trate, respondeu-me há dias:

— « *Daqui, meu tenente, só numa maca e ferido!*... » É o herói sem medalhas, o que eu amo, o que se oferece sempre quando o perigo existe, é honesto, silencioso, grave...

O oficial de vigilância com as ordenanças encontra-se comigo... Falamos da lama, dizemos a nossa tristeza, a compaixão de os ver, a *êles*, ali, assim... Uma compaixão admirativa, comovida...

De vez em quando uma metralhadora canta...

Nada de novo! Só dez morteiros agora mesmo, além. Ninguém ferido. Vamos mandar-lhe trinta, depois do alerta . . .

« Boa noite! »

É a trincheira de novo, a trincheira de comunicação que a chuva e os morteiros obstruíram, encheram de água. Os taludes esbarrondaram-se, a terra cobre as grades do fundo.

Enterramo-nos até aos joelhos . . . e, lentamente, penosamente, descemos . . .

## O ELOGIO DO MILICIANO

**P**RIMEIRA linha. Duas horas da tarde, — a hora ruída em que os morteiros e as granadas, neste regime de agora, graças a Deus e à fartura dos nossos depósitos, desertam furiosamente das linhas para escavar eloquentemente as cavernas do *kamarada boche*. Hora insalubre. Porquo, embora parcimoniosamente, dada a carostia da vida na Alemanha, — o *kamarada* sempre vai respondendo. E se os estilhaços não são, positivamente, uma coisa do monta, — a lama que uma explosão próxima nos lança é altamente incómoda e mal cheirosa . . .

Entre os traveses, espreitando, olhos unidos ao parapeito, o soldadinho de Portugal olhava . . .

É cada bando de morteiros, (ah! valente rapazinho dos ligoiros!), a cada revoada do granadas que poisava na terra do Huno, o soldadinho de Portugal, desolado o triste, numa ironia, lamentava a sorte do vizinho da frente cujos tarecos voavam polos ares, num *badanal!*

De vez om quando, com efeito, o *boche* respondia.

E então com cada resposta! Calculem um barril de 30 litros aos rebeldes pelos ares... escreve o meu impedido aos conhecidos da Vila Cova de Sub-Avô...

E o barril vem num barulho medonho, espeta-se no chão, ergue a terra numa explosão disforme, cavando crateras onde cabem carros de duas juntas de bois...

Coisa interessante de ver, amigos... E relativamente inofensiva, creiam...

A nossa trincheira, em alguns pontos, já se parecia com a trincheira alemã... Maltratadinha...

Um meúdo, servente de metralhadora, por causa de quem maqueiros e macas apanharam razoáveis sustos, dizia-me todo enlameado e rindo, que vinha de voar em *arioplano*, na companhia dos sacos de terra do parapeito... E risonho, bem nosso, ia emergindo dos escombros que o cobriam apenas...

Entretanto era um dó de alma ver falhar certos morteiros *boches* caídos perto de nós. E grande alegria observar um dos meus rapazes, cardíaco e calipígio, espreitando com uma culta prudência à porta do abrigo e, a passos delicados, curvando-se, farejando os ventos, caminhar cautelosamente na direcção do primeiro morteiro que estava para cair...

Entretido a contar os que vinham, feliz de verificar que o mano *boche* retribuía magramente as nossas dádivas, — o meu camarada miliciano, jovem alferes recémchegado à linha, sem escala pelas Capuas da base,—estava bem disposto e sereno quanto possível.

A sorrir, afirmou-me, logo de princípio, ter verificado a poderosa acção diurética da 1.<sup>a</sup> linha em hora de bombardeamento, *raids*, ou apêrtos anormais,—o que, de resto, vinha ao encontro e confirmava observações feitas, de há muito tempo já, por mim, graças a Deus...

Mas isto não tem importância... Um morteiro pesado vinha pelos ares. E o mais notável foi ter passado no momento alguma coisa pesadíssima, roncando sôbre as nossas frágeis cabeças, devotamente curvas, num terror higiénico sôbre as passadeiras enlameadas e pávidas. E mais notável foi ainda a erudita opinião dum soldadinho do lado, amante como nós todos da boa frase no momento mais duro:

—Co' um raio!... Olha se não me abaixo! Lá se me entornava o tabaco!...

Serêno, o olho pisco, a perceber do efeito (que um soldadinho gosta o saibam sem temôr) acabou de enrolar, plácidamente, o cigarro em que uma mortalha lisa apurava um tabaco de Portugal recebido ontem numa encomenda cuja história eu conheço bem...

E ali, num canto da trincheira, para distrair dos possíveis traumatismos iminentes, o meu camarada miliciano, rijo e destemido nas patrulhas de noite e seguro nas horas de pânico acessível, — depois de ter confessado considerar-me razoavelmente alferes...

Aqui devia eu à modestia própria e à severidade hierárquica uma explicação:

Na fauna das trincheiras um alferes é assim como

um elemento primeiro . . . Mas esta explicação levar-me-ia longe . . . Decididamente fica para outra vez . . .

Tinha-o ali, no seu lugar, o camarada novo, improvisado, lançado na guerra quando mal pensava nela, enobrecido pelo sacrifício enorme, em tarefas que jamais suspeitára, por caminhos que jamais contára palmilhar . . .

E tendo dado, de si, da sua mocidade, do seu sacrifício, ao exército da minha terra, nestas horas em que se vive a guerra, e o gamão, longe, mal entretém os que ficaram — tanto como o soldado humilde arrancado pelo dever ao seu lar recente, à família, a si mesmo, — a segurança, a comodidade, o sangue e a própria vida.

Os meus camaradas milicianos!

Lembro os que chegam à linha, pela vez primeira, às horas da rendição, confusos, dominados, sem saber, enquanto os morteiros ecoam a fama dolorosa que fez da trincha, para quem não a vive, um lugar de devastação, miséria, morte, horrores . . .

Vejo-os, no decorrer igual dos dias, na adaptação da sua mocidade activa, revelar as qualidades essenciais do chefe, sofrer com *panache*, fazer da trincha o seu baluarte de honra. E nas horas em que a Morte corre entre os traveses, doida, ululando, — vejo-os, a tantos, senhores de si no desvairo branco e áfono impor domínio ao pânico, dar o exemplo que vence, esculpturar beleza, vincar atitudes heróicas . . .

Vejo-os sair na primeira patrulha com o camarada, ou chefe que os ama . . . E para seu baptismo de alferes, entre as linhas hostis, vaguear ao meio



das sombras que ameaçam, com os corações batendo mais velozes, rindo ao ouvir a história contada dentro de uma cratera ou estacando, súbito, ao pressentir uma emboscada na escuridão . . .

Se um soldado pudesse fazer do seu sacrifício outras colheitas que as da sua glória, dôces ao seu orgulho, — o meu camarada miliciano podia chamar-se, que não chama, — o grande saerificado . . .

Os que a guerra poupar hão de levar daqui, porêm, a altivez que os anos embeleza e um dia a sua Pátria, entre as gentes diversas, com os seus actos e com as suas palavras — farão perpassar a luz sombria e austera dos seus dias de hoje, cada vez mais evidente e clara à medida que o tempo nos fôr purificando a todos nós . . .

Mas para elogiar, quando o elogio é de alma, são as palavras sempre demasiadamente duras. Nem a palavra foi dada ao homem para tal.

E, porque uma granada viera cair sôbre o travês contíguo, mudámos de poiso e eu arrepiei caminho na conversa, a geito.

E ficámos espreitando o ar . . .

O meu camarada alferes bocejou longamente . . .

Três noites eram passadas, senhores . . .

(Mas os senhores não entendem, não podem entender . . .)

Já, sôbre o bocêjo, risonho, refeito, os olhos vivos, repentinamente:

— Não conhece a história dum alferes miliciano? dizia. E puxou do livrinho de apontamentos.

— Quere ouvir?... Isto está mais salubre... O *boche* esgotou a dose... Quere ouvir...

Interromperam-no.

Decididamente o *boche* estava intranquilo e inconveniente... E porque um garotito da sua metralhadora, estando ao periscópio, acabava de ser ferido e uma maca passava ao ombro dum maqueiro apressado, o meu camarada correu, corromos ao posto maltratado, e não leu mais naquela tarde...

Porisso o *boche* sofreu, daí a momentos, toda a instrumental dum represália, exemplar, — escuso de dizê-lo...

Desci ao meu abrigo. Tristemente, desci...

E quando a noite caía sôbre um novo bombardeamento e os *minenwerfer*, os *shrapnels*, os morteiros *boches* se davam assemblea sôbre toda a linha florida o ígnea, quando ou saía do meu abrigo tranquilo, uma ordenança correndo, ofegante, pálida, veio do encontro a mim.

— Que há?

— Meu capitão... o parou, respirando. — Vim que nem um fogueto!... O nosso alferes...

— Fala, diz, depressa...

— O nosso alferes diz que tem um braço deslocado, está todo roto, todo cobertinho do lama, mas muito contente. É o que mandou dizer. Mais nada. Volto pra cima. Não morreu ninguém. Dá licença, meu capitão?...

AGORA É SÓ CORAGEM...

**T**RÊS horas da manhã. Primeira linha. Calma... Só de vez em quando uma rajada de metralhadora varre o parapeito, rasga o silêncio, fere o ar... Em cada posto velam as sentinelas, trémulas de frio, os pésregelados, as mãos insensíveis...

Cai a geada com as horas da madrugada. Raros, os *very lyghts* sobem, revelam o campo branco e silencioso, as árvores dilaceradas, as trincheiras como túmulos sob neve...

Longe, muito longe, é o rolar dos canhões preparando um ataque... As estrêlas descem a curva do céu... Há silêncios tamanhos que dir-se-ia entender-se o ruído leve das horas calcando terra fôfa, o dôce arminho...

Ao longo das passadeiras brancas o oficial de ronda passeia, transido...

E o frio é feito de agulhas de aço penetrando a carne, insensibilizando, numa invasão lenta...

É a hora em que em certos países fecham os restaurantes caros, e o bando verde, esgotado, dos convivas insulta a noite, pelas ruas silenciosas...

Por toda a parte, longe da linha, baluarte na dôr e na vitória,—os homens repousam, dormem no conchêgo caseiro, miserável ou de fausto, no arrumo das vidas sob o carinho protector, materno das habitações... Lado a lado, nos leitos humildes, o amôr aproxima os corpos, e o sôno veio fixar o gesto possessivo do último abraço...

Felizes os outros... Em que mundo existem? E que vida vivem?...

Entretanto uma outra rajada passa sibilando, uivando morte... Depois as metralhadoras calam de novo...

A O soldado pensa na outra vida, (quando a viveremos?) e em sua dôr aceite e consumada, não acusa, não inveja talvez...

Quem dirá a alma dos soldados da minha terra, o seu sentir na Guerra Grande?...

Atonia? inércia? inconsciência?—Ou profunda visão equilibrada em que o carácter resiste, predomina, comanda?...

Pelo espírito simples passam as ideas num vôo sem poisos...—Ah! os que não vieram, os que se esconderam, os que da guerra nem conhecem o dever sagrado de ser comosco no carinho que nos dessem, nas orações que por nós ergueriam dentro da própria alma!...

Os que se consomem de egoismo e não sabem, não suspeitam a sêde daqueles que, por aceitarem o maior sacrificio, exigem a ternura e a atenção das almas...

Na amargura das suas horas, o soldadinho sente erguer-se, indecisa e disforme,—a noção duma força

íntima, a idea da sua altura moral inatacável... Um grande desprezo em que há amargura e ódio violento, (eh! camaradas da frente, inimigos de agora, que sofreis como nós, que morreis igualmente, não é em vós que penso!)—um grande desprezo lhe enche a alma numa consolação...

Como são longas as noites de inverno em 1.<sup>a</sup> linha!

Já fôram rendidas as sentinelas regeladas...

Outras vigiam, sob a geada, a cabeça à altura da morte no parapeito cortado de balas...

O oficial de ronda continua pisando, com o mesmo passo, na monotonia do serviço sempre idêntico, as passadeiras brancas e escorregadias, de pôsto em pôsto com perguntas iguais...

Agora cruzou-se com uma das sentinelas rendidas... A inanta sôbre o capote, arrastando na neve, o soldadinho sopra os dedos insensíveis de frio... É o seu calor que se dá a si mesmo. E os passos trôpegos dizem os membros anquilosados do regêlo...

E os dois param... A dôr consciante e vencida encara a dôr mais heróica, livre para todas as rebeldias mas, no entanto, domada e suportada com beleza e altura...

—Eh! meu rapaz, então? Muito frio? Como vai êsse corpo?

—Ó meu alferes... Isto já nem é corpo nem é nada... Agora é só coragem!... (córaige!)



## MEU IRMÃO ARTILHEIRO

**N**OITE. Estrêlas altas . . . Aquele silêncio enorme em que um tiro, uma rajada de metralhadora, uma explosão distante, ficam ecoando, prolongando-se, enquanto a noite se ilumina, pálida, aos clarões lentos dos *very lights*, lá diante . . .

Entre trincheiras, junto de ruínas . . .

Feras domadas e amoráveis, os canhões esperam pensativos, mudos — que os nossos canhões teem alma e vontade . . . Junto deles há outras almas que vigiam, atentas, ansiosas, ávidas de dar-se em auxílio ao irmão-infante que na primeira linha espera a dois passos da morte . . . Aquele moço alferes que passou na sombra, iluminando-a a instantes com o clarão eléctrico de uma lâmpada, disse palavras cheias de mocidade e afagos aos seus homens e aos seus canhões. Os canhões ouviram, o coração de aço palpitou um momento e uma ansiedade mais forte, sob o rude sorriso iluminado, precipitou seu ritmo no coração dos artilheiros.

A noite segue, descem as estrêlas . . . O silêncio

é um mar sem fim com ilhas lentas de ruído submergindo-so . . .

Sobem os *very lights* sôbro o terreno triste da Terra de Ninguêm . . . Perfilam-se uns momentos as árvores mutiladas, crucificadas, nossas irmãs na dôr... Surge a scenografia trágica dos escombros, e há mãos erguidas em súplicas desvairadas sôbro o amontoado violento das ruínas omersas da escuridão . . .

Uma bala passa, outras balas . . . almas penadas quo procuram a morte . . .

Junto à prancheta, fixando o horizonte, doloroso o heróico, miserável e Grande da primeira linha o irmão artilheiro vela . . .

Nos abrigos estreitos, junto aos aparelhos que a metralha daqui a pouco inutilizará talvez, outros velam, à escuta, esperando . . .

O *boche* ostá calmo, desusadamente calmo . . . Cuidado! «Rapazinhos da primeira linha, irmãos infantes, nós cá estamos! É confiar, confiar . . .»

Os minutos seguem, a noite rola, vai passando... X

Súbito, do lado de lá, surdas, rolantes, erguem-se as vozes dos canhões, erguom-se chamas, explosões sôbro a nossa primeira linha . . . E a confusão cresce no tumulto dos ruídos diferentes e das chamas . . . Sôbro o fundo iluminado pelos nossos *very lights* mais freqüentes, norvosos o seguidos, projectam-se no ar os géiseres da terra atirada ao alto, na violência brutal dos explosivos . . .

Lentos, lentos, sôbro a miséria e o desvairo, sô-



bre a terra louca, no incêndio da noite, sobem os foguetões de alarme . . .

No abrigo das ligações uma voz branca, sacudida pede S. O. S. . . . <sup>(1)</sup>

*Save our soul!* E na névoa, sôbre o fumo que começa a cobrir a primeira linha, lontan, lentas, caem as lágrimas de sangue, grandes lágrimas que o irmão artilheiro recebe no seu coração . . .

Já os canhões libertos vomitam chamas, urram tam serenos e firmes que só o coração lhes pulsa na imobilidade perfeita da sua estrutura . . .

É um novo incêndio agora, uma voz mais alta, a grande canção da Morte, mais violenta que todos os ciclones, mais furiosa que um oceano louco de encontro a galerias inacossíveis . . .

Em volta dos canhões os nossos irmãos agitam-se, vivem, esperam a morte . . .

Ei-la quo vem, sibilando, no uivo enorme que cresce sôbre nós e tormina pela explosão que ensurdece, desvaira, reduz a estilhas, despedaça o ar o as coisas . . .

As granadas sucedem-se, chovom sôbre as baterias . . .

Mas lá em cima, o irmão infante soffro. A tempestado não aplaca . . . O *boche* alongou o tiro, as granadas passam, vão mais à rectaguarda florir de fogo as estradas que conduzem às linhas, obstroem, derrubam as trincheiras de comunicação, à frente . . .

<sup>(1)</sup> S. O. S.— Iniciais de *Save our soul!*: salvei a nossa alma. É o mesmo sinal dado pela telegrafia sem fios, de bordo de navio em perigo no mar.



E entretanto, furiosamente, nobremente desvaiado, o artilheiro bate a Terra de Ninguê, pulveriza-a, esmaga-a, dilacera o Huno que avança para o ataque, semeia a morte nas trincheiras *boches*, onde vagas novas se amontoam para reforçar o assalto . . .

E a alma heróica dos canhões toca, penetra o coração do infante! . . .

Ah! O heroísmo doloroso de ficar sob a morte, sob o horror da tormenta ígnea e ruídosa, no parapeto frágil! . . .

O inferno, as visões mais loucas, não chegam, não bastam. É a terra revolta, o ar que flagela, os estilhaços como feras aladas rugindo invisíveis . . .

E o infante é lá! . . . E espera, o coração oprimido . . .

— Seja o que Deus quiser! . . .

— Morrer, viver? . . .

Homens que haveis vivido estas horas eternas! Nos mais humildes e irrevelados de vós, sem o saberdes, uma nova luz nasceu . . . A aceitação da Morte, o sacrifício voluntário, a tragédia aceite — mais tarde serão beleza, grandiosidade, humildade suprema, força indominável no coração da raça, no sentir dos vossos filhos, meus irmãos!

Mas olhai: olhai . . . A Terra de Ninguê arde, é toda florida pelas explosões das nossas granadas . . . Detrás do muro expêso de fumo, o *boche* grita, uiva, hesita, retira . . .

A alma do infante sobe, reconfortado, serêna . . .

E a nossa artilharia não se cansa . . .

Agora bate-os nas suas próprias trincheiras... Já a artilharia deles espaça os tiros, vai calando a cólera vencida...

A nossa linha, enlouquecida de detonações e chamas, começa a acalmar-se. Ardem as metralhadoras, escaldam as espingardas nas mãos nervosas dos soldadinhos...

Uma ou outra maca, lenta, passa nas trincheiras revôltas...

E a artilharia de Portugal repousa, vai repousar emfim...

Tu saberás depois,—ó meu camarada de morte e de miséria—como sob o bombardeamento que não conseguiu esmagá-los e em que as granadas de gás, silenciosamente, disfarçadas e mortais, exalaram seus hálitos infames, sob a tormenta, homens e canhões foram firmes, não arredaram um palmo, não tremeram um momento, deram-se todos, aceitaram a morte, esgotaram-se na faina violenta e árdua porque, na primeira linha, estavas tu—ó meu irmão infante, meu grande irmão!

D. QUIXOTE E SANCHO PANÇA  
NAS TRINCHEIRAS

É NUM abrigo, a 300 metros da primeira linha, num pequenino abrigo escuro onde passo, periodicamente, certos dias na companhia amiga de alguns ratos e algumas estampas, algumas latas de *corned beef* e os meus camaradas oficiais, sob a ameaça das granadas que rebentam sempre um pouco à direita ou à esquerda, e em luta com a frágil ciência culinária do meu cozinheiro que suspeito de vendido ao ouro alemão...

Duas horas da madrugada...

Uma ordenança, conforme o combinado, veio avisar-me de que a 1.<sup>a</sup> linha se tornava por demais insalubre. Um bilhetezinho alegre do oficial de vigilância já confirmou o caso. E como eu tenho ouvido e a 1.<sup>a</sup> linha está perto, decido acreditar que, com efeito, os meus rapazinhos estão passando um mau quarto de hora...

Ajeito o cinturão, as máscaras, inspecciono a minha pacífica pistola... E escuto, em mim:

D. *Quixote*: — Vamos, depressa!... Os meus

rapazes sofrem sob os morteiros... É provável que haja feridos, mortos, a esta hora... Apressa-te!... Esse cordão da máscara, o capacete, vamos!...

*Sancho* (manhoso, com grandes movimentos inquietos):—Lá vai o meu senhor e amo fazer mais uma das suas. Pois não me dirá vossã mercê a que vem essa mania? O dever de vossa mercê é deixar-se ficar por aqui, pois aqui é precisa a sua presença... Praza a Deus que essa mania não renda iná morte, senhor meu amo...

*D. Quixote* (pondo o elmo de Mambrino usado pelo exército inglês...):—Como te enganas! Hás-de saber, Sancho, que é brio de cavaleiros andantes procurar sempre sítio onde mostrem suas manhas e illustrem sua gerarquia... Tanto mais agora, meu escudeiro, quando, na primeira linha, os meus rapazes sofrem o embate de gigantes ferozes contra quem não há coragem possível... Eu quero ser com êles, Sancho amigo, correr um risco igual ao deles, para que me vejam, para que em mim confiem... Assim prepararemos, Sancho, as forças de alma necessárias para esta guerra dos demónios—que o senhor me perdõe...

*Sancho* (atando a greva com uma lentidão voluntária):—Pois sim, pois sim, senhor D. Quixote... Mas ou eu me engano muito ou vossa mercê é o primeiro a dar-me razão pela pouca pressa que mostra em sair dêste abrigo... É bem haja por isso... Que não nasceu tam apurado cavaleiro para ser assim arrasado estúpidamente por um morteiro médio... Pois diga-me vossa mercê, aqui, que só aquele ratinho nos ouve... Não está o meu amo

neste sítio para dar as suas ordens e resolver à sua maneira o que cada um tem a fazer?... Por isso é muito bem feito dizer-se o que se diz...

*D. Quixote*:—Cala-te, vilão! Que importa a murmuração dos vilões como tu? Vamos, acaba de apertar essa greva e toma a tua espingarda. Segue-me se quiseres...

*Sancho*:—Que remédio tenho eu, meu amo!... *(Uma explosão enorme, perto... Morteiro pesado pela certa. A fuligem do abrigo cai num pó fino sobre a minha cabeça. O rato chia supondo chegar o fim do mundo...)* Veja, veja vossa mercê!... E é com um tempo dêstes que um cavaleiro, a flôr dos cavaleiros andantes, se vai expôr, Senhor dom Quixote!... São Jeronimo! Santa Barbara Virgem!... Lembre-se vossa mercê que tem gente por si nessa danada 1.<sup>a</sup> linha... E que a vida é só uma, que a cadaver morto tranca à porta e mais vale um abrigo na mão que vinte morteiros a voar, que a valentia é uma treta, e morrer por morrer morra o meu pae que é mais velho e o seguro é o melhor, senhor meu amo!...

*D. Quixote* (pálido, com um mêdo enorme de ter mêdo):—Sai do meu caminho, não me tentes, ó mais vilão dos escudeiros!... Ordenanças, ordenanças...

*Sancho*:—E vai expôr ainda êsses pobres rapazes! deixe-os dormir, meu amo... Se um deles morrer, sim, se um deles fôr para o *Manêta*, a responsabilidade é toda sua... Deixe-se de valentias... Senhor D. Quixote, meu senhor e amo!...

D. Quixote está já fóra do abrigo . . . Uma ordenança, sufocada, ofegante, chega da 1.<sup>a</sup> linha. Entrega um bilhete . . .

*1.<sup>a</sup> linha toda bombardeada. Segue um ferido. Parapeito destruído junto do posto . . . Estou em dúvidas quanto ao S. O. S. . . . Os rapazes firmes . . . Espero ordens . . .*

*D. Quixote:—Ordenanças!*

*Sancho* (que leu também):—Então não vê, senhor D. Quixote, que coisa de pouca monta é o que se passa? . . . Vai encher-se de lama, moer-se . . .

Mande um bilheteinho, senhor meu amo, recomende um pedacinho de sangue frio e serenidade, deixe-se ficar . . . Senhor meu amo, pelo amôr de Deus! . . . Ai, vaidade, vaidade! . . .

Pela trincheira fóra, curvos sob a tormenta, seguem um oficial e dois homens . . . Na primeira linha as detonações, as explosões sucedem-se. O ar é cheio de zumbidos . . . São os estilhaços. Abelhões, mosquitos, grandes môscas varejeiras de aço . . . Curvos, correndo, avançam os três homens para a primeira linha . . . D. Quixote sorri da sua vitória; uma ordenança, a cada morteiro, insulta o *boche* com uma convicção vibrante, enraivada, crescente . . . Como se respira bem! Que dilatado o peito! . . .

*1.<sup>a</sup> linha . . .* Nos parapeitos mutilados velam os soldados. O oficial, um a um, percorre os postos. A

cada homeni, a cada coração, quisera êle dizer a palavra enternecida e carinhosa que merecem todos ali, firmes e serenos, esperando a morte, invencíveis porque dominaram a pânica rebeldia da sua miséria... E, em cada posto, cada homem, adivinhando o camarada mais velho, num carinho agradecido pela comunidade aceite no sacrifício — diz as mesmas palavras:

— É o meu tenente! . . . É o nosso tenente! . . . Nós cá *estêmos!* Não há de haver novidade! . . .

Com que alegria aquele homem os abraçaria contra o seu coração! . . .

Entretanto segue o bombardeio . . . Os nossos postos separa-os agora uma zona de morte, batida de estilhaços, cavada de crateras recentes . . .

E uma voz grita: «Não vá para aí! Espere! Não passe para lá» . . .

D. Quixote acorda! . . . Lá do fundo, lá da rectaguarda, Sancho amigo aconselha prudência . . . D. Quixote, pálido, compreende a sensatez do seu escudeiro . . . Mas para lá dos estilhaços há homens ainda, homens seus, vidas que estão consigo . . . E, no mêdo enorme de ter mêdo, domando o organismo que se retrai como um cavalo empinado e rebelde, o homem avança e os morteiros cessam . . .

De novo no abrigo. Muita lama. Um grande silêncio . . . Alva. Estrêlas pálidas . . . Quixote, radiante, o elmo de Mambrino na mão suja de lama, coberta de suor a fronte, entra na caverna estreita onde, por fim, vai dormir . . . Rompe o dia . . .

Sancho, com uma cara sem vergonha, manhoso, incapaz de um elogio, num sorriso mau:

—Então nem um estilhaçozinho, meu senhor e amo! Que eu bem dizia que não havia nada lá por cima . . . Foi por isso que me deixei ficar! . . .



COM O TEMPO...

### III

Junho...

**C**OMEÇA a amanhecer. Acabo os meus relatórios, ouço os últimos estrondos da noite. O dia chega devagarinho. Morrem esvaídas, brancas, as estrêlas do céu... Sobem os últimos *very lights* já inúteis. As metralhadoras já emudeceram.

Há pedaços de silêncio cheios de espanto...

Um silêncio estranho, o do sôno sagrado dos que dormem sob a terra, em volta de nós...

O dia chega. Sinto-me envelhecido, — de sôno, de fadiga...

Julho...

Calma. Sôbre a vastidão do claustro cavado e vasto, é o ruído, longe, dum avião patrulhando, o canto dos passaros e o vozeio longínquo dos canhões...

Nas linhas os homens que velaram de noite, agora, sôbre um sôno ligeiro, trabalham, enchem sacos, restauram, curam as feridas quotodianas dos parapeitos...

Aos periscópios alguns vigiam. E tudo está, armas o munições, a postos . . .

Se há bombardeamento, a monotonia da linha quebra-se, suspende-sc . . .

Cada um vigia no sector do seu periscópio ou na porção do céu que o cobre . . .

As granadas ordinárias ou as *schrapnels* do 7,7, os morteiros das *minenwerfer*, — anunciam-se sempre . . .

✧ E um soldado habitua-se . . .

Mas se o projectil vem, ruflando, e chega, entra no chão, não explode num pequeno ruído . . . É o gás! As sinetas repicam. Os homens cobrem os rostos com as máscaras que trazem sempre sôbre o peito . . .

As vezes um morteiro pesado chega, num desabar ruídosos . . .

O chão abre-sc em crateras disformes . . . Vôam, doidos, os estilhaços. E meu irmão soldado, pálido, olhando, pouco curvo, — tem um sorriso brejeiro. . . «Lá vão as abelhas para o cortiço . . .» diz.

Outras vezes, quando o *boche* se excede e abusa, os homens começam a encervar-sc. A um pedido feito, sôbre um ponto indicado, a artilharia abre fôgo. . . Represália. . .

A nossa gente espera, olhando, ao parapeito. E, sob a rajada, terra, madeira, latas, Kulturás, tudo vòa na linha de frente . . .

Uma maca desce lentamente para o posto avançado . . .

Horroroso? monótono? brutal?

A aparência é essa. Mas o que está por detrás disto! A dôr horrível dum novo destino gerando-se, a expiação dum mundo que morre vítima dos seus crimes, dois ideais hostis que estão aqui, frente a frente,—a verdade trágica dêste assombro que vai ter uma legenda eterna na memória do mundo!...

Ao atravessarmos, eu e as minhas ordenanças, o que foi antes estradas, caminhos, ruas povoadas, vinha pensando na pequena linda vila que se finou aqui.

Os muros mais altos que restam ainda, mutilados, abertos, são os da igreja, ao lado do célebre Calvário...

O cemitério tem os mausoléus violados, deixando ver os caixões e os esqueletos...

A vegetação dos pomares e jardins cresce bravamente sôbre as ruínas. E, doloroso contraste, as charruas surpreendidas pela guerra, semienterradas, ferrugentas, esperam, num espanto, com os braços no ar, súplices, doridas!...

Como a luz diminui, saio do caminho, arrisco-me por entre escombros. Tudo ruínas!... Nada que esboce ou deixe adivinhar a fisionomia anterior ao drama...

Uma grande face hiante, exangue, pávida e parada...

Só as árvores de fruto seguem oferecendo suas dúvidas agora amargas e dolorosas...

Depois—rosas, papoulas, rosas vermelhas, sobretudo... Porquê? Porquê?

Rosas que desabrocham à boca das crateras, cam-

pas, túmulos, árvores sangrando pelas feridas frescas dos estilhaços e todas verdes ainda...

Isto, aqui, foi uma casa. O tecto caiu entre os muros, êstes caíram também...

Só um berço de criança aflora entre escombros...

Noite. Noite... Já as metralhadoras casquinam e as balas passam, com a morte de olhos fechados, sibilando...

Desço à trincheira... Vamos silenciosos.

Há pouco, um dos rapazes, olhando-me, pasmado, com os olhos húmidos, abanando a cabeça, disse-me sómente:

— Parece impossível!...

E será tudo inútil, meu Deus? Os dias correrão iguais depois de tudo isto, sôbre a face do tempo sempre igual?...

...

Tive uma grande alegria. Uma encomenda postal partida de Portugal há dois meses, chegou em fim! mas tam velhinha, tam cansada!...

E agora, enquanto o canhão trôa muito pertininho e o B., ao lado, bombardeia a rectaguarda, — para o apoiar, penso como, na verdade, só nós sofremos a guerra...

Dum lado o regime da trincheira sem a garantia duma noite tranqüila, e depois quando fóra, a instrução, os alertas de noite, a guerra dos papeis...

Eu prefiro a trincheira. Êstes *descansos* são uma ilusão amarga. ✕

Em aldeias esburacadas pela guerra onde granadas acantonam por vezes, em pobres casas mutiladas, em quartos, cujas paredes a *Sphere* e outras ilustrações inglesas foram, em camas vindas a mór parte das vezes dos abrigos da linha,—o infante não deixa de pensar, com azedume, nos outros... Êles fazem também a guerra. Hão de contar os seus horrores e o que os mortos realizaram... Falarão sem carinho da miséria vivida, exorbitando o horrôr que só nos é familiar a nós... Por nós falarão... da melhor vilegiatura da sua carreira, e, quantos? da sua amargura por não serem aqui...

Ah! o meu orgulho de infante, o meu orgulho de sofrer o pior do drama, as balas, a monotonia, os morteiros, a lama, os longos meses iguais e sem descanso!...

A bateria segue *zimbrando*, pela noite fóra. Comanda-a um irmão artilheiro, P. C., a quem o *boche* deve, para honra nossa, uma represália em termos, se lhe referencía a posição...

O alemão responde francamente, à tóa. Daqui a pouco, no jardim da casa onde estamos, cairá uma nova granada... E as donas, velhotas e trémulas, hão de erguer-se, esperar pávidas e brancas, escutando...

E talvez uma delas, serenada, por fim, uma cujo marido se bate em Verdun, me diga sorrindo, e com doçura para o meu orgulho:

—*Ah! Monsieur, comme vous êtes toujours gai!*

Sim, a minha alegria, meu amôr, o meu orgulho de soldado, e estas lágrimas de comoção!

Julho . . .

Um camarada meu fez hoje a sua primeira patrulha... Fomos juntos. E levámos um desenho para ilustração da Terra de Ninguém...

Lá o deixámos, nos arames *deles*. A luz dos *very lights* o cartaz ora uma janela iluminada.

Mano *boche* dormiu grandemente esta noite. E nós andámos perdidos lá fóra. Ao entrarmos de novo no nosso parapeito, só o trauteio duma canção portuguesa nos livrou da granada que um soldadinho assustadiço havia descavilhado já...

Tive dúvidas quanto à posição exacta do cartaz, durante a noite. Fui à linha, ao alerta... Que decepção! Ficára a mais de 20<sup>m</sup> do parapeito deles!

Êstes enganos... É preciso ter feito patrulhas para os compreender.

Agosto . . .

Lama. Sempre a lama. Que miséria! E ter às vezes a gente de se deitar sôbre ela!...

O reumatismo anda na linha. Depois o mano *boche* abandonou a sua, ao que parece... Homens nossos andaram fóra do parapeito em pleno dia. Um chegou a ir à trincheira inimiga. O *kamarada* desertou. Nem um morteiro!...

Mau!...

...

Vim esta madrugada, com os meus homens, trabalhar nas trincheiras.—Escrevo-te num abrigo onde passei já muitas noites, aquele defronte de duas campas floridas... Tanto sono!... E êste sono indomável da madrugada que esborôa tudo!

Mas o capitão que me rende e hoje é o detentor da caverna, deu-me a sua maca primeiro e agora oferece-me um cafézinho amigo a mais não poder...

O sono passou. A vida começa a tornar-se suportável. Andamos arrazados, meio convencidos de mil maleitas, aborrecidos, sem que um pedaço mais alto, de epopeia ou tumulto, venha quebrar isto...

Infantaria, arma de infantaria... Calvário, calvário... Somos cristos desta guerra. As fadigas a toda a hora, as noites brancas, os trabalhos de noite, as esperas ansiosas, enervantes nas noites de ataque, as incertezas, os cansaços que nos vincam as rugas, a lama, a chuva, o desconforto, as balas, a morte...

E os papeis...

Senhor! Senhor!

Assim falam, num abrigo de 1.<sup>a</sup> linha, ao romper dum dia igual aos outros, sujos da mesma lama, estremunhados, mal dormidos, pálidos, cinco oficiais de infantaria... E o soldado, o soldado?

Não hesite um momento o camarada censor que porventura leia esta carta... Não a julgue desmoralizada, não suponha de queixas essas palavras doridas, saiba apenas que em cada exército em guerra há uma tropa de dôr e sofrimento que não dorme



em camas de sibarita, não vive as pequenas Babilónias, não tem sorrisos de mulher, fogões excelentes, as botas sempre luzidias...

E, comovido, cheio de respeito, feche essa carta, sem reparos nem mais...

...

De novo na trincheira. O sol secou um pedacinho da lama universal...

O vizinho excessivamente calmo...

É de mais...

...

Voltou a chuva, a lama, a miséria da trincha. E veio-me a gripe... Ando irritado, recioso de pior maleita... Aqui, na linha, mal que não venha do *boche* é contratempo e ofensa...

Esta tarde um *Sniper* <sup>(1)</sup> fez-me fogo. Andava eu mostrando a um sargento, do nosso parapeito,—a rêde exterior... Senti como uma chicotada na cara, caí para trás...

É enfiei logo o capacete ao alto da bengala, agitando-o vivamente para evitar ilusões ao *kamarada*.

Interessante a impressão duma bala que nos pàssa a um dedo e nos sopra na cara... Perdôa, perdôa...

Ontem, acabava de fechar a tua carta, rompia a madrugada,—rompeu sôbre nós e domínios uma or-

(1) Vigia alcão.



questral diabólica, a maior que, por aqui, tenho tido a honra de escutar...

✓ O *boche* atacou. A terra, o ar, os nêrvos, os homens, eram o tunulto, o inferno...

Lembro-me que, um momento, tive sombras de medo. Ah! As palavras falham, trememos agitados, como se uma corrente eléctrica passasse...

Segurei os meus nervos, dominei-me! Como é bom dominar! E os homens já se expunham entre as explosões constantes, na trincheira batida, cada vez mais serenos, curvos apenas sob o tufão que nos enegrecia a cara...

As horas que por aqui vivemos!...

Manhã de aço, violência, agonias, pânicos, domínio, beleza...

Um meu alferes, ao meio dos pelotões que faziam subir os foguetões de socorro, serêno sob o bombardeamento, pedia apenas represálias e esperava a primeira vaga de assalto... E dizia-mo...

É um miliciano. Uma criança.

O *boche* deixou mortos no batalhão ao lado.

Tivemos um oficial ferido e duas praças.

Passada a tormenta, na fadiga imensa daquelas horas,—deitei-me sôbre o meu catre e, sem querer, chorei...

Estou contente!... Vivi! Catorze de Agosto...  
Um dia vivo!...

## CARTA A MEU FILHO

A MAMÃ lerá por ti esta carta... Tu a ouvirás, de olhos bem abertos, até que um dia saibas entender as coisas lindas que, com letras, se podem traduzir.

Escrevo na minha toca de trincheira, tão pequenina que eu e o meu impedido, homens grandes, estamos constantemente ferrando com a cabeça pelo tecto, num louvar a Deus.

Para evitar tanta cabeçada já se inventou um capacte de aço que os ingleses comnosco usam, nas trincheiras... É que às vezes serve para proteger das balas...

O meu menino sabe que, na trincheira, quando chove, andamos de barco, numas grandes barcaças submarinas chamadas botas da *trincha*... As minhas, filho, são tamanhas que a Diamantina ou a Maria da Saudade, se caíssem lá dentro, morriam afogadas, e, do tio Jaime, só o bigode ficava de fóra... Eu mesmo, quando as calço, tenho o impedido ao lado para me acudir, se me não precató...

Tu sabes também que a guerra é uma brincadeira igual àquelas que, na rua, na nossa rua, ou aí, na aldeia, armas com os petizes da Calçata... Mas aqui vai mais barulho, filho... De toca a toca há bombas de rabear, coisas que estoiram, abrem enormes buracos, afugentam os besoiros que trazem dentro e ficam no ar, zumbindo, e nos mordem às vezes...

Depois os gases... coisas que cheiram mal... Os alemães, uns poreos... É verdade, filho... Por causa dêsse cheiro usamos a máscara... E mete tanto mêdo vêr os soldadinhos com ela!... Um carnaval... Os ratos é que morrem, coitados, às centenas. Deixam sempre a máscara na toca...

Então nós, para vingarmos os ratos, atiramos-lhe morteiros maiores do que tu, tamanhos que se um caísse no pátio das galinhas abria lá um tanque onde se afogava tudo menos os patos que morriam de susto... Caleula...

De noite, às vezes, antes de amanhecer, anda tudo perdidinho do juízo. Os sacos de terra que estão nos parapeitos não param quietos... Os besoiros de todas as tocas andam em liberdade, e é um barulho tamanho como o de vinte carros do petróleo passando aí na rua.

Não se houve nada no meio dos tiros e das explosões. E se o papá vai vê-los, os soldadinhos lá estão, calados, brancos, mas valentes e firmes...

—Eh! lá, garotada! Então tudo rijo? Isto é a fingir, rapazes!

Eles só dizem: *Não há novidade, nós cá estamos...*

E o papá vai vêr os outros. Lembra-se um boca-

dinho de ti, e quando lhe começam a dizer que por um certo sítio se não pode passar, como para lá desse sítio há soldadinhos ainda,—o papá, que é muito vaidoso, mete a cabeça e vai...

Deita-se aqui no chão, ali de joelhos colados a uns sacos, alêm corre... E os soldadinhos quando o reconhecem, dizem baixinho, numa voz muito alta: «Não há novidade, não há de haver novidade, nós cá estamos, êles que venham!...»

Quere dizer: «Nós cá estamos, Papá do Piló.»

O Papá, com o coração a bater muito no peito, pensa na nossa mamã, no seu Piló adorado,—e quando tudo serena, e os besoiros se calam, desce com as suas ordenanças orgulhosas até ao abrigo onde mora e o Sol começa a crescer para lá do bosque, no céu...

Outras vezes os soldadinhos vão lá para fóra, saem das suas tocas à noite e vão à procura dos alemães...

Saem devarinho, sem falar, vão rastejando sôbre as liervas molhadas, pelos arames que rasgam, e, a cada passo que dão, escutam... É o jogo das escondidas, filho... Quem fica pilhado dorme...

Mas o *boche* não saiu cá para fóra, e, num certo sítio, êles ouvem-lhe a voz...

Préga estacas, bate com massas, enche sacos, tosse, cantarola e parece engasgado, com travo na língua...

Entretanto, para fazer dia, atiram ao ar, uns e outros, com pistolas, luzes que parecem rosas de sol... (1)

(1) Os *very lights*.

E se, desconfiando, nós ou êles, percebemos vultos, — pam, pam, as granadas rebentam, os besoiros e os melros passam assobiando. . .

Os soldadinhos nossos, quando o *boche* os descobre, — ficam no chão, estendidos, não se mcchem, esperam . . .

Outras vezes são êles que veem . . . Se prendemos alguns julgam que lhes faremos mal . . .

Mas os soldadinhos dão-lhes cigarros, dão-lhes de comer, defendiam-n'os se fosse preciso. — e o *boche*, muito espantado, meio envergonhado, diz então que o português é bom.

Ora, assim, o teu papá, meu Amôr, quando está nas trincheiras, não se aborrece, vê o tempo fugir.

Olha, agora, no meu abrigo, tenho o vosso retrato sob um grande ramo de flores colhidas numa terra onde tudo foi destruído e onde por toda a parte há campas, covais de soldados . . . Perto de mim dormem, debaixo da terra, muitos guerreiros . . . Sôbre as campas, lá também flôres e ao redor compôs alguêm, com geito, pequeninos jardins . . .

Os meus camaradas que dorinem estão contentes. De noite, nas noites claras ou escuras, quando passo, páro a falar com êles . . .

A mamã te dirá, te explicará, meu filho . . .

Um que era novinho e loiro, duma terra chamada Escóssia, disse-me, (ouvi-o muito bco), que era feliz: — sabia que morrêra para bem dos Pilós de todo o mundo.

Eu disse-lhe que, se morresse, era para bem do meu Piló, para que fôsse mais feliz quando grande também . . . E êle sorriu como se fôsse meu irmão . . .

Outro, um tenente do Regimento Norfolk, disse-me que eu não morreria na guerra... Acreditei, porque os mortos teem sempre razão...

Os mortos... Não tenhas pena, meu filho... Aqui não há mortos, na guerra não se morre, como aí...

*P. S.* Se tu soubesses entender o que eu digo... A mamã te dirá... Agora fico eu de olhos razos, sorrindo... Lá fóra o canhão ecôa, o céu está eheio de relâmpagos... É uma trovoada grande para os lados da Bélgica... Mas eu esquecera uma história, uma história para ti... Olha, escuta:

Antes da guerra, aqui, havia muitas casas, muitas Ribeiras, com jardins e árvores lindas, com avós, papás, mamãs, meninos, Assunções, Carlos malucos, coelhos, galinhas, cães, gatos e até os avôs dêstes ratos de hoje... Mas a guerra veio, vieram os alemães, os canhões, as balas... Tudo fugiu. As casas caíram no chão, as árvores ficaram estarrecidas, as galinhas e os coelhos deixaram-se comer...

Só uma gata ficou... Da casa onde vivera apenas restava inteiro, a um canto, o lugar do fogão... Ela ficou também... Nos dias dos combates, embravecida e miando, andou pelas árvores, pelas valas, escapou de todas as mortes...

Depois vieram as trincheiras, os abrigos que pareciam casas e ela mudou para um deles, contente e ronronando, curvando a espinha preguiçosa, roçando-se pelas pernas dos novos habitantes...

Vivia dos ratos abundantes e chegou a comer *corned-beef*... Que saudades da velha casa tranqüila com celeiros abarrotando de trigo, frutas amadu-

rando-o perfumando a casa, o fogão cantando sempre nos dias brancos de gêlo!...

Depois tanto tiro!... Às vezes os homens pareciam doidos! Ao redor das ruínas os velhos instrumentos de lavoura, os carros amigos, enferrujavam-se, apodreciam, tristemente...

E não havia raparigas cantando... Crianças judiando-a no pátio, em volta da grande nitreira...

O cão da herdade, seu fiel inimigo,—que pena! —não expiava duramente os seus crimes fazendo girar, infundavelmente, a grande roda da bomba, ao canto...

Deixou-se ficar... Vivia de ratos e de saudades... Doente dos pulmões, com uma raleira que dá pênua, (a pobre não usa máscara e apanhou gases...)—vive no meu abrigo, na Reserva, onde estou há dias... E há uns tempos que ela aparenta a barriga maiorzita... Chega-se à gente, miá devagarinho, come com apetite sardinhas de lata e tem uma tendência enorme para os cobertores do meu catre... Hoje de tarde meteu-se, aninhou-se ao meio do meu capote.

Eu escrevia essas linhas que aí vão... E num momento, ao terminar, quando fui vê-la, eram, no meu capote, uma gata e três gatinhos escorreitos...

Nascidos às 17 h. de hoje, no abrigo da Reserve Coy, Belfast Street,—linhas...

Os gatinhos e a mãe passam bem. Estão na Maternidade, na toca do 1.º sargento...

E um vai chanar-se Gurka, outro Balutchi e o terceiro conforme tu disseres e eu cumprirei...



## MEU IRMÃO SUBALTERNO

A Hernani Cidade

UM dia, tarde, quando as horas de hoje forem irreconhecíveis, desfiguradas de literatura e distância, — e estas pobres trincheiras, corredores mímosos do mais histórico, do mais vasto dos museus do mundo, tiverem contínuos de boné agalado em cómodas guaritas envernizadas, eruditos conservadores preferidos em concursos com política, porque um dos seus avós foi emboscado na grande guerra, — então, na névoa húmida de certas noites, quando, rememorando, — as coisas sonharem seus pezadelos, evocando os assombros de agora arrepiados à lembrança dum morteiro pesado, agoniadas só de reconstituir o gás «Alho e mostarda» — nessas longínquas noites, — pelo silêncio dêstes museus de glória e morte, fantasmaticamente, deambulando velhos sustos e altas audácias, ofegante dos longos períodos de expectativa e rondas, — uma figura passará, dominando, solitária.

Entre a multidão anónima e inumerável dos soldados da Guerra Grande, da legião infindável de



fantasmas da grande Miséria, ela se destacará pra resumir-lhes a tragédia heróica, o duro sofrimento, o humorismo forte e risonho . . .

Na manga da sua farda-sudário, ou sôbre o hombro alto, um pequeno galão de oiro alvacento dos gases, uma estrela modesta, definirão a espécie social do fantasma errabundo . . .

Tirárá os calções rotos dos arames farpados, os joelhos sujos das marchas rastejando entre trincheiras, nas botas um carro de lama e um cabo de picareta, excelente bengala numa das mãos, senhores...

Nos lábios garotos em que os cigarros da ração (*Red Hussard, Flag, Victoria*) arderam nas noites longas, um sorriso fixo, muito idoso e antigo, ou uma palavra viva que ali ficou a adivinhar-se, a definir o protesto e orgulho de não ser como os outros e sofrer mais que todos, vivendo desta guerra, ao meio dos soldados e em frente do *boche*, as horas autênticas da verdadeira guerra . . .

Meu irmão subalterno!

Ei-lo agora, na noite longa, interminável e fria — lá em cima na primeira linha, entre os homens que vélam.

Como a honra e o perigo são companheiros, — a honra é basta, lá! . . . No terreno, dia a dia desfigurado pelos morteiros, miserável de lama, excessivo de desconforto, — insalubre, fértil em traumatismos violentos, o subalterno reina.

Nas horas doidas que precedem os ataques, nos bombardeamentos em que tudo se revolta e desvaira e só um grandio sentido do dever domina, arque-

jando,—êle é o que resolve, o que vence ou deixa vencer . . .

Vejo-o no momento sem nome, entre os uivos e estrondos, na atmosfera incendiada, no tumulto das trincheiras desfeitas, sacos pelo ar, estilhaços,—o inferno!—tendo um rastilho na mão ainda trémula e hesitante, heróicamente indecisa, por não saber se há de pedir S. O. S. ou represália . . .

Mas o *boche* cresce sôbre os nossos parapeitos, vem pela Terra de Ninguêem dentro, já forçou o nosso arame . . .

Os foguetões sobem, lentos, sôbre o tumulto disforme, num grande ruído, resfolegando chama,—sobem, perdem-se no ar . . .

E a grande lágrima de sangue tomba do céu, demorada e dolente . . .

E outra e outra . . .

Nos parapeitos mutilados os soldados hesitam, brancos, áfonos, pasmados . . . Outros ardem em inquietudes de labareda, ansiosos, violentos . . . Já o meu irmão subalterno correu ao lugar mais exposto. Num momento viveu a vida toda, sofreu o confranger agónico em que se decide o pânico ou o domínio vitorioso dos nervos. E foi . . . Juntou os seus homens. Ei-los com êle. São como um baluarte invencível. Já o *boche* alongou o tiro e na escuridão pelas trincheiras invadidas, correm, hesitam, perturbam-se os invasores . . .

O pequeno elemento da linha batem-no as nossas granadas agora e uma metralhadora, que um servente não abandona, canta possessa de raiva . . .

Do pequeno grupo, lançadas pelas mãos certeiras

dos pastores da Beira ou de Barroso, — chovem as granadas . . .

E o *boche* no desvairo pânico, tenta passar de novo o parapeito, dá-se, na fúria cega, à raiva da nossa artilharia através do Terreno de Ninguê m calçado de metralha, — ou deixa-se ficar . . .

As vezes, nas confusões de corpo a corpo, aprisiona, deixa-se aprisionar, liberta-se de novo, ergue os braços ainda à ameaça duma baioneta que surge ou espera no canto oculto dum elemento, ofegante, indiferente, que o venham buscar e o levem prisioneiro e a guerra acabe para êle, enfim . . .

Meu irmão subalterno que já fez o primeiro penso a dois feridos, agora ampara um prisioneiro *boche* cujo ombro está esfacelado. E, com um carinho que esta guerra mal explica, auxilia-lhe os passos, sorri ao inimigo vencido que não compreendeu ainda . . .

A volta dele acorrem os soldados, alguns deles sangrentos, todos belos da confusão sublime, flagrantés de combate . . .

Meu irmão subalterno olhou-os, então . . .

E os seus nervos excitados tomam um caminho novo . . . Corre, vai a abraçá-los, e uma grande lágrima canta no seu grito de irmão:

— Meus queridos soldados! . . .

Ah! a fraternidade profunda, íntima, da morte aceite por meia dúzia de almas igualadas na mesma hora exaltada e violenta! . . .

Meu irmão subalterno depois, quando o louvam

e o condecoram, encolhe os ombros, numa indiferença. Por que motivo as palavras que exaltam e consagram, excessivas e quentes, generosas e lisongeiras, não tocam o coração dos verdadeiros heróis?...

Meu irmão subalterno não conhece a modéstia ou o orgulho. Conhece-se. Viu-se frente a frente.

Viveu, num momento, a sublimidade heróica e a miséria rebelde. Foi sincero sob os olhos de Deus.

Viu o pânico dos homens e percebeu até onde eles podem ser como os deuses.

Viveu... Foi Homem. Parece-lhe que tudo passou com a simplicidade das águas correntes, das vidas que respiram. Conheceu-se. Viu-se a si mesmo. E os que o louvam, como os que se calam, não compreenderam tudo talvez...

Apenas quando, de noite, numa trincheira muito escura, um soldadinho fala, orgulhoso do seu alferes, seguro e grato ao heroísmo do chefe, — meu irmão subalterno que o ouve, sente o peito dilatado de orgulho... Um grande arrepio passa... E o herói sente uma grande lágrima enevoar-lhe os olhos...

É isto que o compensa das mentiras dos cronistas guerreiros e dos períodos ôcos com que falam do heroísmo certas pessoas que não sabem o que tal coisa venha a ser...

## UM GESTO NA ESCURIDÃO

No parapeito que uma ou outra explosão ilumina, a instantes, recortam-se as silhuetas dos que esperam. Ao longo da linha as metralhadoras enraivecidas cantam, gargalham. Entre as detonações dos merteiros que um sibilar de estilhaços prolonga, metálico, cortante, outras, mais claras, das granadas de espingarda e de mão, sebem dentro os parapeitos e do Terreno de Ninguê, pesado de sombra, florido de chamas, que logo se extinguem, num fragor... É no ponto mais próximo da trincheira inimiga... As sinetas dizem o gás-alarme, as exalações de morte... Certas granadas o trouxeram, num disfarce infame, entre as explosões ruidosas. E as granadas de gás, sem ruído, infamíssimamente, exalam a morte... As guarnições tosem, sufocadas, põem as máscaras, com horror... O tiro-teio redobra, sobem os sinais luminosos ao alto... A artilharia acode. E sêbre aquele esporão avançado da nossa trincheira o *boche* avança numa tentativa, para vêr... Ae parapeito estão seis homens, tronco todo acima do muro frágil, expondo-se tedos, entre granadas. E um graduado, valente e novo, chegou

junto daqueles homens resolvidos à morte... A noite é quasi opaca para os olhos que os vidros do respirador sufocam... O graduado, sequioso do perigo, veio para junto dos seus homens, ambicioso e ávido de gestos heróicos, bem gravados na morte e no sangue. E eis que um deles, sem o conhecer, mal distinguindo o vulto, o toma por um braço, e imperativo, terminante, carinhoso, o leva ao para-peito sangrento, onde, sem uma palavra, lhe dá uma espingarda, carregadores, e num gesto que intima força e é grandioso, perfeito, manda-o disparar... Depois, deixando-o, toma granadas, ergue-se, fica todo exposto, imperturbável, sob os estilhaços, em frente da escuridão cheia de ameaças... Foi assim que eu os vi, na hora exaltada em que corri para êles, para os meus rapazes, entre os sacos de terra sangrentos e floridos, enquanto um soldado se esvaía em sangue, nos braços de um outro, esperando os maqueiros, naquele sítio onde a morte é mais próxima e onde tenho estado sempre na companhia de Deus. x

E só no dia seguinte, quando o Sol beijava os rubros lírios desfolhados, o sargento veio e disse-me sómente:

— Uma patrulha *boche* atacou o meu posto... Os homens da escuta viram-nos, ouviram-nos... Foi repelida a tiro e granada de mão...

Estavam os relatórios daquela manhã já entregues. Do que se passára naquela noite só nós sabemos, mais o *Boche*, a beleza e o perigo...

Mas dois mutilados humildes contarão formosamente, um dia, em Portugal, aquela hora de tumulto e de exaltação.

COM O TEMPO...

IV

Agosto

**D**E vez em quando, nas trincheiras, quando pelas altas esferas começa a acreditar-se numa inércia imprópria dos deuses, — e ao descair das estrêlas, nas linhas, se conta com a paz do Senhor e os reccios não montam a grande coisa, — cai do Olimpo uma nota guerreira, para amedrontar-nos, cheia de recomendações, sugestões e alarmes... Comunica-se à trincha que o *boche* vai ter a honra de atacar-nos ou que prepara assaltos, *raids*, operações macabras...

Um rapazinho escrupuloso reparou nuns sinais, ao cair da noite, sôbre a linha inimiga... Dum observatório viram, numa ruína, seis *kamaradas* escutando a leitura duma edição popular dos *Bandidos* de Schiller...

E pressentiu-se um grande ruído na esquerda do nosso sector, demais a mais...

De modo que, para aguerrir-nos o ânimo, emquanto o *boche* não ataca, vem até nós, da rectaguarda, em sucessivas ondas de assalto, a papelada... Telegramas, notas, trechos de eloquência escrita...



É nessa altura e nessas horas fartas que nós alimentamos o espírito de eficazes conhecimentos... Horas universitárias e doutas... Por trás do sinaleiro ou da estafeta que adianta o telegrama ou a nota, vemos numa auréola, um capelo o borla... E as pitonisas que, na rectaguarda, nos seus antros luxuosos, sôbre os mapas simbólicos e as velhas ordens de operações, decantam tão apurada seiência, — dizem-nos os inéditos e infalíveis processos de defesa que tudo preveem, adivinham e arrasam...

Nós, tímidos mortais que não mudamos de roupa durante uma semana e em noites de lama usamos as meias por fóra das botas para não macular, nos curtos sônos, a pureza dos cobertores guerreiros, — e nos balançamos indecisamente entre as granadas *boches* e a papelada amiga da rectaguarda, — indisciplinados e ligeiros que somos, sem o querer, deixamos formar-se no nosso espírito um protesto inual educado...

Um chegou a dizer mesmo que as recomendações feitas, a maior parte dum teorismo inútil, adorável como intenção de resto, são apenas a preventiva disposição com que mais tarde, sôbre as soluções da realidade, se defenderão ou cobrirão de glória os nossos camaradas deuses. Porque nestas operações de pequena guerra o general chama-se alferes e quando muito capitão ou major...

Mas nós que sofremos o gás e a metralha, a lama, e o *corned-beef*, os ratos e a insalubre vizinhança da *kultura*, — nós que sabemos o que só nestas escolas de morte, a 100 ou 200 metros *deles*, aqui e na grande universidade onde o *boche* é mano e pri-



mos os morteiros, se sabe e aprende, — sorrímos, cheios duma salutar suficiência, — ficamos tranqüilos e concluimos, depois de ter revisto toda a defesa e feito as recomendações da ordem, — que o *boche* não atacará.

Ora esta noite deu-se um caso assim.

E, à hora socegada em que escrevo, espera-se a magna ocorrência que, a chegar, apesar dos avisos, — ilustraria a noite de clarões e estrondos, de morte e violência, de belos gestos e hesitações pânicas, precipitando um pouco o ritmo dos nossos corações...

De resto, e depois, — bem pode ser que, do lado de lá, longe dêste estado de espírito aberto e precavido que nos arma o humorismo para retaliações tam amoráveis, — mano *boche* curta os mesmos receios e os complique metafísicamente, — só porque um alferes risonho e um bocadinho Quixote, um bravo companheiro, andou experimentando a sua lâmpada eléctrica num e noutro ponto da trincheira, para arreliar e vizinho e lhe desmanchar o equilíbrio rectilíneo, quadrado, das suas convicções...

...

Fóra das trincheiras. E tu dizes: «Pobres deles! Sete dias de chuva, vento, gases, morteiros, noites brancas!...»

Nós viemos e, antes de dizer o elogio da Vida, — (só nós o sabemos bem!...) tomamos um banho... Depois os meus camaradas da companhia vieram... Só o meu Sancho, velho e cansado, foi dormir...

Os outros saíram agora mesmo. É uma hora da madrugada.

E um deles, rindo, ao sair:— «com franqueza, se chego ao fim vivo direi que . . . se isto é guerra...»

O que êle não lembra, e que é do passado já, — não vale, não conta . . .

E depois um vasto optimismo nos regala a vida...

Vamos têr 18 dias sem primeira linha. Seis em Caneças, em Reserva, num abrigo onde gatas familiares dão à luz nas dobras dos nossos capotes.

Se isto é guerra... Tens razão, camaradinha alferes... Tu mais que eu, tu que sofres mais e tens essa honra dura a exaltar-te a consciência... Que importam o sofrimento, o perigo, tanta coisa triste; — se tu és a mocidade forte do dever realiado, alta do orgulho das tuas horas . . .

Agora... dormir... Dormir como um Dom Abade em convento de Sem Insónias.

—Lençoizinhos brancos de linho flamengo, lençois amigos!...

E oxalá, de madrugada, não chegue um telegrama a chamar-nos para, extremunhados, como espectros de sôno, mas ligeiros, correremos à linha a defender nosso irmão...

Mano *boche* quietinho... Quietinho...

Morre o luar lá fóra sob as estrêlas cuja luz se aviventa... Algumas baterias rompem seus rosários, ecôam, quebram a abóbada de silêncio, as vidraças tremem, a terra, surprêsa, escuta... E depois tudo cala. Silêncio...

... Setembro.

Escrevo num momento de guerra comovido e severo...

Daqui a duas horas vou, com alguns homens, atacar um posto *boche*.

Vou cheio de esperança. Se lá ficar prisioneiro escreve por intermedio da Cruz Vermelha, logo, mal as minhas cartas faltem, a saber de mim...

Se morrer, — que não morro, — serás forte, orgulhosa, na tua dôr... As lágrimas que tenho nos olhos dizem-me como te adoro...

Não me acuses... Tu conheces a minha alma...

Vou voluntariamente. Mas tu conheces-me, tu sabes... Sabes o fogo de que vivo, a chama que me consome, a ansiedade que me alimenta.

Sabes de que é feito o meu orgulho, êste que me leva, nesta hora.

Conheces-me melhor que todos, porque me adoras.

Tens o nosso filho. O nosso filho em cuja vida se continuará a minha, em qualquer hora...

Sê forte, sê serena, vive do teu orgulho, que êle te proteja contra a amargura...

Não há morte. Adeus... Voltarei de madrugada... Voltarei...

...

Homens nossos vão atacar, esta noite... Contam-se os minutos. Veem lentamente, e com êles,

mais lenta, a hora grande... Hora zero, hora exausta de ansiedade, hora branca...

A noite é quasi escura e há corações portuguezes batendo apressadamente.

Eu e a maior parte da minha gente, somos longe do perigo. E daqui a pouco, lá atrás, a noite será rasgada pelos clarões das baterias, o silêncio despedaçado, violentamente, pelo troar dos canhões.

Há corações que batem apressados, naquela angústia que, em muitos, precede a passagem do parapeto... Em nós, que ficámos, com a ansiedade menor e o desejo dum successo que servirá a todos,—há a curiosidade opressa dos que poisam nos lugares mais altos do anfiteatro, no circo.

Entretanto, dois camaradas alferes, no abrigo *mess*, discutem acaloradamente se um escritor é um poeta e vice-versa, pedindo a minha autorizada opinião... (Um deles, a seguir, largou para a linha e foi para a Terra de Ninguém...)

15 de Setembro.

Concederam-me licença de campanha. Parto amanhã para Portugal... Começo a admitir, pela primeira vez, que a linha é fortemente insalubre, a guerra dura, e a nossa vida um inferno... Estas licenças são, bélicamente, imorais...

É meia noite. Na linha fazem S. O. S. Venho do Quartel General da minha Brigada. Passei, a galope, por entre as baterias furiosas, troando... Já sei que vou reforçar a linha, dar suporte ao ba-

talhão do costume e ser crucificado, pelo menos, na cruz branca duma noite perdida... Chego à companhia. Tudo dorme. Não há novidade. Monto de novo a cavalo. Digo adeus à guerra. Sou feliz como um básico...

8 de Outubro...

Cheguei ao meu acantonamento ao cair da tarde... Trago nos olhos ainda o esplendor do céu nosso, o azul oceânico da nossa terra, a maravilha, a divindade presente da nossa paisagem.

E tudo tão triste, aqui!... Brumas, chuva, lamas...

Aí, em Portugal, a-pesar de vós, as saudades dos meus soldados inquietavam-me os dias e as impressões quotidianas dos homens do meu país davam-me uma revoltada inveja de regressar à guerra...

Pobre pátria!

Eis-me de novo na guerra. Daqui a uma hora poderei ir a caminho das linhas, sob as granadas. Os meus companheiros estão aqui, rodeiam-me... Um destino igual nos irmana...

Estou triste. A grande alegria foi, há pouco, a silenciosa e comovida alegria, de me sentar à mesma mesa com uma dúzia de camaradas...

Era como um lar... Eu senti a impressão do bom regresso. Chorei de comoção. Os de Portugal não entendem.

E nós somos tão diversos, aqui!...

...

Cabeceando... Cheio de sono... Deixei-me adormecer o acordei agora... Estou a olhar o papel, pasmado... É que as noites são enormes, espessas, inimigas... Daqui a pouco será a madrugada emfim... Vou para a linha, vêr o *a postos* da minha gente, respirar com êles a alegria da manhã rompendo... A hora é perigosa o linda... Pode o *boche* atacar... Mas, so estiver lá, evito a corrida pela trincheira bombardeada e as conhecidas hesitações possíveis duma Alma num corpo aterrado pela brutalidade demoníaca das coisas...

Primeiro, para lá do bosque, sôbre as alturas que os nossos soldados olham com invejas de assalto,—o céu faz-so de uma sombra crepuscular o pálida, em que se afogam estrêlas... E, como um pudor na grande face nocturna, vão-se alongando, submergindo as constolações... Vesper fica, ilha de oiro, emersa...

As formas, ontre trincheiras, na Terra de Ninguê, —boiam incertas, ampliadas pela luz doente e leitosa, empapada de sombra...

Os *very lights* raros, tombam, num oiro branco, inútilmente... E ao longo do parapeito, ostromunhados, os homons encostam-se ao talude regelado, teem as cabeças, os ombros, à altura da Morte... Nos cunhetes abertos espreitam as granadas de mão; as metralhadoras ostão a postos... Os olhos fatigados fitam a luz de névoa...

Poucas palavras... Os graduados vão de posto

a posto... Recolhem os homens das escutas, entorpecidos do frio. A geada alveja sôbre as banquetas, brilha nos arames, tapeta as passadeiras escorregadias.

Os trabalhadores da noite, e os pioneiros chegam, arma em bandoleira...

Silenciosamente, mal humorados, na fácil fadiga matutina dos que não dormiram, trabalham lentamente, colocam os sacos cheios que batem com uma lentidão mostra de paciência...

Na linha inimiga conversam. Ouvimos vozes... O rodar duma pequena vagonêta... Fritz e Hermann, que a impelem, conversam... Mas Fritz é desageitado... Ouve-se um ruído de queda. A vagonêta deve têr descarrilado... Uma gargalhada... E Hermann, rindo, troça Fritz que se levanta...

Depois, como a Terra do Ninguêem emerge toda na luz crescente e o céu é como um grande glôbo translúcido em que a luz aumenta,—a linha inimiga desenha-se, parece mais próxima, e tem um ar inocente que faz esquecer o *boche*... Um vulto, de pé, trabalha, coloca sacos porventura... Fazem-lhe fogo da nossa trincheira... O tiro fica soando, num longo eco. O silêncio das coisas e a manhã protestam...

As trincheiras estão todas brancas de geada... Que lindo!... É dia claro... O *boche* não atacará... O Sol surge, um grande suspiro sobe da trincheira, os rancheiros, com o Sol, ao longo da linha, servem o café bem quente. O soldado respira, revive, sente a vida como um contentamento.

—Então o café, bom? Que tal?

—Piroleiro, meu capitão!... E bem ganho...



Os postos nocturnos abandonam os parapeitos, os de observação preparam os periscópios... Todos limpam, lentamente, as metralhadoras e as espingardas, juntam os cunhetes nos paióis,—levantam do chão os invólucros dos cartuchos detonados durante a noite...

De repente, seguidos, vivos, seis morteiros ligeiros largam, soprando, da nossa linha, sobem no ar, caem na linha *boche*...

—*Kamarada*, bom dia!...

...

Chegar das trincheiras, à boquinha da noite, moído, alguma coisa sujo, vivo e íntegro, com fome,—e encontrar num alojamento de que se gosta, uma velhinha que nos diz, em ar de saudação e como viéssemos do inferno:—«*Vous voilà, Dieu merci! monsieur le Capitaine...*»—avistar logo uma cama alvejando em seus lençóis de linho,—os retratos e os livros queridos sôbre uma mesa antiga,—e uma grande cantina de água quente junto à banheira amiga! a ventura deve ser pouco mais ou menos assim.

Agora enquanto espero o jantar, enquanto o Mota dá os últimos toques à cama excelente,—renascido e óptimo, um pouco Petrônio, consolado e perfumado,—sinto que a excelência da Vida, na guerra, não é uma palavra vã... E os meus caros alferes pensam, com mais autoridade, tal qual como eu...

O Batalhão vai, enfim, descansar um mês, longe



da linha. Partiremos hoje, com esta chuva, pelos caminhos cheios de lama, em camiões...

Eu levo um novo destino, entremontes.

Nomearam-me para uma Escola de Oficiais. É o fim da trincheira, a vida garantida... Soja.

Na certeza de que, ao voltar o meu batalhão à linha, voltarei com êlo, pedirei a demissão do lugar excelente para o meu egoísmo, doloroso para o meu orgulho...

Mas já notei a satisfação com que certas criaturas constataam como, até eu, falhei...

Vou ser básico... interino.

Tende paciência, amigos... Rapazinhos da *Qui-xote Company*,—breve voltarei, não me demoro...

Dezembro...

Primeira neve dêste inverno...

Tudo está branco, lírial, transformado, como se em cada palmo de terra se abrisse um lírio enorme...

A terra reflecte luar, no céu há uma luz suavemente azul, de milagre.

As grandes asas brancas do silêncio caíram, lentas, sôbre a terra... E no horizonte, em toda a roda, um pálido reflexo de oiro liga, confunde, suavíssimo, a terra alvente e o céu azul desmaiando...

Amanhã partiremos de novo para a trincheira, na nova romaria. Deixei a Escola, já tomei conta dos meus homens.

Vi-lhes nos olhos, nas palavras, a satisfação do meu regresso. Fiz bem.

...

Em marcha, neve. Tormentas de neve.

Os nossos soldados são estátuas alventes marchando... Como levam a cabeça alta, ao atravessar as cidades!

Cá vou com êles... Perdôa! Perdôa!—Só por tua causa hesitei...

Cá vou com Deus e o meu orgulho, como tu adivinhas, e como tinha de ser...

AS IDEAS DO ALFERES TURÍBIO  
DAS TRINCHAS

**O** MEU jovem camarada Turíbio, vinte e três anos de idade, nove meses de trincheira, (um total de quarenta anos para desconto dos seus pecados e na divina conta de Deus como candidato ao Céu), — nunca esperou, antes da nossa guerra, ser soldado e muito menos vir à Flandres.

Tinha sido isento há três anos, por uma junta médica respeitável com o fundamento de possuir, nos pés, certa deformação oculta que o impossibilitava para a carreira...

Turíbio é um rapaz dado aos desportos, e campeão dos 200 metros nacionais.

Sofria porém dum comprometedor parentesco. Seu tio é um poderoso senhor da minha terra, homem de jovens princípios e grandes qualidades familiares...

De modo que o moço estudante de direito, — Turíbio era caloiro, — não marcou passo quatro meses nos quarteis da República nem fez nenhuma escola de repetição...

Mas chegou a guerra, a nossa guerra, e Turíbio, contra a patriótica indignação familiar, quis ser soldado e, quando foi presente à junta de revisão, às perguntas solícitas e interessadas pelas suas maleitadas, de tal fôrma respondeu que o apuraram.

Turíbio sentou praça e foi frequentar uma Escola de Oficiais Milicianos.

O que lá aprendeu não vale a referênciã. Deram-lhe um galão, porê, e meteram-no a bordo dum transporte.

O meu novel camarada já então sentira o amargo, nobilitante sabor do serviço e uma noite passára-a êle em branco, depois dum reprimenda severa, fazendo considerações sôbre a liberdade individual e a massada da disciplina...

Mas como contava o mandassem para a guerra, — o meu camarada arribou dêsses desesperos, e irrequietamente, com uma comoção íntima que a sua mocidade domára, disse adeus à Família e foi-se à cata dos submarinos a bordo dum transporte inglês...

Não enjoou. Deu-se bem com a cozinha britânica, jogou o sete e meio nas duas noites de bordo, dormiu em pêlo no beliche a vêr se levantava o moral dum doente do estômago horrorizado à idea do *corned beef* em campanha, chegou a..., quis vêr a França e saudá-la numa primeira aventura de amôr, — mas, imprevista e duramente, um chefe obrigou-o a partir uma hora depois, num lento e longo comboio através da Bretanha florida...

Pelas alturas de Paris, Turíbio saudou de longe; — em Amiens espreitou a Catedral em vão e de-

sembarcou na Base por uma noite sem aeroplanos, convencido quasi de que chegára à 1.<sup>a</sup> linha, ilusão que, de resto, um seu camarada basilarmente básico manteve e reforçou com indicações belicosas e explicações eruditas que o fizeram enfiar um pouco, e cuja lembrança, hoje, no espírito do meu valente camarada, constitui o fundo essencial da sua má vontade aos da rectaguarda...

No dia seguinte mandaram-no para a frente. Estranhou o caso e não compreendeu a pressa. E ao terceiro dia de zona de guerra, depois de cheirar os gases e ter sido apresentado à Madame da livraria que o achou *très gentil*, — de noite, ouviu o canhão, ao longe, pela primeira vez...

No dia seguinte recebeu ordem para seguir ainda para a frente.

A-pesar da sua coragem êstes avanços sucessivos abalavam-lhe a alma.

Tanta *demoiselle* bonita pelo caminho!

Decidira nada perguntar aos camaradas já iniciados, para não ser, uma vez mais, caloiro... E, convicto de que duraria pelo menos três meses, pegou uma vez mais nas malas, compôs a tiracolo as máscaras dos gases e largou de nôvo...

Horas depois, num Q. G. C., onde se gisam os altos sucessos da guerra e alguns veteranos das trinchas, incompatíveis com os gases, expõem duramente o corpo às ameaças dos *Gotas*, Turíbio recebeu de novo a ordem de avanço...

E começou a supor que só pararia em Berlim.

Mais Q. G. e novos avanços fez ainda Turíbio até à tarde de Julho em que poisou o corpo, fati-

gado pela dolorosa ascensão da interminável trincheira, — na escuridão mais fresca do meu abrigo, na linha.

O muito caro Turíbio, admirador e amigo! Eu sabia-o um dos heróicos vinte compradores das minhas obras, o seu gesto de oferta, vindo, emocionára-me, — e vê-lo ali, na grande realidade, ouvindo os morteiros, — era para mim uma alta alegria... Turíbio estava comovido. A cada explosão erguia os olhos e sorria débilmente.

Alferes e amigo, merecia-me um carinho dobrado.

Fui-lhe mostrar a quinta...

Levei-o comigo à linha...

Naquela 1.<sup>a</sup> noite de *trincha*, o *boche* esteve irrequieto e maldoso. Turíbio não me contou as suas impressões de então. Durante a noite e ao alerta pareceu-me ligeiramente desiludido. O camarada que o acompanhou na linha chegou mesmo a irritar-se. Esperava outra coisa, outros espantos!... Turíbio declarou têr suposto a coisa muito pior.

E no dia seguinte, estranhando que eu o não mandasse ao *boche*, quis a todo o transe fazer uma patrulha...

Foi, fomos, e voltámos, apressados como o Veloso.

Dia a dia, na trincheira ou fóra, êle foi sempre o óptimo Turíbio que os seus camaradas recordarão com alegria. E foi escrevendo as suas impressões.

Há dias, sósinhos, no meu abrigo, leu-me, sem receio, alguns quartos de papel, e pediu-me versos para uma revista que anda fazendo...

A revista chama-se *Na Morteirolândia*, e Turíbio, como os Guitry, será autor e actor. Prometi,

colaborámos imediatamente o, em troca, consegui dele a oferta do que segue.

Turíbio dispensa os seus direitos de autor e pede-me apenas que lhe emende, segundo o modelo oficial, as incorrecções ortográficas... De resto, habituado a escrever epístolas amorosas na língua do Racine, receia muito do purismo do seu estilo...

Eu, chegado ao sexto linguado desta prosa indigna de tão excelente moço, tam pouco indiscreta o tam pesada, — tomo o seu livrinho de apontamentos e copio.

## I

Começo aqui a minha história. Porque de resto, ó também por êste tempo que começa a História.

Parece que depois disto as coisas hão-de ser diferentes, todas as coisas, os homens, as almas o os alferes...

Eu devia já ter escrito muita coisa.

De tanta coisa que vi! Só agora me decido porêr, porquo só agora começo a considerar-me uma criatura histórica. A gazeta que publicar as minhas memórias, *post guerram* ou póstumas, já tem alguma coisa a pôr sob o meu nome... Alferes Turíbio das Trinchas, Cruz de Guerra, dois ferimentos...

Como eu me importasse... O que mo importa é, nestas horas lázaras, sem trabalho, brancas e enormes, — matar o tédio, enganar esta pena que tenho de não estar já, de novo, rijo e pronto para outra...

Deus me livre de literaturas... Gosto de lêr,



tenho mesmo muito gôsto em lêr certos livros, sei medir versos até sete e já fiz um soneto de eatorze versos e meio... Irrita-me um pouco a seiência com que eertos andam para aí preparando Plutarcos desta guerra, enquanto outros, mais modestinhos e videiros, com geito e graça, armam páginas à pressa no sensato desejo de aumentar a subvenção.

Eu, Turíbio, escrevo porque me deu para escrever.

Porque estou muito aborrecido. E uma ecnvaléseença, longe da rapaziada e da linha, é a pior coisa que Nosso Senhor inventou para um Soldado em campanha. Escrevo porque estou na Base...

Vim para a guerra porque quis e porque me mandaram. Mas eu quis vir muito antes que se lembrassem de mim. Quis vir, é verdade.

Deu me livre de concluir que sou muito valente, porisso. Valente como se pode ser... Quantas e quantas vezes, a sós eomigo, sem que ninguêem me visse, me eonveni não passava de um parlapatão?...

E o receio que eu tinha de, nas dobras dum pensamento, enecontrar um interêssezinho inconfessado e medroso de vêr eorrer as coisas de modo a falhar o meu interêsse de vir!

Parece-me que é coisa fatal, nos melhores, haver sempre, econdido embora,—um fermento de maldade e covardia.

Quantas vezes pensei coisas criminosas! Quantas desejei desgraças que me podiam trazer alívios, a mim?



Sou novo mas convenci-me já de que o homem é um desafinado realejo de má música em que só Deus pode fazer soar uma ária em termos...

Mesmo quanto a honradez, seriedade, carácter,— se um homem remexer bem a consciência,— dificilmente ficará bem impressionado consigo. Esta é a minha opinião.

Mas não era isto o que eu queria dizer...

O caso é que vim para a guerra porque quis, apesar dêsses certos desejos de nunca cá pôr os pés, e de certos receios...

Tive uma grande alegria ao embarcar para a França, outra ao pôr pé na trincheira, e um grande susto por ocasião do primeiro bombardeamento.

Já perdi muita noite branca na *trincha*, rasguei dois pares de calções nos arames farpados, lá fóra, e cheguei àquele ponto altamente moralizado em que se percebe como o morteiro é inofensivo, a bala uma ária que passa, e os gases uma ilusão de ausentes...

Do *boche* penso que não vale a pena ter muita confiança nele, mas que é mais perigoso lá para a *rectaguarda* com as suas manhas, propagandas e maus processos, do que propriamente na linha, nas horas em que aparece ao alcance das nossas baionetas e estas se lembram que as seguram mãos rijas de Portugal.

De modo que lhe chamo *Kamarada* e mano; o trato bem se prisioneiro, e desconfio dele como do *corned beef* de Chicago...

Da guerra penso que é uma grande espiga, porque inventou e deixou crescer uma certa camada

de gentes inermes o pacíficas que jámais se bateram e anseiam sôfregamente pela paz...

E outras, muito mais expostas que os meus companheiros e *Kamaradas*, em zonas de aeroplanos e mulheres lindas, afitas das subvenções que não chegam, irritadas das nossas basófiás e bem tratadinhas, graças a Deus.

Parece-me também a guerra uma coisa excelente.

E por vários motivos. A esta hora há de haver muita gente, por essas infindáveis trincheiras, da Suíça ao Mar, convencida de que, no fim de contas, não vale a pena semear os ventos duma nova barafunda, nem arinar representações de grande espectáculo, com grandes ódios de montante em punho, só para que, numa hora de silêncio, dois soldados, um aliado e outro *boche*, em trincheiras diferentes e num momento igual...

Mas isto leva-me para filosofia... Adiante...

O certo é a valer é que o *boche* tem de ser vencido, e todos os *boches*, mesmo os que trazemos dentro de nós sem o saber...

Não me sinto em condições de admirar muito a grande Alemanha porque não sei para que me serviria essa admiração, a mim que não sou alemão, graças a Deus... E não a odeio demais pois sei havemos de vencê-la ou ela própria se destruirá a si mesma.

De resto se, ao chegar a paz, eu fôr vivo ainda, espero beber uma garrafa do melhor Champagne com um loiro alferes saxão ou bávaro, prussiano ou qualquer coisa,—ao mcio de *No m'ans land* e em

homenagem a todos, os que se bateram em nome do seu dever.

Quanto à duração da guerra creio, e tenho motivos para supôr estar na rigorosa verdade, — que ela poderá acabar ainda êste ano, dentro de meses, ou durar um, dois, três, quatro, muitos anos...

Possível pode ser mesmo que, — a darem-me licença de campanha, o que duvido, e a entrar eu na confraria honrada dos casados, como tenciono, — um filho meu, Turíbio Júnior, herde o meu capacete, a minha máscara, esta bengala, as botas máximas, o impermeável, venha terminar estas notas, a guerra e o abrigo em beton da Companhia do centro, no meu Sub-sector.

Aconselho apenas, sôbre êste assunto, a máxima abstinência dos juízos. A melhor maneira de a terminar depressa é não lhe ansiar o fim.

Não vá o diabo armá-las, o *boche* ganhar na feira e Deus ficar magoado com a miséria e a falta de alma dos nossos irmãos civis.

Porque nesta guerra se jogam, estou convencido, — os sagrados interêsses de Deus...

## II

Aquela gente de Portugal, à beira mar pasmada, não tem emenda. Deus lhes dê juízo. Agora estou eu aqui sem cartas há quinze dias... Creio houve uma greve. Acho bem. O que me revolta é pensar

que entro tantos conscienciosos grovistas nenhum se lembrou de como o alferes Turíbio estava na trincheira, em serviço da sua Pátria e com direito, portanto, a que pensem nele um pedacinho de vez em quando e organizem as greves de modo a não nos roubar, e às nossas famílias, êste pão sagrado que é a cartasinha a tempo.

Às vezes, as notícias de Portugal, os venenos que os jornais nos trazem, as impressões dos rapazes que regressam terminada a licença, dão-me umas ideas doidas de desertar para outra nacionalidade ou acabar isto e ir, na alegria da vitória, — ajustar, lá em baixo, umas velhas contas, pôr aquilo direito...

Já percebi como a nossa gente tem vergonha de nos fazer perder a cabeça com o carinho que nos dêsse...

E a mania de ter picdade de nós, de nos lamentar?... E as palavras, as sugestões covardes que veem de lá em certas cartas?...

O nosso pior inimigo está em Portugal, e julga ser português.

Há dias o meu camarada N., rapaziinho que nada consegue csmorecer, e parece querer ter fumos de bruxo e adivinho, veio ver-mo o contou a sua esperança num Portugal renovado, prestigiado, com um exército altivo e senhor de si, o património secular garantido, e bem conhecido e bem respeitado no mundo, — graças a esta guerra.

N... fala bem. É de palavras e obras. Honradiinho, sem dúvida... Nem uma sombra de política nas palavras... Eu gostei de ouvi-lo. Mas...

Esta gonte de Portugal dá-mo a impressão dum

doente maluco, a quem o médico quer salvar à força.

Mandou-nos à guerra e deixou-se ficar...

E, se lhe não vestem um colete de forças, deita os remédios fóra, bate no assistente e ainda por cima lhe chama ladrão.

O tenente N... dizia-me também, depois de termos ambos, calorosamente, vingado o C. E. P. de o deixarem sem cartas quinze dias, — que não há nação alguma no mundo com mais cortiça no arcaboço do que Portugal. Não há maneira de ir ao fundo.

É ver a maneira como conseguimos aqui vir. Agora, supondo mesmo que a Alemanha vencesse, — coisa impossível, — ou os doidos de Portugal tentassem afastar-nos daqui, reconsiderando, ou daqui nos corressem, e a Conferência da Paz se fizesse sem que nós lá fôssemos, e a nossa fazenda pagasse, à larga, as precipitações ambiciosas e os desvarios de Portugal, — Portugal não morreria nunca.

Parece-me também o mesmo.

Pena é que corpinho tam vivo, embora já tam velho, sofra tanto da pele. A alma é bôa e grande, os soldadinhos o provam. Mas estas doenças da pele, estas doenças...

### III

Eu, alferes Turíbio, sou aliadófilo. Gosto dos ingleses, admiro a França, e estou convencido que a vitória alemã seria o fim do mundo. A vitória da Alemanha só era possível não existindo Deus.

O meu primo Januário admira a Alemanha, odeia a Inglaterra e tem pena da França.

Felizmente o meu primo Januário ficou em Portugal.

Encarregou-se de me levantar o moral e escreve cartas em que diz serem, *infelizmente*, os alemães invencíveis, os franceses vítimas da democracia e os ingleses uns descaradíssimos egoistas. Tem muita pena de nós, dos nossos pobres soldados, não quere vir bater-se, — e anda, lá em Portugal, a conspirar pra deitar abaixo o govêrno. Fabrica bombas.

O meu primo Januário, quando éramos pequenos, era palidozito, enfiado, e andava sempre a acusar-me à tia Conceição. Dei-lho um número muito sofrível de sôcos durante a nossa infância, nunca lhe respondo às cartas e sinto por êlc um higiênico desprezo...

Eu, alferes Turíbio, escolar de Coimbra e miliciano, estou na guerra, trago um estilhaço embalsamado na minha perna direita, ando aqui concorrendo a uma morte provável, mas estou convencido de que a vitória será nossa, mesmo através das traições de todos os bandidos do mundo.

Creio no futuro de Portugal, adoro a minha Pátria e nunca paguei um centavo de quotas para um centro político. Sinto-me apenas com uma certa queda para o absolutismo dos tempos de Aviz, — estou convencido mesmo de que qualquer manha ou receita política é sempre razoável desde que passe desapercibida e seja indiferente ao povo que ama a sua pátria, trabalha, semeia, recolhe e não

discute. Tenho vinte e três anos de idade e gozo excelente saúde...

O meu primo Gregório, sócio dum centro cujo nome não lembro, revolucionário civil em perspectiva e anti-militarista avariado, com muito mercúrio nas veias doentes, — ficou em Portugal, tem feito trocadilhos infames com as três letras honradas do C. E. P. — difunde por lá péssimas novas a nosso respeito, e está convencido de que o camarada alemão tem por nós atenções que o consolam, a êle, Gregório.

Há de tentar um dia salvar a pátria por meio duma revolução e assassinar alguns portugueses, seus irmãos.

Eu, Turíbio, alferes na França e na Flandres, sou o amigo íntimo de Mem Fernandes, integralista sem política e meu camarada. Quero como irmão a Vasco de Sousa, miguelista puritano, e a António Afonso, republicano democrático, irmãos de guerra. Todos comungamos a mesma hora severa de aqui sermos soldados, no bom Amôr de Portugal...

O meu primo Anastácio não tem opiniões, não sabe o que diz, — chama assassinos aos democráticos, ladrões aos republicanos, todos bandalhos aos que não teem a sua opinião.

E o meu primo Custódio, republicano, official do registo civil e ex-aluno de S. Fiel, — é livre pensador, insulta os padres, e declara os que não pensam como êle uma cambada de ladrões...



Êstes são os meus primos, os únicos parentes que tenho na terra e sabem ler e escrever. Que os meus irmão andam, todos, aqui, na França, oficiais ou soldados, combatendo comigo, a ver se, mesmo à força, se salva Portugal... E os de Portugal, com honrosas e carinhosas excepções, nunca saberão dêste livro porque não sabem, felizmente, ler.

#### IV

Li ontem pedaços da minha prosa ao capitão médico. Disse-me que tenho grandes dotes humorísticos.

Córei. Zanguei-me. Sou pouco modesto. Êle depois falou-me, com elogio, dos milicianos. Miliciano sou. Córei. Sorri. E em vingança contei-lho a

#### HISTÓRIA DUM OFICIAL MILICIANO

Cândido Cordeiro tinha vinte anos, o curso dos liceus e uma noiva. Tentava o Direito em Coimbra e cultivava, secretamente, as musas. Como nós todos, teve o glorioso orgulho de ser contemporâneo disto, e não percebeu muito claramente, logo desde o principio, que o mundo sofria as dôres agónicas dum parto formidável e sangrento...

Leu os comunicados durante algum tempo, deu a sua simpatia aos aliados e confessou ter pena, sendo nós tam pequeninos, de não poder dar uma ajuda à França. Entretanto jogou o sôco com alguns



germanófilos, foi recrutado, aprendeu a arte de ser soldado e foi promovido a 1.º cabo. Esteve em Tancos onde, modestamente e com proveito alheio, foi cabo do rancho na sua companhia.

Depois, o seu batalhão partiu para a França e êle foi chamado para uma escola de oficiais milicianos.

Recorda-se perfeitamente do momento. Eram oito horas e meia da manhã.

Às nove e meia terminou o curso com um almôço táctico na Carregueira, exhibindo, às 10 h. do mesmo dia e na rua do Ouro, o seu uniforme de campanha, novinho... Era aspirante.

Às 10,30 reccebu ordem de embarque para a França. Almoçou com amigos que o trataram de heróico ao champagne, disse adeus à família, foi espartano e grande junto da noiva. Às doze horas estava a bordo, diante de Alcântara, a namorar a Torre de Belém. Às 12,15 safu a barra e, com o enjôo, perdeu o mêdo aos submarinos logo a seguir. Às 13,10 viu terra de França. Às 14 disse a primeira amabilidade e recebeu o primeiro dôce sorriso. Das 14 às 14,30 seguiu viagem. Das 14,30 às 15 seguiu viagem ainda, e atravessou o casinhoto dos gases com máscara na cara, depois de ter parado ao meio para fazer substituição da máscara pelo capuz. E de terra em terra, com uns pálidos copos de cerveja ao meio, — Cândido Cordeiro pelas 16 h. chegou ao seu batalhão que, numa aldeia à rectaguarda das linhas, se preparava para subir à trincheira.

Livrou um pacífico camarada, burocrata no batalhão, da estopada de seis dias na linha, (havia en-

tão grande falta de alferes), recebeu um capacete de aço contra as abóbadas baixas dos abrigos, enfiou, fez-se mais branco, e marchou para a trincheira. Pelo caminho, um alferes que ainda estava vivo, explicou-lhe a guerra dos alferes, os S. O. S., as represálias, as patrulhas e a instrução intensiva à recataguarda. Não exagerou para não amedrontá-lo demais. E declarou terminantemente que os morteiros, as granadas, os gases, na linha, não passavam de ilusão scénica. Que o horror da guerra era uma figura literária dos cronistas emboscados, e para nós, soldados, um ofício como outro qualquer. Ensinou-lhe as vozes peculiares aos variados engenhos de morte, os cheiros dos gases, e os gestos e posturas para conjurar a morte, deu-lhe duas empolas *for poisonous gas*, um aperto de mão, gritou «Bonne Chance» e ficou pela segunda linha.

Eram 16,45. Cordeiro seguiu pela trincheira de comunicação onde entrara às 16,15.

Ia calado e nervoso, comovido, creio.

As 17 estava senhor da linha, conhecia o local dos paióis, as saídas para o arame e a cifra das comunicações para o comando.

As 17,5 espreitou a linha alemã que estava a 80 metros. Viu um *boche* e comoveu-se, sem saber porquê.

As 17,30 o seu general, rapaz de cabelos brancos e muitas medalhas, chamava-lhe velhinho, dizia-lhe palavras amigas, perguntava-lhe pelos seus *gambuzios*, e, encostado aos taludes num lugar perigoso, fumava com êle um cigarrinho da ração.

As 18 horas, Cordeiro conhecia os seus homens e *conferenciára* com os comandantes dos postos de combate. Às 17,15 começaram a cair morteiros e o camarada miliciano, de espanto mais que de receio, sentiu as pernas tremer como vimes, violou as prescrições sanitárias em vigor na linha,—tam diurético se revela o morteiro—e lembrou-se de mostrar aos seus homens que não tinha medo. Aprendeu, por instinto, a cair de bruços, em terra, num só tempo, e às 18,30, um pouco enlameado e vibrante, estava senhor de si, do parapeito, da sua gente, dos *boches* e dos estilhaços.

Às 20,50 o *boche*, depois do bombardeamento intenso de toda a linha, tentou penetrar nela, levar prisioneiros. Cordeiro, sem saber nítidamente as coisas grandes que fazia, juntou os homens dos postos evacuados, caiu sobre os atacantes à baioneta, fez seis prisioneiros, ganhou a Cruz de Guerra e os galões de tenente...

Cândido Cordeiro, miliciano, de Infantaria e da Flandres...

## V

As minhas feridas começam a eicatrizar. O estilhaço cá fica. Acho bem.

Eu devia contar como fui ferido. Mas receio dois excessos com prejuízo da verdade... Exagerar, num sentido ou noutro, as coisas que fizemos, os meus rapazes e eu.

Mas, vamos, a coisa foi assim:

Dia revoltoso, de muito morteiro e muito S. O. S.

O *boche* acostumára-nos manhosamente a uma paz e silêncio inacreditáveis na linha. Dir-se-ia que fugira todo para Berlim. Nem um tiro. Nem uma sombra de guerra. Os nossos trabalhadores andaram de dia, fóra da trincheira, cavando. Oficiais passeavam sôbre os parapetos...

O *boche* via e preparava-se. Eu tinha, sentia autênticas saudades dos morteiros. Andava envergonhado.

Assim foi dando, êste sistema novo de guerra, seus naturais resultados. Uns ligeiros descuidos...

Mas naquela madrugada tudo mudára de repente. E foram os morteiros às centenas, de todos os tamanhos, sem descanso, na formidável confusão das horas desta guerra infernal.

Começava a dealbar a manhã. Sentia-me esgotado por cinco dias de *trincha*. Os homens estavam no *a postos*, serenos, e sem receio...

A chuva de aço veio de repente, a seguir ao rumor das detonações simultâneas, ecoando para o lado do bosque, ao longo da linha deles... Foi toda a terra revolvida, madeiramentos dispersos, géiseres de chama e terra negra, a flâmula branca dos *schrapnels* ao alto, o uivo crescente, sôbre nós, o ruído sêco das granadas que não rebentavam e podiam ser de gases...

Corri ao longo dos pára-costas. Os soldados estavam brancos, incertos, à espera... Já o *boche* saíra fóra da sua trincheira...

Queimei as mãos. Fiz S. O. S. Não ouvíamos o fogo da nossa artilharia... As metralhadoras começaram a sua faina, raivosas, furiosas...

Um soldado, doido, sem palavras, com uivos, em cabelo, abandonou o parapeito, fugindo.

Segurei-o, levei-o ao parapeito de novo... Uma granada rebentára junto dele, lançára-o por terra... Não ouvíamos ainda a nossa artilharia. Mas a Terra de Ninguê<sup>m</sup> estava coberta, florida de explosões vermelhas... Era uma linha de morte qua avançava ao assalto, os repelia a *êles*, os recaleava, esmagando-os, e se desloceava como um batalhão de fogo...

Alguns *boches*, porê<sup>m</sup>, surgiram no meu parapeito... Eram quatro. Estou a vê-los... Capacete de aço, a espingarda alta, dois deles... Incertos, olhavam, indecisos, vendo-se sósinhos... Corremos para êles... Eu e a minha ordenança... Renderam-se logo. Eram quatro prussiamos vindos da Bélgica... Um, graduado, tremia de vergonha e cólera... Supusera-nos mais numerosos... Os dois mais novos, 18 anos, imberbês, rosados, deram-me a impressão de desertores. O último tinha um ombro esfacelado...

Foi então que senti uma dôr aguda, um entorpecimento, qualquer coisa na minha perna direita. Encostei-me a um talude... Veio uma maca. Levaram nela, primeiro, o meu camarada prussiano. Depois, ao mexer-me, uma dôr aguda imobilizou-me ali...

Quando, lentamente, me desceram ao pôsto de socorros, pelas trincheiras obstruidas, desfeitas, pol-

vilhadas de negro, — o Sol ia já sôbre o bosque e, através dumas lágrimas que eu não sei donde vinham, pareceu-me o mais formoso Sol da minha Vida toda.

Aí teem. Foi mais ou menos assim...

## VI

O meu major e o meu capitão vieram ver-me. Contaram que o batalhão segue fazendo bôa figura, não tendo tido baixas e responde às propostas *boches* de confraternização com granadas e tiros de metralhadoras fartas. Gostei. E em troca, porque estava contente, disse-lhe o seguinte sonho, duma noite de febre, nesta ambulância.

### O MARTIR S. SEBASTIÃO SUBALTERNO

Onde vi o que vou contar-lhes não posso eu precisá-lo, com um nome certo e coordenadas fieis. Porque a censura não deixa e a memória me falha. Era na zona de guerra, contudo, e a uma distância honrosa do *Kamarada boche*. Muito sol, muita sêde e tudo, todas as coisas, girando à roda de mim.

Lembro-me sobretudo da ronda, lenta primeiro, mais rápida, num crescendo, e por fim vertiginosa, de morteiros com todos os tamanhos...

Havia-os microscópicos, modelo usado nas guerras bactericidas — e colossais como serão os das

próximas guerras interplanetárias... Pelo meio, numa transição lenta e perfeita, as granadas de mão, os *pine-able*, os miudos, os médios e os pesados... Em órbitas desvairadas seguiam os maiores. Os mais novinhos, como satélites, giravam-lhes em tórno, numa doida sarabanda...

O céu era cheio do resfolegar imenso de toda aquela morteirada iminente...

E alguns, pequeninos e minúsculos, vinham crescendo, avolumando pavorosamente, eram já sobre nós como montanhas prestes a despenhar-se e, de repente, insensivelmente, diminuiam, afastavam-se, eram outra vez longe, e extinguíam-se por fim, invisíveis como fantasmas...

O calor tornava-se cada vez maior. A sede abraçava.

Tudo tumultuava, desvairava, na luz ardente de delírio. Pareceu-me, num momento, fixar um aspecto da 1.<sup>a</sup> linha, alucinada e calcinada, toda trémula, no revérbero de luz excessiva...

E vi,—ia jurá-lo,—entre dois pares de foguetões de alarme, à porta dum abrigo,—presas as mãos atrás das costas, e olhar erguido ao alto, e quási desnudo,—o meu irmão alferes, agonizando...

Todo aquele corpo doloroso estava asseteado e sangrento, dos calcanhares insensibilizados bem que vulneráveis, à gorja tenra que uma *gilette* mal profanára ainda...

Avancei como as Santas Mulheres, para o dar, ungido de sagrados óleos cheirosos, ao tûmulo e ao descanso. Ou para lhe curar as feridas e beijar cada seta, deloresamente.



Mas antes de tudo procurei saber se trazia o cantil consigo e cheio... Tãmanha era a minha sêde!...

Tive então o meu primeiro gesto de solene espanto... O martir fumava olhando a teoria vertiginosa dos morteiros pelo ar confuso... Viu-me e sorriu, num sorriso cheio de altura e grave ironia, senhores!... Naquele estado!

Vi-lhe na manga o galão sujo dos gases, e no capacete grossas crostas de lama...

Ele falou e disse-me:

«Não vi a luz do dia em Narbona, nem capitanei pretorianos do Imperador Diocleciano... Nem a piedosa Irene, viuva do beato Cástulo, fez reviver meu corpo sangrento...

«Como o formoso guerreiro e mártir, me fiz guerreiro para defesa de Cristo. E os ímpios me teem aqui para minha glória eterna...

Depois, arrastando dois velhos caixotes vazios de *corned beef* (rações de reserva, e à carga, dum reducto que não deve render-se...), ofereceu-me um deles, sentou-se e aconselhou-me a mesma postura...

Eu continuava com uma sêde furiosa, trémulo da sarabanda que ia pelos céus...

Mas, com maior espanto ainda,—o vi plácida-mente depenar-se das sêtas numerosas, uma a uma.

Depois, passando-as para um pequeno cunhête vazio de granadas, sem mais preâmbulos, ouvi que me dizia:—«Estas, a da gorja, e as duas dos mamilos,—foram e são a oferta permanente dos



meus amigos dos magnos quarteis generais. É lá que me demoram os deferimentos e as licenças e me discutem os louvores que proponho. Lá me forjaram uma repreensão por dizer mal da Base, — essa princeza longínqua, — me coleccionaram o terceiro pedido de licença e me classificaram n.º 20 para os ciclistas, — essa concezia...» Eu abanei a cabeça meio tonto...

«— Estas, as dos vários músculos sem categoria, forjaram-nas os Comandos de Brigada e do Batalhão, o ajudante dêste e o comando de Companhia...

São as da instrução intensiva, as dos avanços para a trincheira, alta noite, em reforço de batalhões que estão na paz do Senhor jogando *very lighs*, as reprimendas, em dias de visita, por causa dos envólucros que os meus camaradas *High-landers* por aí semearam há dois anos, ou em consequência da impolítica emergência, numa cratera cheia de água, de certa garrafa de wiski bebida em 1915».

E puxou uma fumaça funda...

«Estas, que me envenenam às vezes o sangue, são dádivas dos empregados públicos da casa, nas horas biliosas em que venho para a linha, à falta de alferes e à fôrça, com um pelotão doutra companhia, enquanto o meu fica em apoio ou de reserva, lá para trás...»

Cuspiu, lançou o cigarro fóra. Eu esta indignadíssimo.

«Esta que me atravessa a alma, mandam-ma de Portugal, com novas de tumultos, revoluções, misérias...»

Ele estava triste. Eu não disse nada...

«E esta, finalmente, que mal me belisca o calcanhar, esquerdo, a mais doce de todas, nas horas duras da guerra, amigo, é presente do *Kamarada Boche* ali da frente e meu correligionario no dever».

Ofereci-lhe um pausinho de chocolate, comovido. E êle deu-me da sua água clorinada, profundamente alimentar, por uma garrafa-aquário, com peixes pequeninos dentro, colhidos numa cratera da Terra de Ninguêm...

## VII

Estou rijo. Novinho em folha. Aumentei em pêso. O estilhaço cá ficou. Vou partir de licença... *To Portuguese sweet land...*

Regulei as minhas contas, recobi as subvenções possíveis, indignei-me salutarmente a êsse respeito, mandei correr o fato à paisana e buscar a ordem de movimento.

Vou passar três dias em Paris, e já pus na manga o distintivo do meu ferimento... Para que se veja... De modo que tenho direito a certas condescendências...

Em Paris visitarei Notre-Dame e as galerias Lafayette.

Primeiro as galerias Lafayette... Porque as pequeninas francesas são adoráveis, encantadores cicerones...

Sabem da Beleza e são ingénitamente estetas

com um requinte que encanta e honra a sua civilização.

Três dias em Paris... Da gare do Norte, num *taxi*, vou ao Brasil-Portugal entrevistar o Senhor Silva sobre passaportes...

E daí para Paris,—a valer... Três dias!

Cá estou. Paris é como um grande jardim. A cidade das rosas... Estas margens do Sena, nas imediações da Concórdia, trazem-me encantado... As Tulherias, o Louvre... Fui a Notre-Dame, ontem, domingo, com M.<sup>lle</sup> Lucie, do Credit-Lyonnais, deliciosa e autêntica francesa da guerra. Convidei-a para jantar comigo e fômos ao teatro juntos. Uma francesa não tem coragem para desgostar um soldado da Guerra Grande...

Ela tem dois irmãos nas trincheiras, outro, morto em 1915, numa campa, em Souchez, cota 203,—e a sua velha mãe em Vincennes.

Depois do treatro, corremos à estação próxima do *Métro* e enquanto esperávamos o último carro que ma levou, risonha e encantadora,—ela deu-me licença para lhe beijar a face.

Córei e beijei... E vim para o hotel, a pé, contente e zangado comigo, o coração muito claro e a vaidade ligeiramente atingida.

Não me perdi no caminho, e sou talvez o único oficial em gozo de licença que tam austeramente passa esta noite, neste hotel, em Paris...

— M.<sup>lle</sup> Lucie, dôce camarada, fresca como o ramo de flôres que lhe ofereci esta manhã...

Hoje, algures, uma senhora jovem, com um sorriso como só nós, soldados em França, recebemos, — perguntou-me de que exército eu era. Informei-a com uma modéstia falsa, quási magoado de tal ignorância... E ela:

Oh! le cher petit Portugal!...

Estive em Versailles. Passei por oficial sérvio. Na Madalena, num estabelecimento, uma empregada loira perguntou-me se eu era russo...

Protestei indignamente...

Sérvio?... «Pas encore, mademoiselle...»

— Alors, vous êtes anglais, n'est ce pas?

— Non, mademoiselle... Seulement portugais!

Turíbio, que não é alto demais, pediu-me licença para levantar um bocadinho a cabeça, cheio de santo orgulho...

E ela, confusa, pedindo mil perdões, quási um beijo:

— Oui, c'est ça... J'en avais le pressentiment...

Fui às onze horas levar o meu bom dia e um ramo de flôres a M.<sup>lle</sup> Lucie... Apresentou-me a M.<sup>lle</sup> Germaine, sua companheira do *Credit e Metro*. Vamos hoje ao teatro ver não sei o quê.

Eu largo até ao Luxemburgo, entretanto agora.

Fui ao Luxemburgo e ao teatro... Depois ao *Metro*. Depois para o Hotel...

Decididamente, Paris é delicioso, feminino, helénico, perfeito...

Aqui se marca toda a altura da civilização francesa. São as ruas e as mulheres, os monumentos e os jardins... E, agora, a atmosfera dolorosa e heróica da guerra. Uma Atenas docemente espartana...

Começo a perceber o que são povos civilizados.

Parto hoje para Portugal o tenho saudades...

Saudades de Paris que vou deixar com as suas flôres, as suas mulheres, os seus monumentos, seu ar feminino e grave, severo e doce, confiado e forte...

O encanto de Paris tomou-me. Sinto melhor o sabor da vida. Sinto-me mais ligeiro e mais claro. O senhor Victor Hugo tinha razão.

Mesdemoiselles Lucie e Germaine vieram ao Quai d'Orsay, ao bota-fóra do seu *cher allié*... Gostei que os meus camaradas me vissem junto de duas raparigas tam lindas.

Depois a caminho de Bordeus, na carruagem cheia, três jovens senhoras francesas, em companhia dum cavalheiro idoso e condecorado, acomodaram-me um pequeno leito improvisado para que eu dormisse, eu que vinha de bater-me... Tive de aceitar. Encolhidas num canto da carruagem, elas iam radiantes. Ficaram em Dax e eu sentia-me apaixonado, docemente apaixonado pelas três...

Afinal sempre vale a pena ter andado na trincheira. Eu, Turíbio, vou encantado. Parece que, nesta hora, só vale a pena ser combatente.

Feliz hora aquela em que me fizeram alferes!

Mudei de fato em Hendaia, entrei em Espanha e comprei uma gorra em Irun.

O criado do restaurante declarou-me que poderia comer pão branco quási tam bom como o das trincheiras... Bebi Val de Peñas e cantarolei seguidilhas...

Esta gente da Espanha é bem educada. Carabineiros e guardas civis teem um meticoloso respeito pelas nossas bagagens... Nem lhes tocam... E pedem desculpa por cima.. *Gratias!*

Só acho que a peseta está escandalosamente cara.

Perdi o comboio em Medina e fui colaborador num pequeno conflito com o chefe da estação.

Passei um dia num quarto da *fonda Angel Polita servidor*.

Vi desfilhar um belicosa procissão implorando a paz... Não ofendi a neutralidade. Mas tive orgulho de me chamar Turíbio, Turíbio de Portugal...

Cá estou na terrinha...

Depois da Castela ardente e árida, os ares de Portugal e a côr do eúu embriagaram-me a alma. Apenas, uma vez em Vilar Formoso, lamentei não ter trazido comigo granadas de mão ou, pelo menos, uma granada de gases lacrimogénios. Os fiscais são *Boches* ao que parece... *Boches* pelo espírito de hostilidade contra nós, apenas... A comparação sob outros aspectos ofenderia a Alemanha.

Não sabem o que é o respeito da lei, nem delicadeza. Dizemos ser oficiais e fazem uma cara mais estúpida aínda... São o primeiro convíte à indisciplina que nos apresenta esta terra do Senhor...

Na Guarda trocaram-me 50 francos e levaram-me três escudos pelo obséquio...

Em Mangualde... Mas seria um nunca acabar... Venho mal habituado e adivinho que vou pensar no exílio com um certo fervor...

Encontrei hoje o meu primo Januário que me perguntou se eu tinha morrido... Garanti que não.

E inquiriu quantas vezes, ao menos, tinha sido ferido.

Garanti que nenhuma... Ficou desiludido, roubado... Por fim, Primo Januário disse-me, pimpo-namente, que eu trazia uma excelente cara e que, com efeito, aquilo da França era uma trêta.

Não puxei as orelhas ao meu primo Januário.

Primo Gregório veio vêr-me. Garantiu à minha indignação que os portugueses e ingleses se davam como o cão e o gato, devíamos gozar infinitamente na França e éramos uns felizes... Em segredo comunicou-me, com satisfação, que os nossos soldados passavam fome na Flandres e o *boche* nos tratava com especial consideração...

Gritei «gás alarme!» e pus na rua Primo Gregório, aos encontrões...

Primo Anastácio soube da minha chegada e veio pedir-me «qualquer lembranzita da guerra...» Ofereceu-me o pêso político dum amigo para me reter em Portugal até à Paz, fez o elogio da Alemanha e todo o possível para que eu concordasse com êle. Convidou-me para uma revolução.



Fiz S. O. S. de vassouras e corri com Primo Anastácio, indignadamente.

Encontrei meu Primo Custódio à porta do Centro de que é sócio e coluna. Falámos.

Ele inquiriu se era verdadeira a fábula dum Cristo intacto ao meio das nossas trincheiras. Respondi que sim e comuniquei-lhe mandava rezar uma missa por alma dos meus camaradas mortos em combate . . .

Custódio olhou-me com um olhar desiludido e furibundo, julgou-me perdido para a República e abalou, — graças a Deus . . .

Assisti hoje à missa que mandei rezar pelos meus camaradas mortos. Éramos uma dúzia e muitas senhoras. O celebrante sacrificou à política, ligeiramente; os meus correligionários vão irradiar-me . . .

Ninguém se inporta connosco, Turíbio amigo.

Teem receio de nos distinguir demasiado o, para nos negar melhor a parcela de carinho a que um soldado tem direito, fingem invejar-nos a bôa sorte, as côres e o ar excelente.

Se lhes falamos em Pátria julgam-nos estrangeiros, se contamos da guerra chamam-nos uns pavões . . .

Fundei, com alguns camaradas de França, uma sociedade secreta: não tem nome e é sem quotas. Comprometemo-nos, no caso de não conseguirmos morrer, a provocar pelo menos ligeiros traumatis-



mos que não desiludam esta bôa gente de Portugal e a serenem quanto às delícias capuanas da guerra.

Doravante chegarão, em cada leva de licenças, — pelo menos uma dúzia de oficiais feridos...

Já possuímos duas mulêtas e dez caixas de pensos. Disfarçar-nos hemos em Vilar Formoso, ao passar a fronteira. Os traumatismos permitidos são pernas e braços mutilados, olhos estalados, cabeças partidas e fracturas várias...

Vamos a ver se esta gente sabe que estamos em guerra e se não desilude inteiramente.

Estou morto por ver acabada a minha licença. Não me dou bem aqui.

Tenho saudades da linha...

Êstes ares fazem-me positivamente mal.

Sufoco.

Parto amanhã.

## UMA PATRULHA DE COMBATE

CHEGAMOS hoje às trincheiras. A minha gente, em reserva, não descansára ainda, nem oficiais nem soldados. Anunciam-se patrulhas, *raids*, o diabo! O comando necessita de identificações. Vivos ou mortos são necessários *boches*... Vai começar a caça, a dolorosa caça em que se vive e morre.

Acabamos de jantar no nosso abrigo tranqüilo. Uma ordenança surge... Chamam-me ao comando. E o Comandante estende uma nota e diz-me:—  
«Leia...»

Leio... O coração bate-me mais apressado. Se olharem bem a minha face vê-la-hão mais branca. Estou sentado junto da mesa florida de retratos e rosas... Lá fóra passam, sibilando, as nossas granadas...

Aquela ordem deve ter execução imediata, suceda o que suceder.

O comandante diz-mo. Há hesitações na sua voz. E para lá das palavras do chefe ouço eu o meu silêncio... É o ataque de surpresa a um posto *boche*.

Morto ou vivo é preciso trazer alguém, se estiver lá alguém.

— Quere você ir lá?

Compreendo. Agradeço...

— Claro!

As minhas pernas tremem ligeiramente. Sinto uma ligeira alteração nos meus nervos...

Afinal posso muito bem ter assinado a minha sentença de morte, com a agravante de sofrer no outro mundo a doce arrelia de ver Dona Prudência, Dona Cautela, o camarada Segurança e outros, do lado de cá, com grandes ares garantidos, censurar esta incompreensível, irritante mania de armar em herói...

Mas o que importa é a minha alma, o meu orgulho e a confiança dos meus homens, dos que, daqui a pouco, — mais valentes que eu, irão cegamente, numa dedicação de para além das palavras, afrontar, procurar a Morte, dar-se-lhe...

Estudamos, combinamos um plano.

E saio. Venho ao meu abrigo. Mando chamar os meus sargentos... E, enquanto os espero, observo-me, encaro-me...

Vou correr um perigo que me não pertence e mais outro: o dum insucesso possível...

Depois, há pouco, vi a lua nascendo, enorme, plena, admirável, sôbre as trincheiras *boches*.

Dentro de uma hora a visibilidade será a mais hostil ao nosso trabalho...

O bombardeio, por outra parte, cresce de intensidade. A nossa artilharia responde com a prodiga-

lidade do costume. A noite ó cheia de ruídos e clarões...

Vamos a ver...

E a observar-me adivinho que alguma coisa em mim me censura e acusa. Com que direito me ofereci a um serviço daqueles? Com que direito o lembraram ao meu amôr próprio, pondo em jôgo o meu orgulho de soldado? Eu sei. Eu compreendo. Mas no entanto uma pequena amargura vai tomando o meu coração. E vejo-me no meio do egoísmo dos que não compreendem, dos que não sabem,—daqueles que só um dia compreenderão, tarde de mais, talvez...

E a amargura passa... o orgulho a domá, um orgulho de aço capaz de violências e do maior desprezo...

Veem os meus sargentos. São três, três homens em que em confio, que conheço, que são bem meus. Digo o que há.

—Preciso de dois... Oferecem-se todos... Belo! E saem...

Nomeados os homens... São voluntários os que sairão connosco. Quantos voltarão esta madrugada? Chamo o meu impedido.

—Ouve: Vamos ao *boche*, hoje, ao parapeito deles. Já sabes: o de sempre. Morto ou ferido, não me largues...

Os meus camaradas aproximam-se, os que vivem comigo. Rindo, a um deles passo-lhe a minha carteira. Esvasio as algibeiras do quanto possa servir ao vizinho da frente.

E depois... escrevo uma carta. So ou voltar

não seguirá ao seu destino essa carta de amargura vencida e súplicas, para que a serenidade e a resignação, numa alma que ficará sósinha, sejam mais fortes que a maior dôr de todas...

Os sargentos voltam: «Tudo pronto!»

Os homens estão municidados, prontos para a largada do destino incerto... Os meus rapazes, os meus irmãos...

E o luar desvaira, amedronta... Parece dia!

Seguimos pela trincheira acima. Silenciosamente. Rápidos...

E pergunto-me:—Se uma contra-ordem viesse que te desligasse da tua oferta, não respirarias melhor, não ficarias contente?

O bombardeio cessou... Agora é o luar quem ataca, é o inimigo o luar...

E vamos pela trincheira fóra...

Um oficial que espera estende-nos a mão calado, comovido:—«*Bonne chance*»—«Até logo, velhinho...»

E uma vez no parapeito, sob o luar enorme, dispõem-se os grupos, dizem-se as últimas ordens. Os que ficam olham-nos, calados. No silêncio e no olhar deles há carinho fraterno... Vamos! Saltamos fóra, passamos as nossas defesas, eis-nos na Terra de Ninguêm...

Um homem chega correndo sufocado: «Meu tenente, meu tenente! Deixe-me ir, quero ir!... Ó meu tenente!...»

São 120<sup>m</sup> os que nos separam do objectivo. A herva húmida brilha ao luar e os fios das defesas farpadas. Logo a seguir ao parapeito há uma grande

cova cheia de água. É o primeiro obstáculo sério. Depois os nossos arames ainda.

Os grupos, deitados por terra, esperam o sinal de avanço. E sob o luar algente e hostil, miseravelmente, sob todas as ameaças, — as metralhadoras, as granadas, as emboscadas inimigas, no silêncio asfixiado, rolando na lama, mergulhando na herva húmida, parando à escuta, suspensos a cada ruído, — lenta, vagarosíssimamente, caminhamos...

Rastejando... Uma serenidade enorme toma-nos a alma, aos poucos... E não é resignação, abandono, esta serenidade... É feita de confiança e certeza, de resoluta vontade e orgulhosa accitação da Morte... Vamos!... Aos lados destacam-se os outros grupos. O meu procederá à execução do programa. Levo comigo homens destemidos, mais resolutos do que quem os comanda..... Vidas que vão comigo, almas que se fundem nesta hora de Vida e Morte, na minha alma ansiosa e sequiosa de atitudes, gestos eternos... De vez em quando sufoco uma palavra de rude reprimenda... É um deles que se mostra demais, que teima em não marchar de rastos e acha preferível, por cómoda, a marcha a quatro membros...

E, de repente, as vozes *deles*, guturais em que a palavra Karl parece repetir-se, chegam-nos aos ouvidos... Na trincheira *boche* trabalham, prégam estacas, enchem sacos de terra, parece...

E aquelas vozes são um grande motivo de emoção intensa, àquela hora, ali, sob aquele luar gelado, para êstes homens que vão dar a morte ou recebê-la, tentar um impossível quási...

Avançamos ainda... Atrás de nós, sôbre o parapeito nosso, tam claro é o luar, distinguem-se as silhuêtas inquietas dos que esperam...

E as vezes do *boche* são mais próximas, junto de nós quási, inquietadoramente próximas...

Orientámo-nos... Rastejando, um homem de ligação avisa os grupos. Obliqua-se à esquerda...

Já vemos o arame deles, estamos na primeira rêde descontínua, frágil, emaranhada na herva alta. O terreno sobe ligeiramente... À nossa frente, a 8<sup>m</sup>, dois vultos, apagados sôbre a massa espessa da rêde de arame, deslocam-se.

Vejo nitidamente um deles, a três quartos, numa atitude de incerteza já pânica,—olhando... Vejo-o, agora. Já um outro vulto se esgueirou, desapareceu sob o arame. Tenho interêsse em não acreditar que sejam *êles*...

*Êles* eram a guarnição do posto que procurávamos...

Tinham-nos visto já, decerto, ao atingirmos a crista da pequena dobra de terreno que lhes mascara as defesas... E agora, na raiva dêste insucesso, ninguém pensa em retirar. Toimosos, durante mais de meia hora, (há 1 hora que largámos da nossa trincheira), vamos procurar uma outra passagem, o ponto fraco do arame por onde entremos... ou tentá-los, a *êles*, — a um ataque, fóra... Aviso a minha gente. Ao grito combinado falarão as baionetas... O arame é espêsso como uma muralha. Em frente do posto abandonado, estreita, nítida e em zig-zag vai uma pequena passagem. Esperamos sempre. No parapeito vêmo-los, inquietos, espreitando... Nem



um ruído... Porque não disparam? Porque não lançam granadas?

Duas horas e meia. Luar a pino. Estou numa cratera cheia de água. Ao meu lado os meus homens movem-se irrequietos... Eu espero, conto gritar daqui a pouco o grito belo:—«A êles!» Penso que o *boche* percebendo apenas um dos grupos não deixará de tentar apanhar-nos vivos. A rectaguarda, aos flancos, estão homens nossos, à escuta... Mas, de repente, sêcas, rapidas as granadas caem junto de nós mesmo... Um pequeno clarão na claridade enorme...

E as balas silvam. O *boche* faz cantar as eulatrás. Ninguém nos ataca fóra... Do parapeito deles estão mais seguros, a tarefa é mais fácil, mas o nosso insucesso é completo...

Sôb a morte *cavámos* <sup>(1)</sup>, por grupos, conforme o plano... E aquele espaço que nos levou uma hora a atravessar, agora corrêmo-lo em segundos... Num momento, tropeço, cáio do alto, numa cratera desamparadamente...

E os meus rapazes julgam-me ferido... Correm para mim, (que importam as balas, os estilhaços?) erguem-me em pêso:

—Meu tenente, ferido?...

—Ah! soldadinhos de Portugal!

E os homens entram o parapeito nosso de novo. Fóra, espero a entrada do último. Lentamente o último grupo avança...

«Quem falta?» «Há gente a mais, meu tenente.»

(1) Retirámos.



Devíamos ser 19. Contamo-nos 21... Sem licença, teimosos, alguns tinham querido ir, haviam saído depois de mim. Mas no arame *boche*, numa cova funda, ficára ainda o mais valente, aquele que eu recordo agora, pequenino e loiro, que era sempre o primeiro nos serviços de risco, êsse para quem vão estas lágrimas, estas lágrimas de camarada o irmão...

Meu bravo *Santo André!* Vejo-te na nossa trincheira antes de sairmos. Acabavas um cigarro tranqüilo, a arma em bandoleira, a baioneta alta, com duas granadas, nas algibeiras do peito... E que serêno, que simples, meu pobre irmão!... Suponho-te à frente de todos, no lugar de mais risco, a 5 metros deles, no lugar de honra morto da mais bela morte, quando tentavas forçar uma passagem...

Espera... não ficarás nas mãos deles...

## O ELOGIO DO *VERY LIGHT*

**B**EMDITO sejas! És a formosura da noite e a luz das horas cegas, o aquietador das enervantes ansiedades,—o grito de socôrro, a palavra luminosa e fraterna...

Flôr de luz que abre um suspiro nos peitos opressos, pão dos olhos famintos amargurados na espessura da treva...

Sobes, desfolhas-te, ó lírio alvente, rosa de sangue, lágrimas de esmeralda... Alumias... Flôr do nosso jardim dos suplícios... Cântico, ou súplica, prece ou oferta...

Aos olhos que velam rasgando a noite negra,— a sombra gera os seus monstros, povôa-se de ameaças, enreda-se de pezadêlos... Na volúpia diabólica das coisas dando-se à treva,—árvores, ruínas, boqueirões, destroços, animam-se de atitudes estranhas.

A sombra ondeia, avança rastejando, infiltra-se, vem para nós como um pezadêlo...

Um tiro corta a noite... A visão negra esbate-se um momento... Mas de novo, no olhar possesso de treva, no coração alarmado, — fere o ritmo duro, sufocador da obsecação teimosa...

A sentinela bisonha vê, ouve, no silêncio e na treva... O oficial ou o graduado que rondam debruçam-se no parapeito, como sôbre um abismo...

Num momento, o contágio sugestionante vai a tocá-los... Com efeito... Anda gente lá fôra... O posto de escuta está muito à direita, fóra dos nossos arames... Já se vai ver...

E um *very light* é lançado de entre os traveses à rectaguarda...

Primeiro é a detonação que arremessa ao alto a pequena carga luminosa... As sentinelas mergulhadas na treva, ouvido atento, olhos espantados de escuridão, estremeçam...

Já ao alto, num ruído mais leve, a grande flor luminosa abre, fixa-se um momento, desfolha as pétalas ardentes...

E a terra de Ninguêem acorda, soergue o manto negro que a sufoca e esmaga...

Brilham as crateras cheias de água, perfilam-se os troncos mutilados... E os arames, as hervas scintilam o rócio das lágrimas que a terra chora entre trincheiras...

Caem as pétalas lentamente (caem as opressões dos peitos, os pezadêlos deixam de respirar, esvaem-se,) — e, lentamente, consomem-se, afundam-se nas ondas da treva que os engole.

Só entre as hervas altas o fogacho fica, fumegando, momentos...

E, na linha, as sentinelas erguem os ombros, respiram, dilatando o peito...

Mas, se nos segundos de claridade, fóra, imobilizados ou na precipitação dum movimento, os vultos hostis apontam, uma alegria que reprime o tropel das palavras murmuradas comunica-se, vai de lado a lado, na linha. Uma metralhadora chega, os atiradores preparam as espingardas. Com as pétalas morrentes dum novo *very light* cai a morte sôbre a patrulha surprêsa...

E a Terra de Ninguê m fica pontuada de fogo...

E o soldadinho de Portugal ri esfregando as mãos...

Outras vezes enquanto o bombardeamento esmaga a linha, e os homens, colados aos parapeitos, não sentem a morte, com a noite violada, listrada a sangue e oiro fundente,—nas mãos nervosas os cartuchos esperam...

Ao parapeito o alferes, (afirmando o ouvido na tormenta furiosa), empunha a pistola própria, enquanto ao longo da linha, os *very lights* brancos se repetem, constantes, furam o nevoeiro saturado de fósforo, caem sôbre a miséria revolta e demoníaca, — e espera que além, defronte, os primeiros vultos se levantem, na primeira vaga de assalto...

Lá em baixo, junto às pranchetas, os artilheiros velam. Os corações de aço pulsam ansiosos de vibrações mais loucas...

Febrilmente, na linha, os dedos palpam os car-

tuchos vários, brancos, verdes, vermelhos, azuis...  
A pistola está pronta.

Na Terra de Ninguêem há ruídos... O bombardeamento abandonou a linha.

O *boche* alongou o tiro... E à luz dos *very lights* desenham-se vultos, lá fóra, que se precipitam sôbre os parapeitos...

Colorido, enorme, um *very light* abre no ar, paira suspenso, cai...

E já adiante, os foguetões, resfolegando, num ruído crescente, sobem no ar, desaparecem...

Sôbre os homens da linha tombam as lágrimas de sangue, vagarosas, dolorosas, imensas...

A tragédia da noite! A dôr infinita,—o céu chorando sôbre os horrores da terra?... As lágrimas de Deus!...

*Very light* ... Flôr da *trincha*,—pranto, lágrimas!  
És a formosura da noite, a luz das horas cegas, a palavra fraterna, o grito que sossega e afaga,—o brando luminoso que ouvem as almas e os olhos...

Bemdito sejas!... Bemdito sejas!...

## O ELOGIO DA NEVE

**I**LUSÃO da primavera, luar da terra, purificação das ruínas miseráveis, — Nossa Senhora Branca, — formosura da trincheira, nossa Amiga, nossa Amiga...

Toda a tarde os jardins do céu se desfolharam...

Tanta flôr, senhor Deus! E tam brancas, tam lindas!... Camélias geladas, lírios, madresilvas, gardénias, rosas, cravos de leite, toda a poeira da via-láctea caindo!... A tristeza da trincheira magoára o coração de Deus... A tristeza negra da lama, da terra amassada em sangue, dos velhos sacos desfiando a podridão que trazem em si...

E Nosso Senhor sabe que andam anjos na terra batendo-se, anjos bons, como naquela guerra do Princípio das coisas que despenhou Satan...

Nosso Senhor amerceou-se da gente...

E quis-nos tapetar as linhas, êstes campos dilacerados e tristes, esta lama horrenda, com todas as fiôres do jardim do céu...

Teve piedade das árvores sem renôvo, e floriu-as de candura...

Pôs no ar frio a esperança, a realidade da primavera.

A terra é noiva... Noiva... Noiva... Da Vitória? da Morte?... E fez-se o dia mais claro... Quo a luz é o perfume de todas estas flôres caídas, immaculadas...

Os pastores do Portugal trazem pétalas nas dobras dos pelicos, no pêlo dos çafões que põem a nota idílica, pastoril na epopeia silenciosa...

Como é bom caminhar sôbre flôres!...

E não as maculam os rudos pés ferrados...

Fica purinha o feliz de ter sido macia...

Santa Neve! Santa Neve...

O frio é amigo, toca-nos as faeces como beijos que duram e nos põem rosas na pele...

Os abrigos, as entradas dos abrigos humildes parecem grutas floridas...

Os arames desapareceram sob a chuva de alvura... As trincheiras cobriram-se de inocência... A luz é mais branca, mais dôce, nós somos melhores...

E como as trincheiras são lindas!... A neve cobriu de gazo celestes as feridas feias dos parapeitos; crateras geladas fecharam a feia boca hiante...

Santa Neve! Santa Neve...

E agora, com a noite que vem, a luz fica, demora-se... A neve é como um braseiro brando... Mal a purpleja o tímido poente... A neve está cheia de Alegria.— «Senhor pai, senhor ingrato, — nós cá ficamos, seremos o sol da noite, enquanto não vier nossa irmãzinha, a lua...»

E a poeira do céu que foi luz do Sol, porque os

jardins, lá em cima, os regam bem-aventurados com água doirada brotando nas claras fontes do Sol... — os corpúsculos de alvura conchegam-se, cantam, numa alegria de meninos...

— Que bom, que bom!... O senhor pai foi-se embora... Podemos bailar contentes esta noite toda até vir o Sol...

Já no poente se extinguiu o último rubor...

Nas planícies do céu anda perdida a lua, nossa amiga... Tudo tão negro!... As estrelas mal atravessam a escuridão... E, aos poucos, numa aleluia lenta de doce triunfo, a terra faz-se transparente, exala claridade, mar fosforescente e calmo, com ondas paradas, — corpo de sangue solar...

Jardim etéreo de silêncio e alvura... Passam as balas uivando... Andam os demónios fóra... Mas o encanto da noite afugenta os demónios e o silêncio sobe da terra alvente ao coração dos homens...

Silêncio, silêncio!... quem deslisa na neve?

Os deuses, as almas das herdades em ruínas que regressam saudosas, os amores dos fugitivos que são longe? é o tempo que passa, são as horas ligeiras?...

E o fantasma da primavera?...

Silêncio... Silêncio...

⚡ Nos parapeitos o soldadinho vela, reza saudades, diz as palavras de bem amar à neve clarinha...

Longe, longe, nas pobres casas de telha vã e pedra solta, nos catres pobres dormem os do seu sangue... Portugal tam longe!...



A saudade é fortuna, certas dôres, tesouros...  
Meu afortunado soldadinho de Portugal...

Sorri, trauteia em voz baixinha os cânticos da  
tua terra, ao meio da neve, da neve que por ti vela,  
canta, reza, sorri sósinho que os teus sorrisos fazem  
a alegria do Senhor...

✍

«AQUI SE VIVE FORA DO  
TEMPO E DO MUNDO...»

JÁ lhe chamaram claustro de morte e de silêncio...  
Naves do pezadêlo numa catedral de drama...  
Terra santa povoada de calvários...  
Terra cruxificada, cemitério de vivos e mortos...

Sóror Morte assiste às nossas horas, anda conosco, fez-se da nossa vida...

Ela nos sorri além, entre campas floridas, — nos oprime de emoção altiva frente aos camaradas sangrentos.

Sóror Morte, amiga o companheira...

E a terra sangra, clama por mil bôcas hiantes, pasma nos troncos mutilados, reveste-se de lama, — lágrimas e sangue do seu calvário...

Pelos caminhos fundos o estreitos, quási subterrâneos, passam os homens oprimidos da permanente ameaça; junto aos parapeitos, perto *deles*, — passam os homens asfixiados de silêncio...

E anda o ar saturado de morte...

Neste silêncio as almas penetram, embebem as palavras surpresas, os corpos e os olhares...

Os homens dir-se-iam sombras, almas deambulando...

Os olhos ardem... Os vincos dizem domínio, vontade, vitoriosa velhice fidalga nas faces fatigadas...

E sôbre cada vida, a Morte familiar sorri no-breza, altura, grandeza eterna.

Nas noites longas a escuridão esmaga a linha, obstrói as trincheiras, pesa como montanhas...

Os homens são rochêdos atentos, desafiando um mar invisível...

Todos os sentidos se apuram desvairadamonte, num esforço que os gasta e branqueia os cabelos...

Noite do Mundo. Noite ancestral, ameaçadora, —profunda...

As gárgulas e as quimeras de cathedral sem flechas, humílima de lama, em que as almas sómente sobem em delírios santos, belas de assombros altos, —as quimeras e as gárgulas pasmam os olhos doídos na escuridão...

Depois a noite cansa-se de oprimir a terra... Cai, gasta-se como as côres puídas de contatos e tempo...

As coisas libertam-se... Emergem na luz alvaconta...

E um grande suspiro sobe da terra, um suspiro imenso, das montanhas ao mar, de todas as almas, de todos os pezadêlos que tombam, de todas as vidas que viveram, e de quantas à morte andam oferecidas ali...

E é êsse suspiro imenso que faz nascer o Sol...

## UMA HORA GRANDE

Ao cabo Manuel de Almeida,  
Cruz de Guerra.

**N**ÃO é a decisão temperada de orgulho, envaidecida de vontade, ampliada de sacrifício, que, nesta guerra faz, por si só, colheita de triunfos . . .

As horas belas passam, e vão cegas, ao nosso alcance mesmo quando as não buscamos . . .

E muitas vezes a desilusão sangrenta, a inutilidade do esforço prodigalizado e a morte são a colheita amarga do perigo vivido, aceite com exaltação . . .

Esta madrugada, uma patrulha de combate voltou sem prisioneiros, sob as granadas e as balas . . .

E, sôbre o insucesso, — um homem ficou junto à trincheira inimiga, ferido ou morto, sózinho.

Já o Sol nascera quando, de certeza, souberam que faltava um homem. Além dos voluntários saídos com o chefe, outros, outros haviam saído depois . . .

E, na confusão da volta, à hora de alva, os che-

fes dos grupos, à pergunta «Quem falta?» haviam todos respondido: «Ninguém».

Nas mãos do inimigo, ferido ou morto, ou entre os arames *boches*, ficára um dos mais valentes...

Um soldado nunca abandona outro, diante da morte. E os nossos mortos só dormem, calmos, nos cemitérios a que fazemos guarda, nós.

É dia claro. No meu abrigo há uma tristeza cheia de sombras...

Um cabo, curvo sob a pequena entrada, pede licença, quer falar-me.

— O «Santo André» não aparece. Buscámo-lo por toda a parte. Não está no abrigo...

E depois de uma pausa, olhos nos olhos, tímidamente:

— Dá-me licença que vá ver?

É dia claro. Ferido ou morto, se o *boche* o não recolheu, «Santo André» deve estar a cinco metros, o máximo do parapeito inimigo...

Um homem, para lá ir, corre dois riscos: ser feito prisioneiro ou morto. Mal tem uma tenuíssima probabilidade de não ser visto e voltar...

Mas eu sinto apenas coragem para dizer estas palavras em que me dou todo, admirado:

— Vá!...

Menos de uma hora depois o mesmo vulto asso-mou junto do meu abrigo:

—O meu tenente dá licença?

—O «Santo André» está morto, nos arames, numa cova de morteiro, o ventre esfacelado, a cara voltada ao alto . . . Trouxe-lhe a espingarda. Se os maqueiros forem comigo, e V. Senhoria der licença, vou buscá-lo . . .

. . . Um soldado nunca abandona outro. Os nossos mortos só dormem soccados ao lado dos companheiros, nos cemitérios onde vamos vê-los, nós...

Depois, sôbre a amargura do insucesso, — o meu orgulho sofre.

O comando, recioso duma violência *boche*, dum irrespeito à Convenção, teme o fuzilamento ou detensão dos maqueiros. Opõe-se.

Argumento em vão. Adivinho frágil, pouco convicta, a resistência que me opõem.

Mas as responsabilidades crescem com a hierarquia . . .

Fica assente que à noite uma patrulha irá buscar o cadáver . . .

Penso que o pôsto de escuta inimigo, junto ao qual nos atacaram, será ocupado ao-anoitecer. Verão o cadáver. Será tarefa inútil. Perderemos gente ainda, talvez . . .

Ouçó o meu coração, e uma intuição amorável serena os meus receios quanto à violência inimiga.

*Êles* são homens, são soldados também, hão de respeitar os meus soldados. Hão de compreender. *Êles* . . .

Chamo o cabo. Nomeio dois maqueiros. Não aviso o comando. Desobedêço pela primeira vez.

E subo à linha com um alferes da Companhia C. F. . . .

Sol ardente . . . Morteiros de linha a linha. Não penso. E soffro apenas do meu orgulho humilhado...

Não ir eu lá . . . Eu . . .

A maca está já sôbre o parapeito. O cabo, de pé, sai fóra.

Estaca, volta-se para mim, já na Terra de Ninguêm:

— Meu tenente: Vê-os! . . .

No parapeito inimigo, a 180<sup>m</sup>, erguem-se quatro cabeças.

Deitado sôbre o parapeito, binóculo em punho, o alferes C. F. mostra-mos.

Comnosco está um outro oficial que não conheço. De fóra do parapeito, o cabo pergunta ainda:

— Meu tenente, vou?

Sinto-me sem vontade, como uma coisa flutuando à mercê de receios — miseravelmente.

O cabo entrou de novo o parapeito. Dirige-se-me. No meu espírito há uma luta doida . . .

. . . « Um soldado nunca abandona outro. Os nossos mortos só dormem tranqüilos no meio de nós . . . »

Silencioso, o cabo interroga-me com os olhos ardentes.

Que miséria, hesitar!

Tenho um gesto. O cabo sai de novo e atrás, lentos, os maqueiros . . .

Vejo-os seguir direitos à linha inimiga. O coração suspende-se-me. Sufoco de ansiedade . . .

E os nossos bombardeiam de repente a linha fronteira. Os estilhaços, depois, alguns, veem mergulhar, soprando, nas crateras cheias de água, por detrás de nós . . .

Os soldados avançam pela Terra de Ninguém.

Os alemães levantam ligeiramente a cabeça ao lado duma grande chapa de ferro erguida ao alto.

Fecho os olhos . . .

Quando os abro, num receio que galvaniza todos, os maqueiros, junto às defesas inimigas, erguem devagarinho o cadáver. Num gesto acanhado, o cabo saúda os camaradas alemães. Estes saudam-no também sorrindo . . .

O meu coração encheu-se todo do Amôr da Vida, principiou a pulsar, e foi um esplendor de emoção que me inundou, me cingiu todo . . .

De lado a lado bombardeavam-se criaturas estranhas.

Os estilhaços sibilavam no ar ardente de apoteose, comovido e enternecido . . . Deus, no céu, devia sorrir, decerto . . .

Lenta, a maca vinha através da Terra de Ninguém . . .

E o Sol tocava, num beijo d'oiro, a face do cadáver serêno . . .

Subi ao parapeito, possesso, esquecido das hesitações de há pouco, deslumbrado, fremente.



A minha fronte devia roçar os astros se o meu corpo se alasse na emoção que em mim tumultuava, como um oceano.

Perfilei-me, respirando todo o ar daquela tarde eterna em que eu era apenas o espectador deslumbrado. Saudei num gesto que quisera de bronze e de esplendores... E num grito que era um canto erguido a Deus e à Vida, ao meio da Morte e sôb os estilhaços, olhos borbulhando lágrimas, os lábios vibrantes, o corpo imobilizado, clamei:

— *Dancken Schoen* ... (1)

Eram saxónios os camaradas da linha fronteira...

E a guerra um momento não foi sôbre a terra inocente e refflorida...

Sentimo-nos todos homens, no regaço da Vida, nossa Mãe!...

E o meu «Santo André» veio dormir ao lado dos seus irmãos...

Nos bolsos do peito duas granadas Mils afloravam inúteis.

O ventre desfeito, as côxas dilaceradas, a expressão eterna, — na maca sangrenta, o meu herói fitava o céu e Deus...

Um silêncio feito de arrepios fez-se no céu e nas coisas...

Nos nossos olhos ardiam lágrimas.

Saudámos...

(1) *Muito obrigado.*



## DO MEU CATECISMO . . .

Encontrados no espólio dum camarada morto, tenho conservado sôbre o meu coração êsses apontamentos que a morte vinçou duma severa grandeza.

Êles são daquele oficial, cheio de orgulho e espírito de sacrifício, que, numa hora de luta e sofrimento para os seus homens, chorou de desespero por não poder ser com êles, sofrendo, lutando ou morrendo . . .

E eu coloco-os aí como sôbre uma pedra de ará, votando-os à heróica memória dos que tombaram com beleza . . .

### 1

A farda é a mais bela das mortalhas.

### 2

Quando o perigo para ti crescer ou dominar teus dias, fecha os ouvidos, sempre, à logica do teu egoísmo. Invoca a tua alma. Aproxima-te de Deus.

Fecha os olhos e vai!

## 3

Nos mais puros heróis murmura a Pátria sua voz de Milagre. Se lhes chamais heróis, — coram.

## 4

Procura viver entre sugestões heróicas, à flôr da tua alma. Embriaga-te excessivamente no desejo de te superares. Arde na irrequietude do teu orgulho activo. Não sucumbas diante das realidades quotidianas. Sê a excepção.

Vive na minoria.

## 5

Sôbre a tua farda a tua bandeira. Sôbre a tua bandeira o brio ardente dos cavaleiros, a paixão da Beleza e o Amôr de Deus.

## 6

Ama os teus soldados como teus filhos.

Pensa que sofrem mais que tu e fazem, à Pátria, um sacrificio maior do que o teu.

Assiste-lhes, levanta-os a ti, sê o pai carinhoso e a mãe enternecida, — o irmão companheiro e o capelão que absolve...

Mas sê duro, brutal, impassível nas horas graves.

O bom chefe é adorado e temido, receado e venerado, admirado e imitado.

## 7

Acredita sempre que os teus soldados são os melhores do teu exército.

## 8

Não é pela sciência que te impões aos teus soldados.

A verdadeira autoridade conquista-se pela bravura.

Sê o mais bravo dos teus homens.

## 9

Não te envergonhes de desejar honrarias. A um soldado e a uma mulher ficam bem os adôrnos belos...

Mas nunca mintas para as obteres. Não ocultes o teu receio nem estranhes o teu heroísmo.

## 10

Sê natural sempre. Há modéstias mais antipáticas que os mais hostis orgulhos.

## 11

Faz-te temer de todos.

O soldado sem faltas, puritano e altivo, justo e violento, é invulnerável a todas as feridas.

Nem a morte o destrói.

## 12

Sê bom, generoso, piedoso. Mas que o gesto de afago não deixe esquecer o aço dos teus músculos irritados.

## 13

Não tenhas preocupações excessivas de justiça nas horas difíceis. Nas horas difíceis faz justiça por tuas mãos.

## 14

Só os covardes hesitam. Os iluminados por uma fé ou um culto abrasado do seu dever, encontram, naquela ou neste, a justificação da sua violência.

## 15

A violência é bela quando a alma de quem a exerce é pura e elevada.

E apenas são belas as violências que se resolvem, uma vez domada a sua causa, — em carinho, assistência e perdão...

## 16

Toma consciência da tua responsabilidade.

Mas diante dum acto belo e necessário — que ela te não faça recuar...

## 17

Do inimigo só ataques e a hostilidade nos enobrecem.

Não te iludas com opiniões diversas, — que te mancham o brio...

## 18

A ordem que receberes cumpre-a. Mas dentro do seu cumprimento embeleza-a se possível fôr, torna-a mais útil, dá-lhe da tua iniciativa e do teu esforço quanto puderes.

Cria, servindo.

## 19

Servir é belo quando admiramos e amamos quem nos comanda.

## 20

Sôbre toda a brutalidade dolorosa da guerra, — muito alto e cheio de pureza, está o orgulho do soldado perfeito: — o que se bate, dando-se com alegria, — ao perigo, ao sofrimento, à miséria e à morte.

## 21

Os soldados não morrem. Não se morre na guerra. Compreendes?

Se te bates por um ideal, se tens alma e um amôr sob a tua farda, e um sentido verdadeiro da tua Pátria ilumina os teus dias, — podes compreender-me...

## 22

Nunca rezaste junto a um coval de soldados,  
num campo de batalha?

Nunca viste, enfaixados nas mantas sangrentas,  
como múmias, — cadáveres de guerreiros?...

Não assististe já, depois de um combate, ao en-  
têro de soldados nossos e de soldados inimigos?

E então?...

Os soldados não morrem.

Não se morre na guerra.

## 23

Se a tua noiva é uma alma viva em Deus e no  
amôr da Pátria, — ao receber a nova da tua morte  
chorará lágrimas menos amargas...

Tua mãe dirá que o filho querido não morreu e  
vai reflorir na glória dos dias futuros...

Os teus filhos pensarão no orgulho que lhes  
deixas...

A morte é uma ilusão civil...

## 24

O soldado, hora a hora vindo numa oferta de  
quanto é mais caro na Vida, dando-se à Morte a  
cada momento dos seus dias pobres de todo o con-  
chêgo — sofre dum egoismo:

É como uma criança.

Quere sentir-se afagado . . .

## 25

Se a tua Pátria não te sabe dar o carinho afa-  
gante que embalaria a tua miséria encantando-a—  
ergue-te ao Futuro, reveste-te de maior orgulho,  
não te deixes diminuir como fôrça activa . . .

Quanto mais sósinho andares nos teus caminhos  
dolorosos, mais formosa e dôce há de ser a consola-  
ção da tua alegria.

## 26

Para todos os soldados é o reino do céu, quando  
se batem pelos interêsses de Deus.

## 27

Bem aventurados os que se batem porque teem  
o seu calvário . . .

## 28

Os que se batem pelo Futuro do Mundo, são os  
redentores, os Cristos da nova Idade.

## 29

Diante dum camarada morto saúda e enxuga as  
lágrimas.

Depois grita uma ardente ameaça, esculptura o  
gesto de desafio que há de vingá-lo.



## 30

Diante das campas dos teus homens saúda e enxuga as lágrimas.

Reza. E que a tua oração termine por palavras de vingança.

## 31

Quando o horrôr da guerra chegue mais vivo aos teus olhos e, na amargura da Vida insultada, negada, sacrificada, — um sentimento bom se erguer em ti diante da terra ferida, das ruínas monstruosas, dos cemitérios cheios, das trincheiras sangrentas, interrogando: «Para quê» —, cala o teu egoísmo e vai da tua piedade inerte à piedade resoluta e activa que, em nome da Vida afrontada e da terra sangrenta, lutando e morrendo, — há de vingar a terra e a Vida, destruir no mundo a violência e enxugar para sempre as lágrimas de Deus . . .

## 32

Ao inimigo, em combate, balas.

Ao prisioneiro, carinho.

Ao morto, respeito . . .

## 33

Em frente do teu inimigo, — se queres honrá-lo, combate-o.

Em frente do teu prisioneiro sê bom, generoso. Mas não te humilhes . . .

Diante do Morto saúda o camarada e irmão que um desvairo lançou contra a tua civilização como um criminoso, mas que se bateu e sofreu em nome do dever.

34

O inimigo vale sempre menos que tu, se assim o quiseres.

35

Entre o teu ferimento e o do teu inimigo, não hesites: cura o teu inimigo.

36

Se, no perigo, os teus soldados hesitam, não hesites, expõe-te, morre. O teu sacrificio florescerá em heroísmo, neles...

37

Amôr ao perigo?... Se és jovem e tens uma alma, hás-de senti-lo, êsse culpado amôr,—que dá ventura, exalta, canta, decuplica esforços, faz amaneher a vitória na alma...

38

Chamar-lhe-hão loucura, fruto dum orgulho doente, criminoso excesso, os que não souberem admirá-lo.

39

Se és jovem e tens alma, o amôr ao perigo em ti será a tua devoção pela vida, a tua prece, o teu cântico...

40

Ser jovem e não ser bravo, que blasfémia!

41

A prudência é irmã do egoísmo, vivem a paredes meias. O egoísmo e a covardia são valores iguais...

42

Soldado e uma vez em campanha, fizeste já oferta da tua vida, empenhaste-la em nome da honra da tua Pátria.

Só a resgatas dando-te.

A morte dum soldado é uma redenção.

43

Quando te bater à porta o pensamento amargurado dos teus sósinhos no mundo, abandonados aos egoísmos dos *outros*,—fecha os olhos, não penses...

Fecha os olhos e vai...

44

Sei que, muitas vezes, ao saltar o parapeito,

\*

sentiste roçar por ti a friagem do mêdo e tremeste. No entanto, na realidade exaltante da acção, foste tu próprio impellido por ventos heróicos.

## 45

Nunca julgues os sacrificios excessivos, a ousadia sufficiente, e os perigos afrontados direitos bastantes a um repouso, emquanto se batem ainda os teus irmãos.

## 46

Inverte o natural egoísmo do teu sêr. Em vez da segurança inveja o perigo. Chega a ter mesmo emulação das mortes belas . . .

## 47

Se alguêm te exceder, por valor ou favor de circunstâncias, — na sua coragem ou nos seus actos, aplaude, exulta no íntimo de ti mesmo, — e depois, procura fazer melhor.

## 48

És soldado. O peito dum soldado fez-se para condecorações.

Condecora-te a ti mesmo, diante de Deus, no silêncio da tua consciência.

E sabe que os elogios dos nossos soldados são as mais belas condecorações.

## 49

Todas as faltas dum subordinado fazem a acusação do chefe.

Pune-as primeiro. Emenda-te, logo depois.

## 50

Sê bom. Mas não sejas fraco.

## 51

No exército só os excessos da bravura podiam merecer indulgência . . . E são às vezes perigosos embora belos . . .

Acautela-te contra os excessos do teu zelo de justiça . . .

## 52

A cada falta uma punição. Sempre. Falta não punida é malha rôta.

## 53

Ser oficial quiere dizer: ser Cavaleiro. É difícil ser Cavaleiro nos tempos de hoje. Se Deus te dotou com Alma para sê-lo, conserva-te impoluto, guarda-te,—para que a tua espada tenha o pêso dum montante iracundo e o resplendor dum claro.

## 54

Põe nos teus galões a tua honra, nos copos da tua espada o ideal.

Serve de modo que nem os teus galões nem a tua espada se maculem jámais.

55

És soldado, quere dizer: vestal. Guarda o teu heroismo puro como um fogo sagrado.

56

Não te brutalizes. Já que não permitem as flores sôbre o teu dolman, é preciso as tragas sempre no coração.

57

Se a tua mocidade, meu Galaaz ardente, encontrar ao iniciares a carreira, no primeiro quartel, a decepção desiludida, — não esmoreças, defende-te, conquista, impõe-te. Sê o baluarte dos teus attributos belos.

58

Sorri à Morte sempre que a adivinhares.

59

Faze o teu amôr escravo feliz do teu Dever.

60

Que a última atitude, tombando, seja a duma estátua gloriosa.

## ÚLTIMO DIA DO ANO

A TERRA branca, toda branca de neve...

E sôbre o enorme canteiro, como no imenso parque dum castelo misterioso onde se desenrolasse um alto drama,—o silêncio tombou, aninhou-se, aconchegado àquela alvura irmã...

Porque são irmãos o silêncio e a neve...

Nas linhas, perto, na calma da noite alumiada, sob os pelicos pastoris, floridos de neve,—os soldados de Portugal vigiam a Terra de Ninguêm e as saudades da sua Terra...

Não vão elas erguer-se numa abalada de ferir as almas...

Último dia do ano... Foi-se já o Natal na ausência...

E as almas dão-se à anargura que é bálsamo de quem nada mais possui...

A noite é como um vasto oceano sem ondas... O silêncio um mar parado...

Que ventos misteriosos levam os dias e os anos, para nunca mais?

E o ano que passa é já uma galera no horizonte, apontando só os mastros agora, a perder de vista, a esbater-se em ausência...

Que saudades!

Dia a dia, hora a hora, fomos pródigos loucos desperdiçando tesouros... Quanta beleza perdida, quanto gesto belo irrealizado, quanto pensamento anoitecido em inércia, quanta conquista abandonada e esquecida?

Os anos passam com um vento frio que nos gela a alma...

E a tristeza das coisas sem remédio é nos corações arrependidos, amargos de desconsôlo...

Os minutos seguem-se, afundam-se, lentamente, como na água pasmada e abismal dum pântano.

Penetro em mim mesmo, condôo-me de mim, escuto...

Aproxima-se a hora alta da meia noite. Lá fóra a neve aconchega-se, de frio, penetra-se, absorve a luz das estrêlas e os ruídos, todos os ruídos...

Um grande silêncio de mistério anda lá fóra e vem, com lentas, envolventes sugestões de íntimos dramas, bater, acordar os nossos corações.

Dormem as baterias pelos campos brancos. A guerra descansa.

Os homens sentem o rubôr dos seus arrependimentos.

Mais um ano. Na grande luta apocalítica que desvaira o mundo, são os dias iguais, formam o enorme



bloco, montanha disforme cujo eterno vulto há de assombrar idades... Nem houve dias, tempo dividido pela estulta pretensão de aquilatar infinito, dominando-o nas pobres páginas dos calendários. Foram actos de vida e morte, vidas e mortes, almas, incêndios, tumultos, gritos de raiva, gestos de dôr, cânticos...

Foi a sementeira da morte continuada ainda para a grande formosa colheita humana.

Pasmados, absôrtos, sem saber mas adivinhando quási—foram os homens batendo-se por Deus, pela grande luz que clareava os magoados vultos maternos das suas pátrias.

E, à beira do novo acto do drama, escuto em mim...

Sob o trágico fardo das suas redenteras agonias, sôbre o luto sangrento, as feridas da terra, a devastação nas cidades e nas almas, a França ergue-se já com a clara consciência divina da sua fôrça eterna. Macerada e crucificada, as fôrças invencíveis, os indomáveis ímpetos, estão com Ela, ardem nos olhos dos seus soldados-arcânjos, são auréola e canto de triunfo!

A grande traição russa, tragédia em que há espessuras de bestialidade, trogloditas balbuciando uma linguagem de deuses, vages incêndios de alma nos clarões dos incêndios infames,—veio marcar, destacar, a confiança olímpica da França na vitória.

Nunca a senti tão serêna e segura.

A França bate-se como Minerva. A sua espada

tem o brilho auroral dos gládios forjados pelos deuses...

E por toda ela, por todas as almas, é a primavera de Deus, o renôvo de um grande amôr...

Um divino sentido vem dealbando nestes tempos de angustiosa beleza. Já se adivinham as florações eternas, as assombrosas colheitas de amanhã...

A França vive na aceitação cristã da dôr, na atitude que oferece, na exaltação ardente... Sabe que se bate em defesa de Deus!

E a minha Pátria?...

...Portugal desfeito, torvelinhando um ciclone de loucura inútil. Revoluções ensangüentando a história e as ruas; o podêr que nasce suggestionando, numa teimosia suicida, o gesto da revolução que o há de abater.

E um grande desprezo pela Pátria e por nós. Deus ausente das almas, de quási todas as almas, a Pátria expulsa de todos os corações...

A grande turba dorme ou pasma, sofre e cala, a imensa turba em cujo seio germina a grande redenção...

E a sombra miserável das lutas políticas, esparvorida de si mesma, aturdida de alarmes e de falsas suficiências, amontoado de pequenas sombras medíocres que no silêncio das suas noites, sôbre o tumulto das digestões que adormecem os sentidos, se acusam e coram,—ignora a grande turba onde a alma do Portugal vagueia errante e ignorada...

A minha Pátria! Formosa Pátria com destinos ardentes a cumprir no fadário do mundo. Virgem impoluta que vemos nas horas formosas através de lágrimas que já são auroras!...

Noiva florida na alma dos que por seu Amôr tombam na luta!

Senhora da Esperança, Senhora da Fé, nossa Senhora das Dôres!...

Menina louca errando em serranias, fugida à casa turbulenta onde não entendem suas scismas e falas...

Filha primogénita de Deus, virgem exilada, virgem crucificada, sempre impoluta e alva!

Pátria, alma mater da mais cristã e dôce das paisagens...

Palavra de rezar, terno sentido, ansiedade dos mártires e dos heróis, sagrado incêndio, abismo de que a vida ressurge sempre mais bela, montanha altíssima com uma ermida branca no cimo!

Minha Pátria sósinha, balbuciante no coração dos simples, dos cavadores, dos marinheiros e dos pastores de Portugal...

Pátria exilada e mentida e negada e vendida pelos outros...

Pátria dos olivais tranquilos, dos pinheirais com rôlas gementes, dos rios com noras lacrimosas, das praias com ondas florindo lírios desfeitos...

Pátria das serras altas e dos campos à beira mar... dos cajados idílicos, dos arados brilhantes, das quilhas possessas de ousadia...

Pátria dos namorados, das romarias das sementeiras e colheitas ao som plangente das canções...

Um ano passa sôbre o nosso gesto generoso e cavaleiro... A Pátria de Portugal sentou-se à Távola Redonda. Veio ao doloroso banquete da Paixão, através de tudo, a-pesar de tudo. Porque assim era da vontade de Deus...

Horas mais ardentes vão nascer agora. Novos calvários, sofrimentos mais belos, mais rútilas alturas de sacrifício e dádiva.

Os soldados de Portugal estão no exílio, exilados de todo o carinho, perdidos para a fé dos que ficaram entre neveiros tôrpes.

Portugal vivo, Portugal da Flandres, os soldados de África e da França choram o abandôno a que os votaram as sombras de Portugal...

Êles sofrerão, porém, com grandeza e beleza. A Pátria é com êles. Deus não os larga.

Os que morrerem renascerão para a eternidade. As mortes nos plainos da Flandres serão a vida dêste fantasma doido...

Os calvários da França hão de ser a redenção da nossa miséria.

Sombras de Portugal, odiai, fuzilai, conspirai, — ide, desvairadamente, de revolta em revolta, de crime em crime. Pasmai, alucinados de miséria e vaidade, em volta das palavras inúteis, dos homens transitórios, longe da Pátria e esquecidos de todos os martírios...

A Pátria não morre! Portugal é de Deus, — eterno! Porque há portugueses que morrem, sem ódios, como anjos que se desconhecem, erguendo

indestrutíveis padrões numa terra de assombros e imortalidade!...

Sombras de Portugal, odiai, desvairai-vos!

Felizes, nós! que temos a honra grave de morrer por Ela!

Meia Noite...

E de repente, rasgando o ar, violando a noite santa numa blasfémia doida, a artilharia inimiga rompe o fogo, em represália, sôbre toda a linha...

As baterias de Portugal respondem.

A noite ecôa assombrada, listrada de fogo e sangue, dorida e melindrada...

Sôbre a neve, as granadas exalam os gases mortais. Morre-se...

Os artilheiros de Portugal ripostam soberbos...

E é o novo ano que chega, assim...

VICTORIAE DEI LAUDES



L.  
62821



## ÍNDICE

	Pág.
Do diário dum soldado morto em combate . . . . .	11
O novo Restelo . . . . .	32
Com o tempo—I . . . . .	38
Cartas deles . . . . .	45
De como a Quixote Compagny foi às trincheiras . . . . .	50
Com o tempo—II . . . . .	58
Noite de chuva . . . . .	66
Por exemplo . . . . .	70
Uma carta . . . . .	73
Carta para meu filho . . . . .	76
Êles . . . . .	85
O elogio do miliciano. . . . .	93
Agora é só coragem . . . . .	99
Meu irmão artilheiro . . . . .	102
D. Quixote e Sancho Pança nas trincheiras . . . . .	107
Com o tempo—III. . . . .	113
Carta a meu filho . . . . .	122
Meu irmão subalterno. . . . .	128
Um gesto na escuridão . . . . .	133
Com o tempo—IV. . . . .	135
As ideas do alferes Turibio das trinchas . . . . .	147
Uma patrulha de combate . . . . .	178
O elogio do <i>very light</i> . . . . .	186
O elogio da neve . . . . .	190
«Aqui se vive fora do tempo e do mundo...» . . . . .	194
Uma hora grande . . . . .	196
Do meu catecismo... . . . .	202
Último dia do ano . . . . .	215

ACABOU DE SE IMPRIMIR  
NA TIPOGRAFIA DA « RENASCENÇA PORTUGUESA »  
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,  
AOS 24 DE DEZEMBRO DE 1918.  
PORTO













**NB**

